



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CEARÁ
CENTRO DE ESTUDOS SOCIAIS APLICADOS
CENTRO DE CIÊNCIAS E TECNOLOGIA
MESTRADO PROFISSIONAL EM GESTÃO DE NEGÓCIOS TURÍSTICOS**

WESLEYLTON SOARES DE SOUSA

**O CONSUMO TURÍSTICO NO TRABALHO INFORMAL DE VENDEDORES
AMBULANTES NA PRAIA DO FUTURO/FORTALEZA/CEARÁ**

FORTALEZA - CEARÁ

2016

WESLEYLTON SOARES DE SOUSA

O CONSUMO TURISTICO NO TRABALHO INFORMAL DE VENDEDORES
AMBULANTES NA PRAIA DO FUTURO/FORTALEZA/CEARÁ

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado Profissional em Gestão de Negócios Turísticos do Centro de Estudos Sociais Aplicados e Centro de Ciências e Tecnologia da Universidade Estadual do Ceará, como requisito parcial à obtenção do título de mestre em Gestão de Negócios Turísticos.

Área de Concentração: Gestão de Negócios Turísticos.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Luzia Neide Menezes Teixeira Coriolano

FORTALEZA – CEARÁ

2016

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação

Universidade Estadual do Ceará

Sistema de Bibliotecas

Sousa, Wesleyton Soares de .

O consumo turístico no trabalho informal de vendedores ambulantes na Praia do Futuro/Fortaleza/Ceará [recurso eletrônico] / Wesleyton Soares de Sousa. - 2016.

1 CD-ROM: il.; 4 ¼ pol.

CD-ROM contendo o arquivo no formato PDF do trabalho acadêmico com 131 folhas, acondicionado em caixa de DVD Slim (19 x 14 cm x 7 mm).

Dissertação (mestrado profissional) - Universidade Estadual do Ceará, Centro de Estudos Sociais Aplicados, Mestrado Profissional em Gestão de Negócios Turísticos, Fortaleza, 2016.

Área de concentração: Gestão de Negócios Turísticos.

Orientação: Prof.^a Ph.D. Luzia Neide Menezes Teixeira Coriolano.

1. Trabalho.. 2. Trabalho Informal.. 3. Turismo..
4. Consumo.. 5. Vendedores Ambulantes.. I. Título.

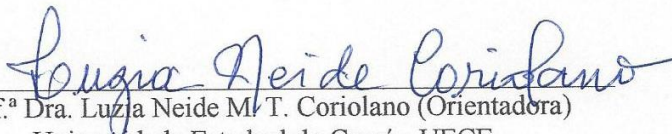
WESLEYLTON SOARES DE SOUSA

**O CONSUMO TURÍSTICO NO TRABALHO INFORMAL DE VENDEDORES
AMBULANTES NA PRAIA DO FUTURO**

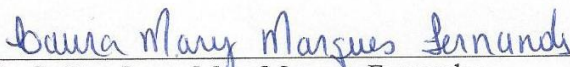
Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado Profissional em Gestão de Negócios Turísticos do Centro de Estudos Sociais Aplicados da Universidade Estadual do Ceará - UECE, como requisito parcial para obtenção do Título de Mestre em Gestão de Negócios Turísticos. Área de Concentração: Gestão de Negócios Turísticos.

Aprovado em: 27 de setembro de 2016.

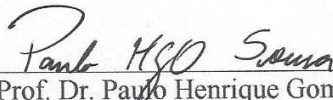
BANCA EXAMINADORA



Prof.^a Dra. Luzia Neide M. T. Coriolano (Orientadora)
Universidade Estadual do Ceará - UECE



Prof.^a Dra. Laura Mary Marques Fernandes
Universidade Estadual do Ceará do Ceará - UECE



Prof. Dr. Paulo Henrique Gomes de Oliveira Sousa
Universidade de São Paulo - USP

Aos meus pais, Francisco, e Antônia. E a
toda minha família, pela cumplicidade.
Dedico!

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos coordenadores do Mestrado Profissional em Gestão de Negócios Turísticos da UECE.

Aos professores doutores Fabio Perdigão e Luzia Neide Coriolano, pelo compromisso e dedicação ao curso.

A Adriana Fonteles pelo profissionalismo na secretaria do curso.

Aos colegas de sala de aula pelo compartilhamento de informações e pelos laços de amizade que se formaram.

Aos professores que com profissionalismo exemplar se fizeram presente contribuindo com a aprendizagem dos mestrandos.

Aos meus familiares em especial minha mãe Antonia Soares de Sousa e meu pai Francisco de Assis de Sousa pelo incentivo.

Aos vendedores ambulantes e turistas que foram pesquisados.

Agradeço a Deus por permitir a realização do curso, e aos clientes da Wesleylton Porcelanas pelo incentivo à realização do mestrado.

“Ninguém ignora tudo. Ninguém sabe tudo. Todos nós sabemos alguma coisa. Todos nós ignoramos alguma coisa. Por isso, aprendemos sempre” (Paulo Freire).

RESUMO

Esta dissertação tem como tema o consumo turístico no trabalho informal de vendedores ambulantes da Praia do Futuro em Fortaleza/CE. Investiga a realidade do consumo dos turistas na praia de forma não contabilizada. A informalidade de vendedores ambulantes da Praia do Futuro serviu como problematização para a pesquisa com os questionamentos: Como é realizada a oferta de produtos para o consumo turístico no comércio informal em torno das barracas de praia localizada na Praia do Futuro em Fortaleza? Quem são os trabalhadores informais da Praia do Futuro e quais os serviços e produtos ofertados? O objetivo geral foi analisar o consumo turístico no trabalho informal de vendedores ambulantes da Praia do Futuro em Fortaleza/CE, e os objetivos específicos foram: identificar os produtos e serviços ofertados por trabalhadores informais para os turistas da Praia do Futuro, conhecer os tipos de vendedores ambulantes que atuam no trabalho informal da Praia do Futuro, identificar a realidade dos ambulantes da Praia do Futuro. Optou-se pela metodologia dialética que explica a realidade estudada, informalidade e consumo turístico como totalidade repleta de conflitos e contradições. Os instrumentos e técnicas foram de abordagem quanti-qualitativos com aplicação de formulários e entrevistas. A pesquisa de campo, realizada com aplicação de formulários, resultou em tabelas e gráficos com o perfil dos ambulantes. A dissertação está dividida em quatro partes: a primeira apresenta a introdução. Na segunda está a contextualização do objeto, a orla de Fortaleza como espaço de lazer e consumo, fundamentada com os conceitos de mercado e trabalho formal e informal. No terceiro item apresenta-se a realidade dos vendedores ambulantes na Praia do Futuro agregando teorias sobre consumo, identificando os produtos e serviços ofertados por trabalhadores informais. Em seguida, abordam-se assuntos relacionados aos aspectos socioeconômicos e culturais que justificam a informalidade na Praia do Futuro. Apresenta-se ainda os tipos de vendedores ambulantes que atuam no trabalho informal da Praia do Futuro. Na quarta parte, após as análises dos resultados obtidos na pesquisa de campo fez-se a conclusão apontando que a informalidade é realidade presente no consumo da praia, envolvendo pessoas das mais variadas idades, etnias e grau de escolaridade. Concluiu-se que a informalidade ajuda na inclusão social tendo em vista que sem

um emprego formal o trabalhador pode obter renda trabalhando na informalidade; mas ao tempo em que inclui, também exclui. Na informalidade as pessoas não contribuem com impostos nem com a previdência social, ficam excluídas da aposentadoria por tempo de serviço e de outros direitos trabalhistas.

Palavras-chave: Trabalho. Trabalho Informal. Turismo. Consumo. Vendedores Ambulantes.

ABSTRACT

This work has as its theme the tourism consumption in the informal labor hawkers from Futuro Beach in Fortaleza/CE. Investigates the reality of spending by tourists on the beach of unaccounted way. The informality of street vendors from Futuro Beach served as problematic for research with the questions: How is the supply of products for the tourism consumption in the informal trade around the beach huts located in Futuro Beach in Fortaleza? Who are informal workers from Futuro Beach and what services and products offered? The general objective was to analyze the tourism consumption in the informal labor hawkers from Futuro Beach in Fortaleza/CE, and the specific objectives were to identify the products and services offered by informal workers to the Futuro Beach tourists knowing the types of hawkers who work in the informal work of Futuro Beach, identifying the reality of the street of Futuro Beach. We opted for the dialectic methodology that explains the reality studied, informality and tourist consumption as all full of conflicts and contradictions. The tools and techniques were quantitative and qualitative approach with application forms and interviews. The field research was carried out with application forms, resulted in tables and graphs the profile of the street. The dissertation is divided into four parts: the first presents the introduction. The second is the context of the object, the rim of Fortaleza, as leisure and consumption of space, based on market concepts and formal and informal work. In the third item it shows the reality of street vendors in Futuro Beach adding theories of consumption, identifying the products and services offered by informal workers. Then, it approaches issues related to socioeconomic and cultural aspects that justify the informality in Futuro Beach. It presents also the types of street vendors operating in the informal work of Futuro Beach. In the fourth part, after the analysis of the results obtained in the field research was made the conclusion pointing out that informality is reality on the consumption beach, involving people of various ages, ethnicities and educational level. It was concluded that informality helps social inclusion with a view that without a formal employment the worker can get income by working in the informal sector; but at the time that also includes deletes. Informal people do not contribute taxes nor social security are excluded from retirement for length of service and other labor rights.

Keywords: Work. Informal work. Tourism. Consumption. Hawkers.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 -	Divisão dos bairros de Fortaleza.....	18
Figura 2 -	Orla marítima de Fortaleza.....	24
Figura 3 -	Praia do Futuro situada no Litoral Leste de Fortaleza.....	50
Figura 4 -	Vista Aérea da Praia do Futuro.....	53
Figura 5 -	Avenida Zezé Diogo.....	54
Figura 6 -	Casas na Praia do Futuro.....	55
Figura 7 -	Guarita para guarda salva vidas vazio na Praia do Futuro...	56
Figura 8 -	Vendedora ambulante informal atuando de forma fixa na Praia do Futuro.....	67
Figura 9 -	Vendedor ambulante itinerante na Praia do Futuro.....	68
Figura 10 -	Vendedor ambulante da Praia do Futuro.....	69
Figura 11 -	Vendedor ambulante da Praia do Futuro trabalhando sem qualquer equipamento de proteção contra o sol.....	80
Figura 12 -	Vendedor ambulante preparando seu equipamento de trabalho para assar o queijo.....	82
Figura 13 -	Massagista na Praia do Futuro.....	88
Figura 14 -	Vendedores ambulantes em conjunto na busca de vendas.	95
Figura 15 -	Vendedor ambulante apresentando lagosta a cliente.....	100
Figura 16 -	Vendedor ambulante apresentando lagosta a cliente.....	101
Figura 17 -	Momento em que os vendedores ambulantes da Praia do Futuro abordam o cliente.....	113

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 -	Distribuição de vendedores ambulantes por gênero.....	71
Gráfico 2 -	Faixa etária dos vendedores ambulantes entrevistados....	72
Gráfico 3 -	Estado Civil.....	72
Gráfico 4 -	Naturalidade.....	73
Gráfico 5 -	Nível de escolaridade.....	74
Gráfico 6 -	Distribuição por bairros.....	75
Gráfico 7 -	Demais atividades remuneradas.....	75
Gráfico 8 -	Trabalha somente na Praia do Futuro?.....	76
Gráfico 9 -	Qual o outro local?.....	77
Gráfico 10 -	Trabalha como ambulante todo dia?.....	78
Gráfico 11 -	Trabalha quantos dias na Praia do Futuro?.....	79
Gráfico 12 -	Quanto gasta diariamente para trabalhar (passagem e/ou combustível).....	81
Gráfico 13 -	Quanto apura cada dia como ambulante (R\$)?.....	83
Gráfico 14 -	Procura crédito para ampliar negócio?.....	84
Gráfico 15 -	Possui outra fonte de renda?.....	86
Gráfico 16 -	Outras fontes de renda.....	86
Gráfico 17 -	Tempo em que trabalha na Praia do Futuro.....	89
Gráfico 18 -	Rendimento nas vendas.....	90
Gráfico 19 -	Estratégias para ampliar o rendimento.....	91
Gráfico 20 -	Como se sente sendo vendedor ambulante?.....	92
Gráfico 21 -	O que fazia antes de ser vendedor ambulante?.....	92
Gráfico 22 -	Carga horária/dia.....	93
Gráfico 23 -	Faz algum curso profissional?.....	94
Gráfico 24 -	Paga INSS?.....	96
Gráfico 25 -	O que comercializa?.....	102
Gráfico 26 -	Produtos/serviços comercializados na Praia do Futuro....	103
Gráfico 27 -	Como adquire os produtos da venda.....	103
Gráfico 28 -	Onde prepara os alimentos que vende?.....	104
Gráfico 29 -	Onde compra as bebidas?.....	105
Gráfico 30 -	Gênero dos turistas entrevistados.....	106
Gráfico 31 -	Faixa etária dos turistas entrevistados.....	106

Gráfico 32 -	Cidade de residência.....	107
Gráfico 33 -	Sempre visita Fortaleza?.....	108
Gráfico 34 -	Veio acompanhado?.....	108
Gráfico 35 -	Gosta dos produtos dos vendedores ambulantes?.....	109
Gráfico 36 -	Por que gosta dos produtos dos ambulantes?.....	109
Gráfico 37 -	Por que não gosta dos produtos dos ambulantes?.....	110
Gráfico 38 -	Já teve problema com a qualidade do produto ofertado pelos ambulantes?.....	110
Gráfico 39 -	Produtos comprados de ambulantes que causaram problemas.....	111
Gráfico 40 -	Preços dos vendedores ambulantes.....	111
Gráfico 41 -	Opinião sobre a presença dos vendedores ambulantes na praia.....	112

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AEPF	Associação dos Empresários da Praia do Futuro
BNDS	Banco Nacional de Desenvolvimento Social
CNPJ	Cadastro Nacional da Pessoa Jurídica
FGTS	Fundo de Garantia por Tempo de Serviço
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IFDM	Índice Firjam de Desenvolvimento Municipal
IPEA	Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada
IPECE	Instituto de Pesquisa e Estratégia Econômica do Ceará
MEI	Microempreendedor Individual
PIB	Produto Interno Bruto
SEBRAE	Serviço Brasileiro de Apoio à Micro e Pequena Empresa
SER	Secretaria Executiva Regional

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	15
2	FORTALEZA: CIDADE SEGREGADA, MAS TURÍSTICA.....	18
2.1	A ORLA MARÍTIMA DE FORTALEZA: ESPAÇO DE LAZER, TURISMO E CONSUMO.....	23
2.2	TRABALHO FORMAL E INFORMAL NA ORLA.....	29
3	PRAIA DO FUTURO E O CONSUMO TURÍSTICO.....	49
3.1	O CONSUMO COMO CATEGORIA DE ANÁLISE.....	57
3.2	OS VENDEDORES AMBULANTES DA PRAIA DO FUTURO.....	63
3.3	OS PRODUTOS E SERVIÇOS DO COMÉRCIO INFORMAL NA PRAIA DO FUTURO.....	96
3.4	O CONSUMO DOS TURISTAS NO COMÉRCIO INFORMAL DA PRAIA DO FUTURO.....	105
4	CONCLUSÃO.....	115
	REFERÊNCIAS.....	117
	APÊNDICES.....	126
	APÊNDICE A – FORMULÁRIOS APLICADOS AOS VENDEDORES AMBULANTES.....	127
	APÊNDICE B – FORMULÁRIOS APLICADOS COM OS TURISTAS NA PRAIA DO FUTURO.....	130

1 INTRODUÇÃO

Esta dissertação tem como objeto de estudo o consumo turístico no trabalho informal de vendedores ambulantes na praia do Futuro em Fortaleza Ceará. A capital cearense apesar de ser uma cidade dividida, segregada, híbrida, é um destino turístico consolidado nacionalmente, recebe turistas o ano inteiro, que desembarcam com a finalidade de conhecer as belezas e variados atrativos que a cidade oferece.

O consumo de produtos realizado por turista ocorre tanto no setor formal como no informal. É o consumo turístico na informalidade o que se estuda mais detalhadamente na dissertação buscando entender o contexto que emprega pessoas de diversos níveis de escolaridade, idade e classe social no mercado ambulante da metrópole Fortaleza.

O mercado informal é uma realidade que tem crescido dia após dia, o que justifica a realização da pesquisa. Trata-se do consumo turístico no comércio informal realizado por vendedores ambulantes. Tema pouco investigado, mas que está presente em vários lugares e que necessita de explicações. Investiga-se a realidade do consumo realizada por turistas de forma não contabilizada, e espera-se que contribua para o conhecimento dessa atividade não amplamente estudada. Os ambulantes estão espalhados por toda a cidade, mas estuda-se apenas os da Praia do Futuro porque é a praia que tem maior frequência na cidade. Coriolano (2012) e Paiva (2011) já pesquisaram a realidade da Praia do Futuro. Espera-se que a realização da pesquisa com esse recorte da totalidade possa revelar o consumo turístico no trabalho informal de vendedores ambulantes.

A dissertação tem como problematização à informalidade de vendedores ambulantes da Praia do Futuro, que em tempos de crise e desemprego aumenta ainda mais. Pessoas desempregadas ingressam na atividade informal como forma de obter meios de subsistência. O turista chega à cidade de belas praias tendo que consumir e acaba fazendo-o às vezes na informalidade dos trabalhadores ambulantes que vêem no turismo oportunidade para venda de produtos. A constatação dessa realidade sugere questionamentos para que se possa entender o trabalho informal no consumo turístico, em especial o que ocorre na informalidade

pela oferta dos vendedores ambulantes na Praia do Futuro em Fortaleza. Com base no problema foram elaborados os questionamentos:

- Como é realizada a oferta de produtos para o consumo turístico no comércio informal em torno das barracas de praia localizada na Praia do Futuro em Fortaleza Ceará?
- Quem são os trabalhadores informais da Praia do Futuro de Fortaleza?
- Quais os produtos e serviços que são ofertados por esses trabalhadores para os turistas da praia do Futuro em Fortaleza?

A dissertação apresenta como objetivo geral: Analisar o consumo turístico no trabalho informal de vendedores ambulantes da Praia do Futuro em Fortaleza Ceará.

Os objetivos específicos são:

- Identificar os produtos e serviços ofertados por trabalhadores informais para os turistas da Praia do Futuro em Fortaleza.
- Conhecer os tipos de vendedores ambulantes que atuam no trabalho informal da Praia do Futuro.
- Analisar a realidade dos ambulantes da Praia do Futuro.

A metodologia escolhida é a dialética, tendo como suposto a concepção de que os fatos e fenômenos se relacionam entre si por constituírem totalidade. Evita as dicotomias compreendendo que a realidades estudadas se sustentam à base de conflitos e contradições e não são harmônicas. Ressalta-se que a dialética se propõe realizar análises com base na crítica que é o maior instrumento do método, pois privilegia o diálogo, a discussão, as contradições, na busca da verdade científica. Os aspectos teórico-metodológicos que dão sustentação à dissertação estão embasados nos autores: Coriolano, Paiva, Antunes, Pastore, Pamplona, Targino, Cacciamali, Beloque, Dantas.

Para a fundamentação teórica realizou-se revisão da literatura no intuito de aprofundar os temas abordados. Além da pesquisa documental fez-se a pesquisa de campo por amostragem que reuniu dados relevantes para o estudo do tema.

Os instrumentos e técnicas utilizados foram de caráter quanti-qualitativos, tais quais formulários e entrevistas. Na pesquisa documental, fez se levantamento de dados nos sites dos órgãos institucionais de pesquisa, como IBGE, IPEA, IPECE, entre outros.

A pesquisa de campo foi realizada com aplicação de formulários, utilizados como um dos instrumentos. A realização das entrevistas ajudou construir o perfil dos ambulantes e definir o recorte socioeconômico além da trajetória do mercado informal. Foram aplicados 52 questionários de entrevista com os vendedores ambulantes da Praia do Futuro com objetivo de compreender o trabalho informal ali encontrado, também foram aplicados 58 questionários de entrevistas com os turistas que ali estavam presentes com intuito de compreender o consumo realizado na informalidade da Praia do Futuro. Após a realização das entrevistas foi feita a tabulação e análise do material coletado, selecionados os dados relevantes para avaliação das falas e apresentação dos dados.

A pesquisa de campo se desenvolveu no período de maio a agosto de 2016, na Praia do Futuro em Fortaleza - Ceará, tendo como sujeito de investigação os ambulantes que vendem na Praia do Futuro. Os resultados da pesquisa de campo foram apresentados por meio de falas de vendedores ambulantes e de turistas, bem como se fez necessária a utilização de gráficos que ajudam no entendimento da realidade investigada.

A dissertação está dividida em quatro partes: a primeira composta pela introdução com o propósito da dissertação. A segunda parte apresenta a contextualização do objeto, a orla de Fortaleza, como espaço de lazer e consumo, fundamentada com os conceitos de mercado e trabalho formal e informal.

Na terceira parte apresenta-se a realidade dos vendedores ambulantes na Praia do Futuro agregando teorias sobre consumo, identificando os produtos e serviços ofertados por trabalhadores informais da Praia do Futuro. Em seguida, abordam-se assuntos relacionados aos aspectos socioeconômicos e culturais que justificam a informalidade na Praia do Futuro. Ainda nesta parte apresenta-se os tipos de vendedores ambulantes que atuam no trabalho informal da Praia do Futuro.

Na quarta parte, após as análises dos resultados obtidos na pesquisa de campo, apresenta-se as conclusões, podendo afirmar que o trabalho informal é um fenômeno presente na realidade cearense, é decorrente de diversos fatores sendo o principal a manutenção da subsistência familiar.

2 FORTALEZA: CIDADE SEGREGADA, MAS TURÍSTICA

A cidade de Fortaleza é uma capital segregada, mas turistificada, espaço de lazer, turismo e consumo. Estuda-se o trabalho formal e informal fundamentando-se com teorias e conceitos que os expliquem. Apresenta-se mapas da orla marítima da capital cearense bem como a localização da Praia do Futuro. Na Figura 1 apresenta-se o mapa da cidade de Fortaleza com a divisão em 114 bairros.

Figura 1 - Divisão dos bairros de Fortaleza



Fonte: Adaptado de: www.ceara.com.br.

A capital cearense é uma metrópole desenvolvida se comparada a outras do Nordeste, banhada pelo Oceano Atlântico o que torna a cidade favorável ao turismo, portanto muitos turistas visitam a cidade com a finalidade de desfrutar das

praias cearenses. Para Coriolano (2012) o segmento de sol e praia é o grande destaque, embora haja outros como o de negócios, eventos, aventura, terceira idade, que também se impõem.

Fortaleza por muito tempo ignorou o mar como local de trabalho e lazer para os habitantes que na época eram constituídos em sua maioria por pessoas do interior do estado. Matos (2011) analisa Fortaleza do ponto de vista histórico, mostrando que a cidade teve crescimento voltado em direção ao sertão. A orla fortalezense passa, dessa forma, algumas décadas ignorada pelos cidadãos. Há um crescimento acentuado a partir do momento em que a circulação de mercadorias passa a acontecer na cidade com a construção do porto do Mucuripe no início dos anos de 1940. Ponte (2004) ressalta que o crescimento da cidade de Fortaleza e da área central está relacionado com as atividades comerciais e de exportação de matéria-prima. O aumento dos fluxos de exportação, especialmente de algodão nos anos de 1860, são fatores que consolidaram Fortaleza como principal entreposto comercial e a levaram à posição hegemônica dentro da província.

A forma como se estruturou a ocupação do litoral de Fortaleza está inicialmente ligada ao surgimento de suas principais vias de circulação, que durante anos e mais anos desprezaram completamente o litoral quanto aos seus traçados. [...] os estabelecimentos mais importantes dos primórdios da cidade foram construídos com desprezo pela fachada marítima. Outro fato que pode ser demonstrado para ilustrar esse aspecto é à distância do mar de alguns estabelecimentos tradicionais da cidade, tais como o Palácio do Governo, Mercado e principais praças. (SILVA, 1992, p. 61).

Portanto, apenas no início do século XX é que Fortaleza passa por transformações urbanas com construção de praças e prédios. As ruas cresciam assim como o público para usufruí-las. Silva (2009) descreve o povo fortalezense da época com predomínio de um povo com cara mestiço-pardo, cuja maior parte das pessoas era analfabeta, de hábitos interioranos como o de falar alto e trajar simples. Más em pouco tempo perdeu-se características culturais oriundas do sertão havendo adaptação à cultura e aos valores urbanos.

Teve início, a partir de então o processo de remodelação sócio urbana na cidade que se prolonga até hoje com as exigências para o turismo. A primeira remodelação “significou a inserção da capital cearense no contexto da *Belle Époque*, termo francês cunhado para traduzir a euforia europeia com as novidades extasiantes decorrentes da revolução científico-tecnológica” (PONTE, 2004, p. 162-163). Acrescenta Matos (2011) que o crescimento da cidade de Fortaleza toma novo

rumo com a construção das linhas de trens a vapores que percorriam várias cidades do interior com destino à capital, estabelecendo o surgimento de relações econômicas e sociais do sertão com a capital. O fator preponderante dessa transformação foi a construção do porto nas proximidades da atual Praia de Iracema. Aderaldo (1998), em crônicas sobre a cidade remontava á alguns aspectos relevantes em torno do centro antigo de Fortaleza: mostra o uso misto das edificações na área central nas primeiras décadas do século XX, afirmando que as novas residências que se ergueram pertenciam a altos funcionários do Banco do Brasil, de políticos, juizes, militares comerciantes e funcionários públicos.

Veja-se que Fortaleza passa por uma série de transformações até chegar a ser esta Metrópole totalmente urbanizada e turistificada. A população é de 2.452.185 habitantes (IBGE, 2010), com diferença acentuada para o segundo maior município da Região Metropolitana, Caucaia, com 325.411 habitantes (IBGE, 2010), um dos litorais mais visitados por turistas. Silva (2002) considera Fortaleza como uma das maiores cidades do Brasil e diz que:

Até pouco tempo não aparecia em muitos mapas; agora [...] está em todos. Esta cidade exerce excepcional papel polarizador com expressiva preponderância sobre as demais cidades integrantes de sua rede urbana, especialmente na região metropolitana. (SILVA, 2002, p. 126).

A capital cearense é formada em grande parte por pessoas que vieram do interior do estado para tentar a vida na capital, estudar, trabalhar e fugir das secas que assolam o estado em períodos sistemáticos. Tomou rumos e proporções de Metrópole que atrai pessoas de todas as idades e de diferentes lugares. Fortaleza é fortemente marcada por processos de desenvolvimento desigual, diferenciação nas respostas às demandas, concentração de investimentos públicos em áreas de interesse do capital e produção de espaços periféricos cada vez mais distantes do centro.

Pode-se constatar que a cidade cresceu e se desenvolveu rapidamente sem planejamento causando impactos socioespaciais. Nessa realidade há grande número de favelas e habitações pouco desenvolvidas gerando diversos problemas como o aumento da criminalidade, dentre outras dificuldades ocasionadas pela exclusão social. Ressalta-se ainda que incorporação de novos espaços à malha urbana estende as dimensões da metrópole, produz vazios urbanos, áreas deprimidas e cria problemas de mobilidade da população (CORIOLANO, 2012). Esse contexto ajuda explicar a orla e o consumo informal.

Dados do Instituto de Pesquisa e Estratégia Econômica do Ceará - IPECE (2011) mostram que em Fortaleza, 133,9 mil pessoas viviam em extrema pobreza em 2010, o que correspondia a 5,46% da população, a menor proporção entre os municípios cearenses. Esta realidade pouco se modificou. No entanto, a capital, em termos absolutos, era responsável por 8,9% – de um total de 1,5 milhão – de pessoas situadas na faixa da extrema pobreza no Ceará, representando a maior participação dentre os 184 municípios do Estado. Entende-se por extrema pobreza renda familiar mensal inferior a R\$ 70,00 *per capita*. Ainda sobre o desenvolvimento de Fortaleza baseado em estatísticas oficiais dos ministérios da Saúde, Educação e Trabalho ou Índice Firjam de Desenvolvimento Municipal - IFDM, lista taxas médias associadas aos potenciais socioeconômicos de todos os municípios brasileiros. No quesito educação, Fortaleza obteve pior resultado, na Saúde, está abaixo da média brasileira. Os dados de 2011 para 2015 em relação a emprego, saúde e segurança revelam que os índices cresceram tornando ainda mais agravante a realidade.

Contudo cabe ressaltar que a capital cearense apresenta dinâmicas econômicas, que são constatadas no cotidiano da vida das pessoas, pois ao mesmo tempo em que a cidade é capital emergente também se apresenta riqueza cultural e patrimonial ao lado do descaso e pobreza, verifica-se na capital cearense a construção de edifícios de classe média alta e bem próximo as vezes se constata o crescimento de favelas. Cancline (1998) descreve a expansão urbana como uma das causas que intensificaram a hibridação cultural. O autor ressalta que as culturas latino-americanas no começo do século tinham aproximadamente 10% de sua população nas cidades agora 60% ou 70% vivem nas aglomerações urbanas. Enfatiza que se passou de sociedades dispersas em milhares de comunidades rurais com culturas tradicionais, locais e homogêneas, em algumas regiões com fortes raízes indígenas, com pouca comunicação com o resto de cada nação, para sociedade polarizada onde se vive uma trama majoritariamente urbana, em que se dispõe de uma oferta simbólica heterogênea, renovada por uma constante interação do local com redes nacionais e transnacionais de comunicação.

A cidade é vista de forma dicotômica por muitos, formada por uma parte considerada “rica” composta pelas habitações de classe média alta e onde também ocorre a maior parte dos investimentos hoteleiros, restaurantes renomados e onde há o maior índice de cobertura do saneamento básico. Contrastando com a parte

rica da cidade de Fortaleza a periferia com predomínio de habitações pobres, embora existam habitações de classe média alta nos bairros ditos periféricos. Nesta parte ocorrem os maiores índices de falta de saneamento básico, segurança pública, escolas de má qualidade, praças abandonadas, rios e lagoas poluídas. Também é nessa parte da cidade que ocorre a falta de hospitais para atender a demanda local, entre muitos outros problemas.

Para Mautner (2010) periferia tem um significado específico mostra a visão dual que o senso comum atribui ao espaço urbano. Geograficamente significa as franjas da cidade. O autor ressalta que nesses bairros moram os pobres, em contraposição à parte central e leste da cidade, estruturada e acabada. Contudo a periferia faz parte do processo de produção do espaço urbano. Na periferia vivem os pobres socialmente segregados e o preço da terra é baixo.

A capital cearense continua em processo de desenvolvimento, tem destaque o centro de Fortaleza com prédios históricos e museus. Na Praça do Ferreira há vários prédios históricos com destaque para o Cine São Luiz com um hall de entrada muito luxuoso. Na Praça General Tibúrcio, o Museu do Ceará que conta a história do estado, a Academia Cearense de Letras, primeira do gênero no Brasil, e a Igreja do Rosário, primeira igreja de Fortaleza.

Culturalmente vale destacar o Teatro José de Alencar, obra exuberante em *art nouveau* e a Fortaleza de Nossa Senhora da Assunção, ambos patrimônios nacionais tombados, sendo espaços de visitação turística. A cidade conta com equipamentos culturais de importância para o desenvolvimento turístico da cidade que cresce mesmo com carência de segurança pública.

Fortaleza se destaca pelas diversas opções para o lazer e diversão que oferece, disseminadas por toda a cidade e expressas em número significativo de *Shoppings centers*, clubes, boates, casas de *show*, bares e restaurantes, que podem ser encontrados tanto nas áreas centrais próximas a orla marítima, quanto em lugares mais periféricos da Cidade. É um núcleo turístico que recebe turistas nacionais e prepara-se para receber fluxos internacionais.

A cidade conta com o Aeroporto Internacional Pinto Martins que recebe turistas nacionais e internacionais durante todo o ano. Para viagens terrestres possui o terminal rodoviário João Tomé que recebe pessoas de todos os estados brasileiros.

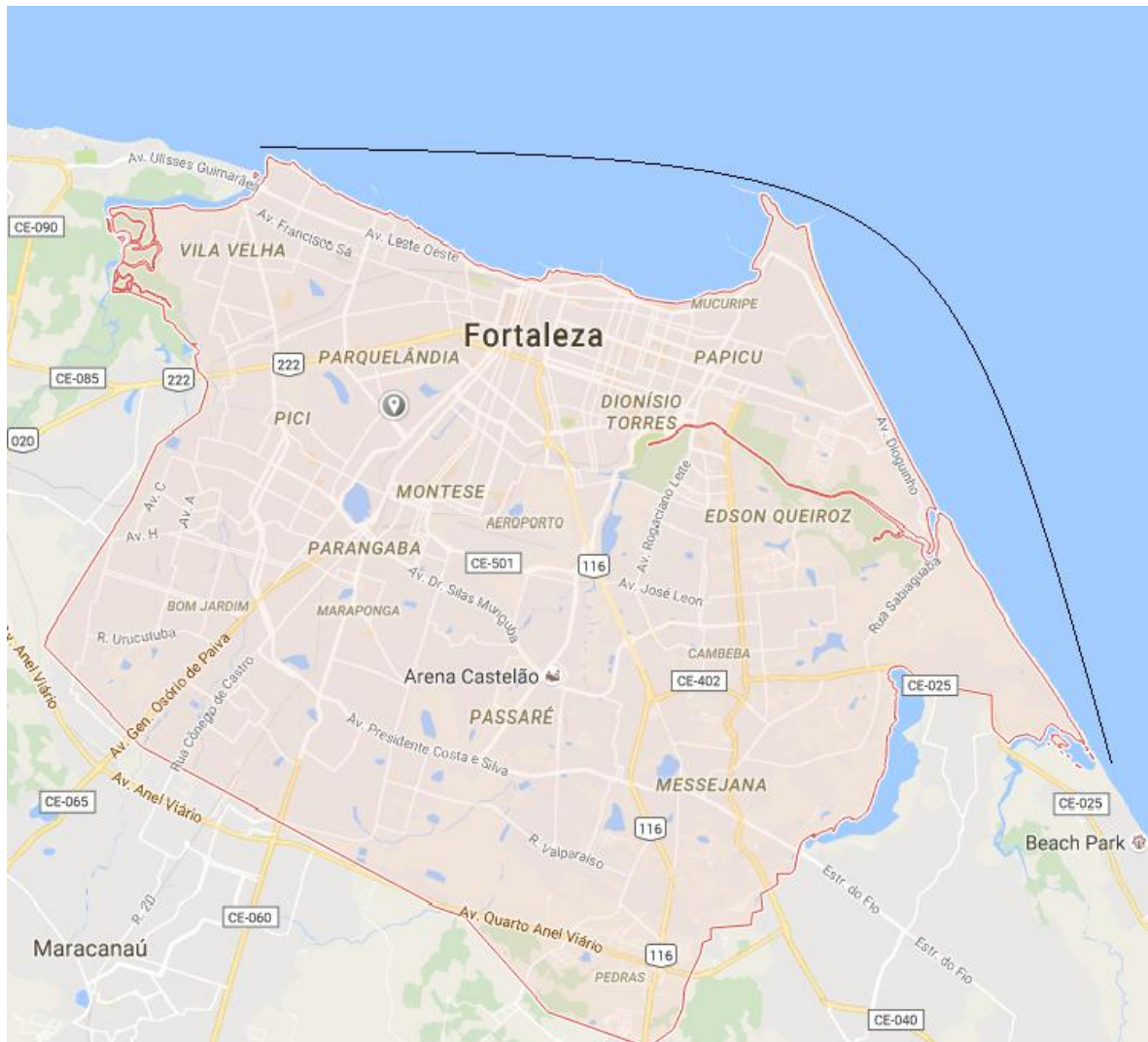
Fortaleza é considerada uma capital dividida. Daí o pensamento de Paiva (2011) considera a capital cearense híbrida, pois todos estão separados e ao mesmo tempo juntos, observa-se bairros com residências de classe média alta e ao lado a existência de moradias mais simples. O cenário comercial também é analisado da mesma forma, a presença do comércio formal organizado ao lado do comércio informal atendendo a outras demandas. A capital cearense ocupa o quinto lugar no *ranking* das cidades mais desiguais do mundo no relatório das Nações Unidas (2011).

2.1 A ORLA MARÍTIMA DE FORTALEZA: ESPAÇO DE LAZER, TURISMO E CONSUMO

A orla de Fortaleza é utilizada pelos turistas que a frequentam e como espaço de lazer para os moradores da cidade, sendo lugar de consumo para ambos. São pessoas de todas as idades e classes sociais diversas que além do lazer utilizam o espaço para consumir produtos diversos e interagem uns com os outros. A orla de Fortaleza nem sempre foi valorizada, houve épocas em que terrenos próximos ao litoral eram desvalorizados e procurados somente por pessoas de baixo poder aquisitivo.

A Figura 2 ilustra a orla marítima quanto à localização na cidade de Fortaleza. Pode-se ver a orla de Fortaleza marcada ao lado direito por uma linha curva. A orla para quem está no lado leste tem início na Barra do Ceará e termina na Sabiaguaba lado leste de Fortaleza.

Figura 2 - Orla marítima de Fortaleza



Fonte: Google.maps (2016)¹.

Na sociedade de consumo, o lazer e o turismo são práticas sociais cada vez mais padronizadas, sedutoras e ambíguas que exercem crescente influência sobre o conjunto de atividades da vida cotidiana. Necessidades e desejos humanos, entre os quais o lazer metamorfoseado em consumo, gera inquietações para os que buscam mudanças sociais (CORIOLANO e VASCONCELOS, 2014).

Ao analisar o turismo constata-se a importância da atividade para a economia do país. Barretto (2003, p.72) acentua que “o turismo tem efeitos econômicos diretos e indiretos na economia de um país”. Como efeito direto, as despesas realizadas pelo turista nos equipamentos turísticos, e indireto, relacionado a outros gastos. Para Santos e Kadota (2012, p. 434), os efeitos indiretos do turismo

¹ Disponível em: <<https://www.google.com.br/maps/place/Fortaleza++CE/@-3.8018135,-38.6156388,12z/data=!4m5!3m4!1s0x7c74c3f464c783f:0x4661c60a0c6b37ca!8m2!3d-3.7319029!4d-38.5267393>>. Acesso em: 27 jul. 2016.

se relacionam à “soma da produção econômica realizada pelas empresas que fazem parte da cadeia produtiva do turismo”. Coriolano e Vasconcelos (2014) ressaltam que o turismo se enquadra no setor terciário, com serviços modernos a atividade representa a forma de reestruturação que se deu após a crise industrial. E que os serviços:

São atividades funcionais às produções industriais e servem de suporte, ao progressivo crescimento das relações industriais, comerciais e financeiras dos diversos mercados nacionais e internacionais. O turismo é serviço especial que ajuda na recuperação da força de trabalho humana.[...]. É atividade-chave da modernização contemporânea que privilegia relações sociais, típicas da sociedade de consumo, ao transformar o lazer em mercadoria a ser consumida em viagens realizadas por quaisquer motivos, pressupondo consumo. Há turistas que viajam de férias para lazer [...]. Há pessoas que viajam para trabalho e acabam por fazer turismo em horas livres. Turismo é o lazer dos que viajam [...]. (CORIOLANO; VASCONCELOS, 2014, p. 9).

Já para o estudioso Fuster (1979, p 31) o turismo é “uma viagem ou conjunto de viagens cujo objetivo é o prazer, por motivos comerciais, profissionais ou outros análogos, durante os quais a ausência da residência habitual é temporária”. Deste modo pode-se dizer que a capital cearense é uma cidade turística e destaca-se como um polo receptor de turistas que desembarcam para conhecer a capital que oferece o litoral como oferta turística.

Fortaleza é conhecida como a terra de belas praias, construída e reconstruída modernamente. A capital cearense é essencialmente litorânea o que a torna polo receptor de turismo, ostenta lugares especialmente estruturados para a atividade e recebe visitantes de muitos países. Mas este cenário nem sempre foi assim. Castro (1977) ressalta que no final do século XIX e início do século XX, a ocupação da faixa de praia em Fortaleza ocorre primeiramente pela população pobre, na sua maioria, formada por pescadores e famílias oriundos do sertão, que não se inseriam nos processos de urbanização da Metrópole.

Assim, a faixa litorânea constituía área marginal do ponto de vista da localização, por concentrar habitações precárias e atividades de trabalho, pesca e porto. Depois da década de 1980 passa a ser revalorizada no Ceará em função do turismo. “A faixa litorânea, no aspecto funcional e utilitário, caracterizava-se espacialmente pela presença de galpões, armazéns, do comércio atacadista, da alfândega, ou seja, pelas atividades que davam suporte à atividade portuária”. O porto era bastante precário, pois “os navios então paravam ao largo, onde eram

alcançados por lanchas, barcos e jangadas que faziam ligação com a praia” (CASTRO, 1977, p. 37).

Aglomerções favelizadas existentes no litoral de Fortaleza, sobretudo próximas ao núcleo central, têm origem mais pautada nessas formas de ocupação do litoral. Após esse período o litoral que antes era deixado de lado pela população passa a obter destaque, e a população que antes não valorizava o local passou a ter interesse, os terrenos começaram a ter valor mais elevado e a procura aumenta. A valorização do litoral de Fortaleza no contexto da “maritimidade moderna” acontece a partir do momento em que a Praia de Iracema começa a abrigar, entre a década de 1920 e 1930, os primeiros banhos de mar e as caminhadas para fins terapêuticos e de lazer e recreação, assim como as primeiras residências destinadas ao veraneio marítimo.

Sabe-se que em Fortaleza, as áreas próximas ao litoral e ao centro são as mais valorizadas e onde há maior número de empreendimentos imobiliários, concentrando a habitação das famílias mais ricas, constituídas pelos bairros Aldeota, Meireles, Dionísio Torres, Cocó e Papicu. Essas localizações representam as áreas mais bem servidas de infraestrutura e serviços urbanos, muito embora ainda seja deficiente. Como a ocupada por favelas ao longo do ramal ferroviário e nas dunas da zona portuária. Os clubes sociais estimularam a apropriação das zonas de praia e contribuíram para a valorização da orla marítima. No entanto, a consolidação da Praia do Meireles como localização privilegiada da classe dominante teve marco determinante com a construção da Avenida Beira Mar em 1963, conforme as diretrizes do Plano Diretor de Fortaleza (1962), elaborado por Hélio Modesto. Nessa altura do processo de urbanização da cidade, a Praia do Meireles constituía não somente um território de residências de veraneio, concentração de atividades de lazer privado dos clubes e das práticas de recreação junto ao mar, mas uma área que se valorizava gradativamente como local privilegiado da habitação da elite em função da expansão da tessitura urbana em direção ao mar, provenientes do prolongamento da malha urbana procedentes da Praia de Iracema e da Aldeota (PAIVA, 2011).

Observa-se que o litoral fortalezense não era valorizado pelos moradores da cidade, somente com o passar dos anos a população passou a ter a orla marítima como local que seria capaz de gerar renda e comportar residências. Os

terrenos não valiam quase nada, o espaço era utilizado na maioria das vezes para instalações de galpões. Com o passar dos anos residências foram sendo construídas e o local passou a ser também um lugar residencial.

A orla de Fortaleza como espaço turístico se dá com a construção do calçadão da Beira Mar em 1979 que aconteceu em etapas, após a finalização da obra o local foi gradualmente ganhando importância como espaço de lazer e turismo, criando condições favoráveis à proliferação de edifícios residenciais multi familiares e a construção de hotéis, contudo o litoral é um espaço disputado, pois para ele convergem usos e atividades econômicas diferenciados, sendo uma das mais dinâmicas o turismo. Mas nem sempre foi assim, o litoral era repulsivo para os fortalezenses quando a cidade se apresentava como ponto de exportação dos produtos produzidos no Ceará, notadamente o charque e o algodão, por meio do Porto, implantado em fins do século XVIII, nas intermediações da Praia do Peixe, atual Praia de Iracema. A oferta de mercadorias para o exterior já era presente desde meados do século XVII nas principais cidades brasileiras, afirma Paiva (2011).

Sobre o desenvolvimento do litoral pode-se assinalar que a construção de avenidas colaborou com o crescimento da área, facilitou o acesso e as pessoas começaram a ter interesse em ocupar esse espaço que estava se desenvolvendo economicamente com a construção de casas, lojas, escolas, igrejas. A construção da Av. Leste Oeste, em 1975 foi estratégia para a ligação do porto do Mucuripe às indústrias localizadas no polo Francisco Sá, medida que teve grande impacto na estruturação do lado Oeste da orla de Fortaleza. A construção da via facilitou o acesso ao local de forma mais fácil, as instalações particulares e públicas começam a acontecer de forma mais intensa e a chegada de atividades turísticas ao lugar ganhou força.

O turismo associado às águas e realizado com o auxílio do progresso tecnológico que remodela os espaços naturais, especialmente os litorais, as chamadas orlas marítimas produzem um fenômeno mundialmente conhecido como *water fronts*. São porções de terras valorizadas por suas localizações [...] e que margeiam oceanos, mares e rios. Contudo pode-se dizer que o litoral de Fortaleza passa a ser valorizado de forma mais intensa com a promoção da atividade turística. Coriolano e Vasconcelos (2012).

Afirma Coriolano e Vasconcelos (2012) que o turismo é uma atividade que usa e apropria-se da natureza ou ambientes naturais e de ambientes produzidos como cidades, vilas, comunidades e ainda descrevem o turismo como uma abstração, que torna concreta quando os viajantes entram em contato com os lugares, as paisagens e territórios turísticos, é o lazer dos que viajam. Sobre os lugares de lazer, Lefebvre (2008, p. 49-50) afirma que:

As cidades são dissociadas da produção, a ponto dos espaços de lazeres parecerem independentes do trabalho e “livres”. Mas eles encontram-se ligados aos setores do trabalho no consumo organizado, no consumo dominado. Esses espaços separados da produção, como se fosse possível aí ignorar o trabalho produtivo, [...] aos quais se procura dar um ar de liberdade e de festa, que povoa de signos que não têm a produção e o trabalho por significados, encontram-se precisamente ligados ao trabalho produtivo. [...] São precisamente lugares nos quais se reproduzem as relações de produção, o que não exclui, mas inclui, a reprodução pura e simples da força de trabalho.

O litoral cearense é espaço de lazer, turismo e consumo. Sobre o litoral da cidade cabe enfatizar que ele é tido como espaço de turismo para os que desembarcam e de lazer para os moradores da cidade.

A orla marítima de Fortaleza passou a ser valorizada com o passar dos anos, o local que antes era esquecido passou a ser ocupado por residências. A orla marítima ganha infraestrutura de calçamento e saneamento, que foi um dos fatores que intensificou o desenvolvimento do turismo e o recebimento das instalações hoteleiras. O local é disputado por diversas empresas de construção civil, cabe ressaltar que a ocupação residencial ao longo da orla se dá em sua maioria por habitações de classe média e classe média e alta.

Na orla de Fortaleza o lazer e o turismo estão presentes de forma homogênea as pessoas se apropriam dos espaços para diversas atividades. Coriolano e Vasconcelos (2014, p.9) ,estudiosos do litoral e do turismo, afirmam que:

O lazer e o turismo cada vez mais deixam de ser pensados como privilégio de poucos, passam a direito de todos, como forma cultural de expressão da contemporaneidade. Oportunidade para descontração, esparcimento, descanso, diversão e desenvolvimento da pessoa que tira o trabalho do centro da vida, buscando no lazer gratuidade e encontro, harmonia com a natureza e com as pessoas, fortalecendo amizades.

Acrescenta Meister (2005, p.15) que: “toda atividade de lazer é atividade de prazer. [...] tanto o lazer como o prazer são atividades valiosas. Realizamo-las porque estão dentro de nossas expectativas de realização de vida”. Pensar em lazer

também é pensar em direitos que o cidadão tem, o lazer é um direito social garantido pela Constituição Federal do Brasil.

O turismo é fenômeno que remete a trabalho, lazer e também consumo. Com base nisso se observa que esses três elementos estão ligados um ao outro de modo que o turista chega à cidade e no momento do lazer acaba consumindo produtos, até mesmo sem consumir produtos em si já está consumindo: a hospedagem da viagem, o pagamento do táxi, a visita a um museu, entre outros. Ou seja, esses três elementos têm papel importante para a realização da atividade turística. Sem viagem, lazer e consumo não há turismo.

2.2 TRABALHO FORMAL E INFORMAL NA ORLA

As praias da cidade de Fortaleza são espaços atrativos para o turismo, lugares de lazer e de interesse econômico, sendo, portanto, espaço de consumo. Todo tipo de alteração, implementada pela ordem privada ou pelo poder público, objetiva a comercialização da paisagem. Toda propaganda é feita no intuito de atrair público cada vez maior, seja local ou de fora da cidade, e, com isso, atrair consumo, lucro e divisas.

Analisa-se o trabalho humano, ou seja, a força de trabalho, tendo em vista que uma máquina também pode trabalhar, mas o que se analisa é a força de trabalho que precisa de recuperação. O trabalho está presente em toda a orla da cidade, ele gera renda e participa da construção econômica do município. Para Antunes (1999, p.103) uma noção ampliada da classe trabalhadora inclui, então, todos aqueles e aquelas que vendem sua força de trabalho em troca de salário. A classe trabalhadora:

Inclui a totalidade daqueles que vendem sua força de trabalho, tendo como núcleo central os trabalhadores produtivos [...]. Ela não se restringe, portanto ao trabalho manual direto, mas incorpora a totalidade do trabalhador produtivo aquele que produz diretamente mais-valia e participa diretamente do processo de valorização do capital, ele detém por isso um papel de centralidade interior da classe trabalhadora, encontrando no proletariado industrial o núcleo central (ANTUNES, 1999, p.102).

Diz Antunes (1999) que a classe que vive do trabalho também inclui os trabalhadores improdutivos aqueles do qual as formas de trabalho são utilizadas como serviço público que não forma elemento diretamente produtivo. Para o autor o trabalho improdutivo “abrange amplo leque de assalariados, desde aqueles inseridos

no setor de serviços, bancos, comércio, turismo, serviços públicos etc., até aqueles que realizam atividades nas fábricas, mas não criam diretamente valor”. (ANTUNES, 1999, p. 102).

A classe trabalhadora abrange tanto os trabalhadores produtivos que fazem parte do núcleo central da força de trabalho, mas também os trabalhadores improdutivos que podem estar nos mesmos locais dos trabalhadores produtivos, embora com atividades diferentes e com sentidos similares.

Pode-se dizer que o trabalho, nas sociedades civilizadas, tem em comum duas dimensões principais: o sentido de realização de uma obra e reconhecimento social, e o significado de esforço, dor, sofrimento. Pode-se assim dizer que o trabalho assume duas forças que movem o homem: a luta pela sobrevivência e a necessidade de inserção social. (BASTOS, 1995)

O trabalho não se limita somente à criação de valores de troca. O trabalho implica um estilo de vida, uma posição na sociedade por meio do exercício de uma profissão.

O pensador Morin (2001) observa que o trabalho representa um valor importante nas sociedades ocidentais contemporâneas e ressalta que o trabalho exerce influência considerável sobre a motivação dos trabalhadores. Essa categoria estudada por Antunes (1995) se apresenta como uma forma de identidade do ser humano, seu pilar mais significativo de existência enquanto ser social. Um homem sem trabalho, de alguma forma, passa a ser considerado à margem da vida em sociedade.

Com base nisso pode-se considerar que o trabalho além de influenciar a motivação dos trabalhadores é responsável pela satisfação e a produtividade dos mesmos. Morin (2001, p.08-09) diz que: “compreender os sentidos do trabalho hoje é um desafio importante [...] tendo em vista as múltiplas transformações que têm atingido as organizações e os mundos do trabalho”. O trabalho pode ser definido de várias maneiras. Segundo Brief e Nord (1990), o único elemento que reúne os diversos significados é: uma atividade que tem um objetivo. O trabalho é uma atividade produtiva que agrega valor às pessoas.

A forma como as pessoas trabalham e o que elas produzem tem um papel importante sobre o que elas pensam e na maneira como elas compreendem liberdade e independência, o trabalho pode ser observado como uma atividade com

um começo, meio e fim, e está claramente associado á noção de emprego, o salário que ele proporciona pode transmitir um sentimento de segurança e independência. Morin(2001) afirma que o trabalho é uma atividade que coloca as pessoas em conexão umas com as outras, fator que colabora com o desenvolvimento das identidades delas. Assim

É um exercício de liberdade, consciente, pleno. No entanto, á medida que a relação capitalista se aprofunda, e com isso se diferencia a sua divisão social do trabalho e se intensifica a sua divisão técnica, o trabalho se transfigura de atividade consciente em atividade alienada. O trabalho sob o capital é trabalho alienado. (ANTUNES, 1999, p.80).

O trabalho participa da construção da identidade do trabalhador, proporciona conexões entre as pessoas, é um dos fatores que determinam, proporciona salários e supre necessidades básicas das pessoas. Sabe-se que, muitos trabalhadores brasileiros não tiveram acesso à educação, tanto do ponto de vista geral quanto do profissional. Sem expectativa de concluir estudos, se incorporaram no mercado de trabalho como forma de sobrevivência. Ressalta-se ainda que o desenvolvimento de competências profissionais proporciona condições de laboralidade, de forma que o trabalhador possa manter-se em atividade produtiva. Dessa forma afirma Sório (2002, p. 47):

Os trabalhadores que atuaram e vêm atuando [...] sem formação profissional e qualificação específica para as funções que exercem, não vislumbram uma inserção digna nos planos de cargos e salários de suas instituições, não alimentam expectativas de crescimento funcional e muito menos obtêm registro profissional fornecido pelos órgãos de classe. Como resultado disso, esses trabalhadores têm sido marginalizados e tido baixo reconhecimento profissional e social.

O turismo está ligado a trabalho, lazer e também ao consumo. É fenômeno que remete a trabalho e lazer, para se fazer lazer, há variadas equipes em trabalho. Só é possível falar de lazer porque existem trabalho e tempo livre.

O trabalho nas normas brasileiras se enquadra em dois setores: o trabalho formal e o trabalho informal. Ambos têm a finalidade de adquirir meios de sobrevivência do trabalhador, e ambos podem estar presentes em locais distintos, mas também podem estar no mesmo local.

O trabalho é formal na medida em que o trabalhador tem carteira assinada uma vez que passa a existir para controle do governo e passa a fazer parte das estatísticas do trabalho formal. No momento em que tem a carteira assinada passa usufruir dos direitos e deveres que regem o país tais como auxílio doença, aposentadoria, pensão por morte, Fundo de Garantia por Tempo de Serviço –

FGTS, entre outros. Contudo, não é objetivo investigar o trabalho formal na orla de Fortaleza, mas sabe-se que nas barracas o trabalho é legalizado, e os empregados possuem carteira assinada. Os comerciantes estão legalizados ao longo da orla. Na Tabela 1 observa-se os índices de empregos formais na cidade de Fortaleza em comparação com o Estado.

Tabela 1 - Número de empregos formais no ano de 2014

Discriminação	Número de empregos formais					
	Município			Estado		
	Total	Masculino	Feminino	Total	Masculino	Feminino
Total das atividades	838.280	479.006	359.274	1.552.447	870.979	681.468
Extrativa Mineral	234	191	43	3.336	3.034	302
Indústria de Transformação	90.408	48.946	41.462	264.640	162.810	101.830
Serviços Industriais de Utilidade Pública	4.790	3.799	991	8.974	7.435	1.539
Construção Civil	62.047	57.103	4.944	92.801	85.779	7.022
Comércio	157.695	90.446	67.249	274.168	160.615	113.553
Serviços	367.996	206.565	161.431	489.854	275.286	214.568
Administração Pública	152.713	70.068	82.645	391.925	152.560	239.365
Agropecuária	2.397	1.888	509	26.749	23.460	3.289

Fonte: IPECE (2015)².

Constata-se que o mercado de trabalho formal, nos últimos anos tornou-se mais acirrado, Pastore, Silva e Cardoso (2000) ressaltam que isso se deve tanto pela exigência de “qualificação” como de “experiências”. De modo geral as competências estão ausentes para aqueles que não conseguem inserção no mercado de trabalho, e que não concluíram os estudos.

Sobre o mercado de trabalho pode-se dizer que a quantidade da força de trabalho disponível em um país depende dos fatores: tamanho da população residente; estrutura etária da população, que indica a quantidade de adultos; e

² Disponível em: http://www.ipece.ce.gov.br/publicacoes/perfil_basico/pbm-2015/Fortaleza.pdf.

disposição ao emprego dessa população dado o nível dos salários pagos, que é indicada pela taxa de participação. A qualidade da força de trabalho, por sua vez, está condicionada, em linhas gerais, ao nível educacional da população. Associadas ao estoque de capital, a quantidade e qualidade da força de trabalho disponível em um país são os fatores decisivos para o nível de produtividade de uma economia e constituem “os componentes principais da capacidade do mercado de trabalho de prover valor” (CASTRO; CASTRO; LEITE, 2006, p. 232).

A geração de empregos depende do crescimento econômico, daí que a crise econômica que domina o País leva muitos ao desemprego. A melhor política de emprego é, por conseguinte, o desenvolvimento econômico em um ambiente não inflacionário e favorável à expansão dos investimentos públicos e privados. Sobre o mercado de trabalho Antunes (1999) afirma:

Quanto mais se avança na competitividade intercapitalista, quanto mais se desenvolve a tecnologia concorrencial, maior é a desmontagem de inúmeros parques industriais que não conseguem acompanhar esta velocidade intensa. Os exemplos são crescentes e acarretam repercussões profundas no enorme contingente de força humana de trabalho. (ANTUNES, 1999, p.2).

O mercado, porém, não tem condições de fazer tudo sozinho e a prosperidade econômica não é suficiente, para obtenção do pleno emprego. Governo e sociedade, em parceria, implementam políticas que geram estímulos à criação de postos de trabalho. A capacidade do mercado de trabalho de gerar empregos depende não apenas da expansão econômica, mas das instituições que regulam o funcionamento das relações do trabalho. E assim para Harvey (2004, p.144): “a tendência do mercado é reduzir o número de trabalhadores centrais e empregar cada vez mais uma força de trabalho que entra facilmente e é demitida sem custos quando as coisas ficam ruins”.

As mudanças do trabalho pela chamada reestruturação produtiva levaram a terceirização, a informalidade, ao desemprego estrutural, e a perda dos direitos trabalhistas. Com base nessa afirmação convém observar que alguma das consequências desse episódio foi à ampliação do setor terciário (serviços, comércios, entretenimento, lazer e turismo). Mas, gerou:

A nova era de mercados globais e de produção automatizada. A estrada para uma economia quase sem trabalhadores à vista. [...] o fim do trabalho poderia significar a sentença de morte para a civilização como a conhecemos. O fim do trabalho poderia também sinalizar uma grande transformação social, um renascimento do espírito humano. (RIFKIN, 1998, p. 315).

E assim os trabalhadores procuram a informalidade. O trabalhador ambulante na orla de Fortaleza geralmente se insere no comércio informal, indo até onde estão os possíveis consumidores de suas mercadorias e serviços. São vendedores de picolé, castanha de caju, refrigerantes, e outros gêneros alimentícios, além daqueles que prestam serviços de aluguel de cadeira e guarda-sol, por exemplo.

Trabalho formal e informal enquadra diversas atividades em especial o comércio de bens e prestação de serviços. O termo “serviço” foi utilizado, pela primeira vez, por Fisher (1952) que designou como setor de serviços aquelas atividades econômicas que se caracterizavam por não serem produtoras de bens materiais.

Diante da retração do mercado de trabalho formal, as práticas informais e as alternativas de auto emprego se intensificam cada vez mais. O trabalho informal é um fenômeno que pode ser observado em diversos locais. É resultado de diversos fatores econômicos, culturais e legislativos para entendimento do trabalho informal Mendes e Campos (2004, p.10) explicam que no debate sobre trabalho informal, existe uma série de termos utilizados, como “setor não-estruturado da economia”, “setor não-organizado”, “setor não-protégido”, “subemprego”, “desemprego disfarçado”, “estratégia de sobrevivência”, demonstrando a existência de diferentes pontos de vista e avaliações sobre esse setor, principalmente no que diz respeito as causas do crescimento desse setor na economia.

Para ter ideia da importância da informalidade na economia brasileira, dados divulgados pelo Centro de mídia independente Trabalho (2004) dão conta que o Brasil é o quarto país com um dos maiores mercados informais do mundo, em lista de 110 países, este setor representa 40% do Produto Interno Bruto - PIB nacional e cerca de 60% dos trabalhadores brasileiros podem ser nele enquadrados.

Em Fortaleza, pessoas de classes mais baixas não conseguem trabalho formal e entram na faixa de trabalhadores informais, trabalhadores que veem no comércio uma forma de ganhar dinheiro para sustento da família.

A origem do trabalho informal segundo Jakobsen (2001) está relacionada com a migração de trabalhadores do campo para a cidade após a Segunda Guerra Mundial, devido às transformações nos atrasados meios de produção agrícolas, que dispensaram mão-de-obra neste setor, somadas à busca de melhores condições de

trabalho na nascente indústria urbana. Entretanto, esta não foi capaz de oferecer empregos suficientes e bem remunerados a todos, o que levou parcela expressiva de migrantes a constituir um excedente de mão-de-obra, que foi obrigado a “criar” seu próprio trabalho – principalmente no comércio e no setor de serviços – como meio de sobrevivência.

Embora a informalidade não seja atividade exclusiva de pessoas da periferia, muitos moradores da periferia acabam entrando na informalidade como forma de adquirir sustento, pagar dívidas, ter moradia e até mesmo tornar a educação acessível para os filhos. Pamplona (2004, p. 5) explica que a economia informal não é um eufemismo para pobreza (embora a maioria dos engajados nela tenda a ser pobre).

O informal pode ser tanto “espaço de sobrevivência” quanto de “ascensão social”. Na verdade, imensa heterogeneidade marca o informal. As pessoas que participam da economia informal não têm igual acesso aos mercados nem as mesmas dotações de capital técnico e humano. Há grandes diferenças de renda, de perfil ocupacional e de condições de trabalho. No setor informal, há tantos trabalhadores que escolheram tal atividade como outros que não tem opção.

A economia informal é subordinada (no sentido de ser vinculada e não necessariamente explorada) pelo núcleo capitalista (economia formal), pois seu crescimento é determinado pela dinâmica deste. A produção informal ocupa os interstícios da produção capitalista. Tem funcionalidade ao capital, mas não de forma mecânica, uniforme e necessária. Há casos de simples ocupação dos interstícios por uma força de trabalho que já não representa “exército industrial de reserva” (PAMPLONA, 2004, p. 6).

As atividades denominadas “informais” são espécies de trabalho que fazem parte da economia desde o início do capitalismo. Combinam com as formas de produção “tipicamente capitalistas” e influenciando-se, mutuamente, ao longo do desenvolvimento deste sistema econômico. As atividades “informais” são realizadas, por um amplo espectro de trabalhadores. As atividades “informais” não são “manchas de atraso” que perduraram, nem vão desaparecer com a retomada do crescimento econômico, mas são elementos integrantes, e em constante reprodução, de uma economia em que o ato de trabalhar reproduz a exploração do trabalhador e de uma economia em que a produção da riqueza gera também pobreza. É por essa razão que as políticas governamentais consideram a “informalidade” não um fenômeno a ser absorvido pelo crescimento do emprego

formal ou combatido, mas um elemento constituinte da economia excludente afirma Beloque (2007, p. 158-162).

A informalidade no turismo gera impactos negativos, mas também positivos. Uma vez que o turismo aquece a economia, o vendedor informal participa e ganha para sobreviver, com isso o vendedor muitas vezes cria o *marketing* para atrair clientes. Muitos deles têm visão de mercado e sabe quais produtos comercializar em determinados locais.

Na visão de Pamplona (2004, p. 6) o setor informal representa “uma forma de produzir caracterizada fundamentalmente pela existência do auto emprego”. A unidade produtiva informal funciona fundamentalmente para garantir emprego e, obviamente, uma renda para o trabalhador, que controlará seu próprio processo de trabalho. O negócio informal é, antes de tudo, uma forma de criar o próprio trabalho. A informalidade é um fato realidade e contém diversos temas. Afirma Harvey (2004, p.144) que “a tendência do mercado é reduzir número de trabalhadores centrais e empregar cada vez mais uma força de trabalho que entra facilmente e é demitida sem custos quando as coisas ficam ruins”.

Na visão de Santos, Silva e Silva (2011, p.7), em um país como o Brasil, com altas taxas de desemprego e grande concentração de renda, o trabalho informal funciona como possibilidade de inclusão na sociedade de consumo, seja como mão de obra informal, seja como consumidor. Uma vez na informalidade comercializando produtos o vendedor percebe que a atividade que era apenas uma saída de emergência para resolver problemas econômicos, acaba sendo uma atividade prazerosa e acaba por descobrir habilidades de empreendedorismo com potencial para que se torne um empreendimento formal.

Não se pode deixar de assinalar que existem vendedores ambulantes que não estão interessados em saber quem são os clientes, nem em os atender de forma conveniente, perdendo assim a capacidade de melhorar o próprio negócio. Este trabalhador fica estagnado, prejudica o próprio negócio e não chega a uma futura formalização.

Ressalta-se ainda que a informalidade, muitas vezes, é tida como forma de empregar de forma emergencial, no qual não há tempo para esperar conseguir emprego formal. Muitas vezes é nesse momento que o empreendimento tem início sem planejamento adequado, a partir daí surgem também diversos problemas. A

principal característica da informalidade é a inserção precária no mercado de trabalho, especialmente pela ausência de proteção das leis sociais e trabalhistas advindas da regulação estatal e negociação coletiva.

Alguns vendedores percebem a falta de leis e fiscalização na informalidade e acabam fazendo com que os índices da informalidade se tornem ainda mais impactantes e negativos oferecendo a comercialização de produtos piratas, com preços mais baixos que os produtos nacionais gerando concorrência desleal com os demais e até mesmo competindo de forma negativa com lojistas que acabam fechando as portas devido à baixa procura por produtos nacionais.

Os lojistas muitas vezes acabam aderindo ao lado clandestino para comprar suas mercadorias adquirindo produtos piratas para competir junto com o vendedor informal aumentando ainda mais os impactos negativos na economia local devido à ausência da proteção de leis sociais e trabalhistas bem como a ausência de recolhimento de impostos entre outros.

Muitos dos produtos comercializados são produzidos na casa do próprio ambulante, e por familiares, o que faz com que a rede da informalidade seja maior do que a constatada nas ruas, praças e praias.

A informalidade é uma atividade que gera impactos negativos para a economia do país muito embora a atividade pareça ser uma saída econômica para quem está desempregado existe uma série de perdas na arrecadação de impostos decorrentes da informalidade. A informalidade para o Governo:

Representa um foco de preocupação em relação à perda de arrecadação tributária. Corrente de estudiosos do mercado de trabalho advoga que O fenômeno é propiciado pelos elevados encargos trabalhistas impostos pela relação formal de trabalho, que faria com que o custo do fator trabalho dobrasse, segundo alguns cálculos, em relação ao salário efetivamente recebido pelo trabalhador. A discussão em torno da flexibilização da legislação trabalhista - nessa perspectiva - poderia oferecer algumas soluções que amenizassem a gravidade do problema, mas o debate a respeito é intenso e não há consenso estabelecido. (RAMOS; BRITTO, 2004, p. 8)

De acordo com Thomaz Júnior e França Júnior (2009, p.165):

Quando se ocupa com a (des) realização e as novas identidades do trabalho territorialmente expressas na plasticidade que se refaz continuamente, se está preocupado com os desdobramentos para os trabalhadores, constante redefinição de profissões e habitações, especializações, inserções autônomas em vários casos, com experiências de desposseção Essa trajetória de fragmentações atinge diretamente o trabalho, e são essas as evidências mais profundas do estranhamento que acrescentam desafios à compreensão do trabalho, na perspectiva de classe.

Pastore (2000) acrescenta que o mercado informal pode ser visto como uma atividade enigmática composta na maioria por trabalhadores que se inserem na atividade por conta própria, empregados que trabalham por tarefa (agricultura, construção civil, serviços e outros), gente que trabalha de forma intermitente, nas vias públicas, ora como empregado, ora como ambulante e até pessoas qualificadas e com trabalho mais contínuo, mas todas em constante movimento que chega a confundir o observador desavisado.

Portanto na visão de Pastore (2000) os sujeitos do mercado informal não desempenham o mesmo papel ao longo de sua trajetória informal. Uma parte nasce e vive na informalidade, e aí continuam mudando de ocupação, local de trabalho e ramo de atividade. Há os que passaram pelo mercado formal, onde desempenharam diversas atividades e até mesmo cargos distintos na mesma organização ou seguindo roteiros estruturados. Mas, há também os que ficam anos mudando de atividades alternando entre formal e informal.

A informalidade é um fenômeno observável, mas de difícil compreensão nas várias dimensões. Pode-se observar que muitas vezes é um vendedor informal de alimentos que está comercializando nas ruas, mas não se sabe quantas pessoas trabalham no preparo do produto e que também estão inseridas na informalidade. Pastore (2000) observa que:

O mercado informal registra um aumento de pessoas com mais qualificação que se distancia cada vez mais do mundo do emprego e se instala no do trabalho, com pouca chance de mudança. São engenheiros, consultores, analistas, professores, *personal trainers* etc. que trabalham na condição de temporários permanentes (p. 10).

Assim, cada vez mais pessoas que antes eram qualificadas para exercer empregos formais são obrigadas a aderir à informalidade por diversos motivos.

Pastore (2000) ressalta que há que se pensar na criação de proteções atreladas aos seres humanos, proteções portáteis e não à condição de trabalho. Isso requer uma reestruturação de regras que permita às pessoas entrar e re-entrar nos vários nichos do mercado, mantendo um mínimo de proteção. O autor deixa claro que é importante é reduzir o custo da legalização e estimular pessoas a criar pacotes mínimos de proteção, dentro dos quais a mais central é a Previdência Social para amparo do trabalhador durante a trajetória laboral.

Verifica-se que em momentos de crescimento do país o nível de informalidade no mercado de trabalho diminui, e em tempos de desaceleração do

crescimento econômico a informalidade aumenta, pois funciona como uma saída para a sobrevivência de trabalhadores que perderam seus empregos.

Pode-se enquadrar o trabalhador informal como um empreendedor uma vez que “empreendedor não se aplica somente á pratica dos negócios, mas a todas as esferas das atividades humanas. Pois o empreendedorismo não é apenas instituição, é uma maneira de pensar. Para alguns, é até mesmo uma maneira de se ligar ao Universo” (FILION, 1999, p.28-31).

Ressalta-se ainda, políticas públicas ajudam nesse movimento e podem continuar a estimular a geração de vagas com carteira assinada, como os incentivos à formalização de pessoas jurídicas, a facilidade de acesso a linhas de crédito e a desoneração na folha de pagamento das empresas.

Santos (2007) observa que desde os anos 1990, diversos programas governamentais destinados ao mercado de trabalho informal foram gerados. Theodoro (2000, p.15) enumera aqueles considerados mais importantes: Comunidade Solidária, Banco do Povo, PROGER, BNDS Trabalhador e o BNDS Solidário. Segundo o autor, esses programas partilham de uma visão liberal de apoio ao setor informal, uma vez que:

O eixo central do apoio seria o crédito individual. Cada indivíduo é tido como um pequeno empreendedor potencial. A ideia de que o indivíduo é capaz de identificar as melhores opções, ou ainda a ideia de que o mercado-livre das amarras impostas pelo Estado poderia oferecer oportunidades a todos está de novo na ordem do dia. Com efeito, não se trata mais de promover estudo para a identificação de tendências e potencialidades. O mercado seria capaz de estabelecer o elenco de prioridades e de atividades a serem apoiadas. [...] O papel que o Estado se propõe a assumir é menos de transformador - no sentido mesmo de Estado desenvolvimentista dos anos 1950-1970 e mais de gestos. A palavra de ordem é governar a miséria e reduzir conflitos com a ajuda da sociedade civil (THEODORO, 2000, p.15-16).

O governo federal promove medidas para que haja uma diminuição da informalidade dentre elas a mais notória é a do Microempreendedor Individual – MEI que pode formalizar-se em cerca de 470 atividades econômicas, disponíveis no Portal do Empreendedor. Em 2015 34% dos formalizados concentraram-se em apenas dez dessas atividades. A criação desse cenário conquistado é genuinamente nacional, e observa-se agora a reação favorável da sociedade e do ambiente de negócios, bem como dos empreendedores, no sentido de formular políticas inclusivas mais eficientes e criar melhores condições para atender a este público. Como grande desafio neste campo merece destaque a luta contra a inadimplência

das obrigações previdenciárias e tributárias devidas, problema este que atinge níveis preocupantes.

Segundo a cartilha do Microempreendedor Individual organizada pelo SEBRAE Edição de 2014 o MEI é uma nova categoria de empresa para quem fatura até R\$ 60 mil por ano se legalizar gratuitamente. O objetivo é dar cidadania empresarial a milhões de brasileiros que vivem na informalidade. Abrir uma empresa garante ao empreendedor o registro no Cadastro Nacional da Pessoa Jurídica (CNPJ). Ou seja, quem é formalizado, pode emitir nota fiscal, participar de licitações, comprar direto de fornecedores, ampliar prazos para pagamentos e receber mercadoria na porta do estabelecimento, entre outras vantagens. O MEI também passa a ter direito a benefícios previdenciários (aposentadoria, licença maternidade, auxílio doença, etc.). Com CNPJ, o microempreendedor pode abrir conta empresarial e acessar linhas de crédito específicas, com juros mais baixos. A única coisa que o microempreendedor deve pagar para se manter legal é um valor fixo, mensal de R\$ 45,00 (comércio ou indústria), R\$ 49,00 (prestação de serviços) ou 50,00 para (comércio de serviços).

As taxas são reajustadas anualmente, de acordo com a correção do salário mínimo. O informe ainda ressalta que o Candidato ao MEI não pode participar de outra empresa, como sócio ou titular, deve trabalhar sozinho ou ter no máximo um empregado, não possuir filial. O MEI será legalizado gratuitamente e pagará apenas uma guia mensal, que reunirá tributos federais, estaduais e municipais. O controle financeiro também é simplificado.

Outro benefício importante que a Cartilha do Microempreendedor Individual organizada pelo SEBRAE Edição 2014 informa é a redução do custo para contratação de um funcionário. Além disso, o microempreendedor pode abrir conta bancária empresarial e tomar empréstimos exclusivos para empresas deste porte. A legalização ainda garantirá acesso aos benefícios previdenciários, como aposentadoria, auxílio-doença e salário-maternidade. A legalização do candidato ao MEI é realizada exclusivamente pela internet, no Portal do Empreendedor: <www.portaldoempreendedor.gov.br>. É importante que o microempreendedor individual também conheça as regras de abertura de empresas do município em que o MEI está se candidatando a atuar.

Segundo o SEBRAE no prazo de até 180 dias, a prefeitura poderá confirmar a adequação do local escolhido pelo MEI para exercício de suas atividades, seja com resposta positiva após análise do pedido do registro, seja por não manifestação dentro do prazo citado anteriormente. O MEI está dispensado da contabilidade. Deve, apenas, guardar os comprovantes das suas compras. Caso emita nota fiscal, deverá também guardar esses comprovantes de vendas.

Constata-se que a informalidade inclui trabalhadores que estão fora do trabalho formal, esses trabalhadores informais são futuros potenciais a se inserirem no MEI e em outras modalidades empresariais diversas.

O setor informal é um espaço econômico subordinado ao movimento das formas de organização da produção capitalista, constituindo-se do conjunto de atividades que pode ser explorado por produtores diretos que possuem os meios e instrumentos para exercer o trabalho.

Trabalhadores informais além dos serviços que oferecem podem ir além e desenvolver o próprio negócio. Muitos deles oferecem o pagamento por meio de cartão de crédito deixando o cliente satisfeito com os serviços.

A informalidade dos trabalhadores exige que se entenda as dinâmicas da informalidade dos vendedores ambulantes da Praia do Futuro, o modo que inclui quem está fora do mercado de trabalho. Os vendedores ambulantes trabalham sem proteção alguma ao sol, dentre muitos outros problemas inclusive a aglomeração de muitos vendedores ambulantes acaba sendo motivo de desconforto e a intranquilidade dos frequentadores que ressaltam querer um pouco mais de tranquilidade sem ser incomodado por vendedores ambulantes.

Cabe ressaltar que a atividade embora propicie pontos negativos existe uma parcela de trabalhadores informais que acabam se sobressaindo em suas atividades tendo uma remuneração que vai muito além das renumerações obtidas em muitos empregos formais. Nesse contexto Oliveira (2009) afirma que alguns trabalhadores, como os vendedores ambulantes, chegam a atingir mensalmente um montante superior a um salário mínimo mensal pelo desenvolvimento das atividades. Ou seja, economicamente estão no mesmo patamar de um funcionário assalariado. E acrescenta o estudioso que a precarização do mundo do trabalho pode ser identificada como expressão da questão social, pois é determinante para as condições socioeconômicas dos indivíduos, uma vez que na sociedade capitalista, o

trabalho é o caminho usado pelos indivíduos para conquistar a sobrevivência. Assim a ausência do trabalho gera situação de miséria e desigualdade social, pois é por meio do trabalho que se obtêm os meios de vida, bem como o desenvolvimento da sociabilidade entre os indivíduos. Alberto (2005) diz que a precarização crescente do mercado informal, tornada a lógica econômica dominante:

Possibilita entender a existência do discurso que responsabiliza o indivíduo por sua trajetória profissional baseada na flexibilidade na ideia do indivíduo empreendedor, que não precisa da Tutela do Estado para construir esta trajetória. Dada a incapacidade da economia para criar empregos, estas trajetórias seriam construídas, obviamente, no setor dito informal (p.324).

Santos (2007) acrescenta que devido o alinhamento dos países periféricos com o movimento de mundialização do capital, a divergência entre os processos de acumulação do capital e a perspectiva do pleno emprego exige outra forma de incorporação do setor informal nas relações sociais de produção. Assim no Brasil, a informalidade do mercado de trabalho resulta da

Perspectiva macroeconômica, no sentido de enfrentar as sequelas do subdesenvolvimento e passa a ser em segundo momento, uma política social de combate à miséria; ação que se torna componente de uma ação de regulação da miséria e de gestão das desigualdades (OLIVEIRA, 2000, p. 18).

Mas mesmo assim muitos trabalhadores informais veem a atividade como um meio de se incluírem no mercado de trabalho uma vez que o emprego formal está cada vez mais seletivo exigindo cada vez maiores níveis de escolaridade e especialização. Os trabalhadores informais veem a atividade como uma forma de ganhos com flexibilidade de horários, mas são excluídos de diversos benefícios como auxílio doença, aposentadoria por tempo de serviço, auxílio maternidade, licença maternidade e indenização por acidente de trabalho. Cacciamali (2007, p.16) ressalta que:

Não se deve deixar de observar conjuntos de trabalhadores por conta própria de baixa renda que, em virtude de suas habilidades e do mercado onde participam (clientela e seu nível de renda), apropriam-se de rendimentos maiores do que se estivessem na condição de empregados.

Constata-se que muitos se submetem a trabalho duro com jornadas de trabalho de mais de 10 horas seguidas, sem alimentação adequada, se sujeitam a vender os produtos bem próximos a concorrentes causando rivalidades. De certa forma a informalidade é uma atividade que gera impactos na sociedade.

Grande parte da economia informal é constituída de micro ou pequenos empreendimentos, ou seja, por aqueles considerados trabalhadores por conta própria. Cacciamali (2007, p.8) ressalta que:

O setor informal se constitui no conjunto de formas de organização da produção que não se baseia para seu funcionamento, no trabalho assalariado. Um conjunto de características define a organização de produção no Setor Informal: o produtor direto é o possuidor dos instrumentos de trabalho e/ ou do estoque de bens necessários à realização de seu trabalho, e se insere na produção como patrão e empregado simultaneamente; o produtor emprega a si mesmo e pode lançar mão de trabalho familiar ou de ajudantes como extensão do seu próprio trabalho; o proprietário obrigatoriamente participa de maneira direta da produção e da direção do negócio; o produtor direto vende seus serviços ou mercadorias, o ganho é utilizado, principalmente para consumo individual e familiar e para a manutenção da atividade econômica, e mesmo que o indivíduo aplique seu dinheiro com o sentido de acumular, a forma como se organiza a produção, com apoio no próprio trabalho, em geral não lhe permite tal acumulação; a atividade é dirigida pelo fluxo de renda que fornece ao trabalhador e não por uma taxa de retorno competitiva; é desta renda que se retiram os salários dos ajudantes ou empregados que possam existir.

Contudo, importa notar que a informalidade já se fazia presente no Brasil antes dos anos 1990. Segundo Noronha (2001) o termo “velha informalidade” classificava frequentemente o trabalho informal, do período de 1960/1970, como subemprego. Buscava explicar o mercado de uma economia em transição, que começava a gerar uma massa de desempregados, os quais rapidamente se acumulavam nas cidades industrializadas, recém-chegados do campo.

Nos fins da década de 1980, os direitos do trabalho foram reforçados pela nova Constituição e, simultaneamente, intensificou-se o comércio internacional; assim a abordagem neoclássica, para o autor, culpa o excesso de regulação ao período pela expansão da informalidade. Já a nova informalidade resultaria, conforme Noronha (2001), das mudanças nos processos de trabalho, das novas concepções gerenciais e organizacionais e dos novos tipos de trabalho, os quais não exigem tempo nem locais fixos. Ou seja, trata-se de uma informalidade derivada da nova dinâmica econômica. Santos (2008, p. 6-7) destaca que:

A intensificação da informalidade decorre, principalmente, das formas de redução de custos adotadas pelas empresas, em virtude do acirramento da competitividade promovida principalmente pela entrada de produtos importados no País. As empresas, para ampliar seus espaços produtivos e sua margem de lucro adotaram novas alternativas que afetam diretamente os empregados. Demitem centenas de trabalhadores, terceirizam outros e recontratam alguns com remuneração bem inferior, inviabilizando a criação de empregos regulares e regulamentados. Convém também lembrar que as grandes empresas adotaram uma nova conduta de desnacionalização, fusão e incorporação, com intuito de tornarem-se mais competitivas.

Sales (2006, p.47) enfatiza que:

[...] no Brasil conveniu-se chamar de informal o que não era formalizado, por se tratar de conceito mais fácil de ser explicado. Reduzia-se dessa forma, o setor informal a apenas um de seus aspectos [...]. Passou-se a se considerar como informais todos os trabalhadores que não tinham carteira de trabalho assinada, ou seja, aqueles trabalhadores sem vínculo empregatício pela CLT e sem acesso a proteção social (férias, décimo - terceiro, FGTS, seguro desemprego e aposentadoria), independente da ocupação exercida ou das relações de trabalho envolvidas.

A informalidade é um fenômeno observável presente em diversos lugares, despertando a atenção de pessoas, o fenômeno pode ser visto nas praias, ruas e até mesmo em calçadas onde muitas vezes acabam se tornando pequenas ou grandes aglomerações de ambulantes que buscam vender seus produtos onde há fluxo de pessoas. Sobre o comércio informal, Santos, Silva e Silva (2011, p.7) afirmam que:

[...] além de tema de estudo de vários pesquisadores, tem sido objeto de discussão na mídia, pois esta atividade cresce de forma significativa, modificando os espaços com uma rapidez impressionante. Presente nos centros urbanos das grandes capitais, o comércio informal garante à parcela da população menos abastada acesso a produtos, que de outra forma não seria possível.

Na informalidade ocorre parte do comércio de produtos de baixo valor, uma vez que a informalidade se exclui por si própria de impostos diversos conseqüentemente o preço final do produto tem valor mais baixo, observa-se:

Que, o comércio informal tem grande significado para a população pobre, em um país como o Brasil, em que há grande concentração de renda. Parte dos trabalhadores excluído do mercado formal de trabalho e de consumo busca o comércio informal como forma de se incluir na sociedade do consumo (CAVALCANTE, 2011, p. 3).

Dantas (2005) ainda reforça que há relevância no comércio ambulante para o abastecimento de produtos às classes de menor poder aquisitivo que não podem consumir no comércio estabelecido devido os preços altos, bem como, a inclusão dos que trabalham no comércio ambulante na sociedade de consumo. É que a informalidade aumenta em momentos de crise econômica de um país. É neste momento que as pessoas que perderam o emprego decidem exercer atividade por conta própria, e parte dessas pessoas não quer que seja um empreendimento formalizado e há de se considerar que algumas também não sabem quais procedimentos necessários para a formalização e outras decidem deixar a formalização para depois que seu pequeno empreendimento estiver dando lucros.

Para Krein e Proni (2010, p. 07) “em momentos de crise permanece uma enorme heterogeneidade no mercado de trabalho”. Fenômenos tais como a

contratação ilegal de trabalhadores sem registro em carteira, os contratos atípicos de trabalho, as falsas cooperativas de trabalho, o trabalho em domicílio, os autônomos sem inscrição na previdência social, a evasão fiscal das microempresas, o comércio ambulante e a economia subterrânea, podem ser evocados como exemplos da diversidade de situações que podem caracterizar de “economia informal”. Mas, apesar dessa disparidade de manifestações, há um denominador comum: o fato de que, geralmente, envolvem trabalhadores cuja condição tende a ser mais precária em razão de estarem em atividades em desacordo com as normas legais ou fora do alcance das instituições públicas de seguridade social.

Para Ribeiro (2000, p. 7) os principais fatores que causam o crescimento da economia informal estão relacionados ao

Crescimento da carga tributária, ou seja, impostos, taxas, contribuições sociais e outros; o aumento da regulação da economia oficial, especialmente do mercado de trabalho; redução forçada do tempo de trabalho; aposentadoria precoce; desemprego; inflação; o declínio da percepção de justiça e lealdade; a redução do índice de moralidade; redução do índice de percepção da corrupção; indicando aumento desta e até mesmo a liberdade como um fator de escolha dos indivíduos para trabalhar na informalidade pela possível flexibilidade que ela oferece.

Os trabalhadores do mercado informal não possuem carteira de trabalho assinada, estão em pequenos negócios, ou produzem ou comercializam bens ou serviços. Nessa classificação estão inclusos os vendedores ambulantes da Praia do Futuro.

Mesmo assim os trabalhadores informais têm um lugar na cadeia produtiva, seja atuando no escoamento de produtos, realizado pelos vendedores ambulantes e de ponto fixo, seja na apropriação e na reciclagem dos restos advindos da produção, por meio de catadores de papel, papelão, metais, lixo, ou ainda na prestação de serviços diversos para o público ou para empresas. Isto não significa que esta inserção seja importante na geração de renda. Pelo contrário, ela é extremamente precária e, além de não garantir o acesso aos direitos sociais e trabalhistas básicos, para a maioria dos trabalhadores informais caracteriza-se por uma renda muito baixa (KREIN; PRONI, 2010, p. 7).

Os termos “formal” e “informal” aparecem em substituição à divisão entre “setor tradicional” e “setor moderno”, uma vez que o setor informal é entendido como fenômeno moderno e resultado do processo de urbanização. Não existia um corpo teórico de investigação social que explicasse o que constituía a informalidade,

entendida como uma maneira de fazer as coisas. As atividades informais foram pensadas como formando um setor, que engloba tanto empresas como indivíduos envolvidos na produção de bens, na prestação de serviços pessoais ou no pequeno comércio. Acrescentam Krein e Proni (2010) que:

A informalidade assume distintos significados nos diferentes debates em torno das suas manifestações cotidianas, uma vez que a sua compreensão na opinião pública, na academia e entre os formuladores de políticas públicas costuma variar de acordo com a visão de mundo, os compromissos e os interesses imediatos de cada segmento social. Mas, qualquer que seja o significado atribuído às suas manifestações, a questão não pode ser pensada de forma compartimentalizada, como se o problema estivesse restrito a um setor atrasado e estagnado da economia. No cenário de transformações econômicas e de reordenamento institucional, diversos estudos buscaram discutir o tema da informalidade, mas a partir de diferentes perspectivas observando a sua importância na geração de ocupações e considerando-a como expressão da rigidez da legislação trabalhista bem como a denunciando pela precariedade e insegurança que traz para o mundo do trabalho, enxergando-a como um fato inexorável da transição para uma sociedade de serviços e entendendo que há um “processo de informalidade” implícito na reorganização econômica contemporânea. Essas perspectivas não são necessariamente antagônicas, mas diferenciam o posicionamento dos diferentes interlocutores no debate. (KREIN; PRONI, 2010, p. 7).

Singer e Pochmann (2000) assinalam que para resgatar o trabalho informal da pobreza é necessário organizá-lo. Criar melhorias de trabalho e formas mais simples de se formalizar seria o caminho. Os autores ainda ressaltam que a forma de organização não pode ser o sindicato clássico, porque os trabalhadores informais não têm emprego regular, não são explorados por empresas em termos permanentes, sendo antes vítimas da espoliação de intermediários, usurários, fiscais e policiais corruptos. A nova informalidade é explicada assim:

Há uma “nova informalidade” que advém do processo de reorganização econômica e de redefinição do papel da regulação do trabalho, com implicações significativas na estruturação do mercado de trabalho e das políticas de proteção social (incluindo o financiamento das políticas sociais). Trata-se de um fenômeno resultante tanto das restrições impostas pelo baixo crescimento econômico ao longo de extensos períodos que difere da velha informalidade (pessoas inseridas em atividades de sobrevivência, de baixa produtividade e desprotegidas do ponto de vista social e dos direitos fundamentais do trabalho) com a nova informalidade, considera-se que, no Brasil, dificilmente a questão será superada nos próximos anos, mesmo levando em conta a recente recuperação do nível de emprego formal. Portanto, há a necessidade de compreender tanto as novas como as velhas manifestações desse fenômeno para estabelecer políticas públicas voltadas para a inclusão de um expressivo número de pessoas em um sistema adequado de proteção social. (KREIN, PRONI, 2010, p. 07)

Já Kuhn (2007) define o setor informal sobre outra perspectiva também chamada “estruturalista”, e observa o fenômeno como conjunto de atividades

geradoras de renda desregulamentadas pelo Estado em ambientes sociais em que atividades similares são regulamentadas.

O trabalho informal apresenta faces: a primeira observada como consequência do fenômeno uma atividade que prejudica o estado como um todo devido à ausência de recolhimentos de impostos. Além disso, como consequência negativa o trabalhador informal fica totalmente desamparado quanto aos benefícios que o governo cobre tais como auxílio doença, pensão por morte, aposentadoria por idade entre outros.

A outra face do trabalho informal que de certa forma se observada apresenta seus aspectos positivos uma vez que o trabalhador ao ficar desempregado não arranjando emprego viveria de que? Então a informalidade acaba sendo uma solução embora momentânea para o seu sustento que emprega gera renda e diminui a quantidade de pessoas ociosas.

Excluídos da nova ordem capitalista, que são as massas de desempregados e subproletários do sistema de exploração do capital, em decorrência do desenvolvimento da produtividade do trabalho, cuja impossibilidade real de serem incluídos pela nova ordem capitalista aparece, no plano contingente, meramente como índices do desemprego estrutural (ou ainda da subproletarização tardia). (ALVES, 1997, p. 61).

O fato é, entretanto, que os trabalhadores expulsos do trabalho assalariado, não conseguem reconquistar sua inserção no mercado de trabalho. Gorz (1995, 136) afirma que “não será mais possível [...] contar com os serviços para absorver a força de trabalho eliminada pela indústria, [...] o desemprego das pessoas qualificadas triplicou e aumentou mais rapidamente a taxa de desemprego total”. Com o aumento do desemprego em trabalhos formais conseqüentemente haverá uma crescente quantidade de pessoas aderindo à informalidade e trabalhando informalmente fator que acaba prejudicando o crescimento da economia. Cabe salientar que o Governo

Através de programas de educação “profissional” muitas iniciativas de geração de renda e trabalho veem resgatando esse modelo de êxito [retorno a livre iniciativa], como grande alternativa para os que se encontram excluídos do emprego formal e regulamentado. São oferecidos cursos e treinamentos com o objetivo de instrumentalizar os trabalhadores para abrirem seu próprio negócio, como autônomos ou para serem futuros “empresários”. O recurso á livre iniciativa parece querer convencer as populações excluídas de que o problema não é do capitalismo, mas da forma como os indivíduos se inserem nele (OLIVEIRA, 2000, p. 242).

Ruschmann e Solha (2006) ressaltam que para organizar o trabalho informal é preciso o Estado estabelecer políticas públicas eficazes na geração de

emprego e renda e instaurar programas de formalização para os comerciantes de pequeno porte, pois devido à abrangência e complexidade, comumente, cabe ao Estado estabelecer as políticas para as mais diversas esferas de atuação governamental. Isto se dá por meio da definição de objetivos e da criação de regras que refletem os princípios de uma sociedade.

Para isso o “exaustivo e criativo processo de formulação de política deve ser acompanhado pela implementação de uma série de ações que possibilitem o alcance dos objetivos estabelecidos”. (GOELDNER; RITCHIE; MCLINTOSH, 2002, p. 337).

Para Ribeiro (2000) a regulação no mercado de trabalho eleva os aumentos dos custos trabalhistas da economia formal. Muitos desses custos acabam sendo transferidos para os empregados, tornando assim um incentivo adicional para o deslocamento do trabalho oficial para o setor informal, onde estes são evitados. E que essa realidade não constitui fenômeno isolado ou específico da realidade cearense ou nordestina, mas um fenômeno mundial próprio das economias chamadas subdesenvolvidas, como forma de driblar o desemprego e a miséria, uma vez que em tempos de “acumulação flexível” (HARVEY, 2007, p. 140), todos são responsabilizados pela própria inserção no mercado de trabalho, cada vez mais competitivo.

3 PRAIA DO FUTURO E O CONSUMO TURÍSTICO

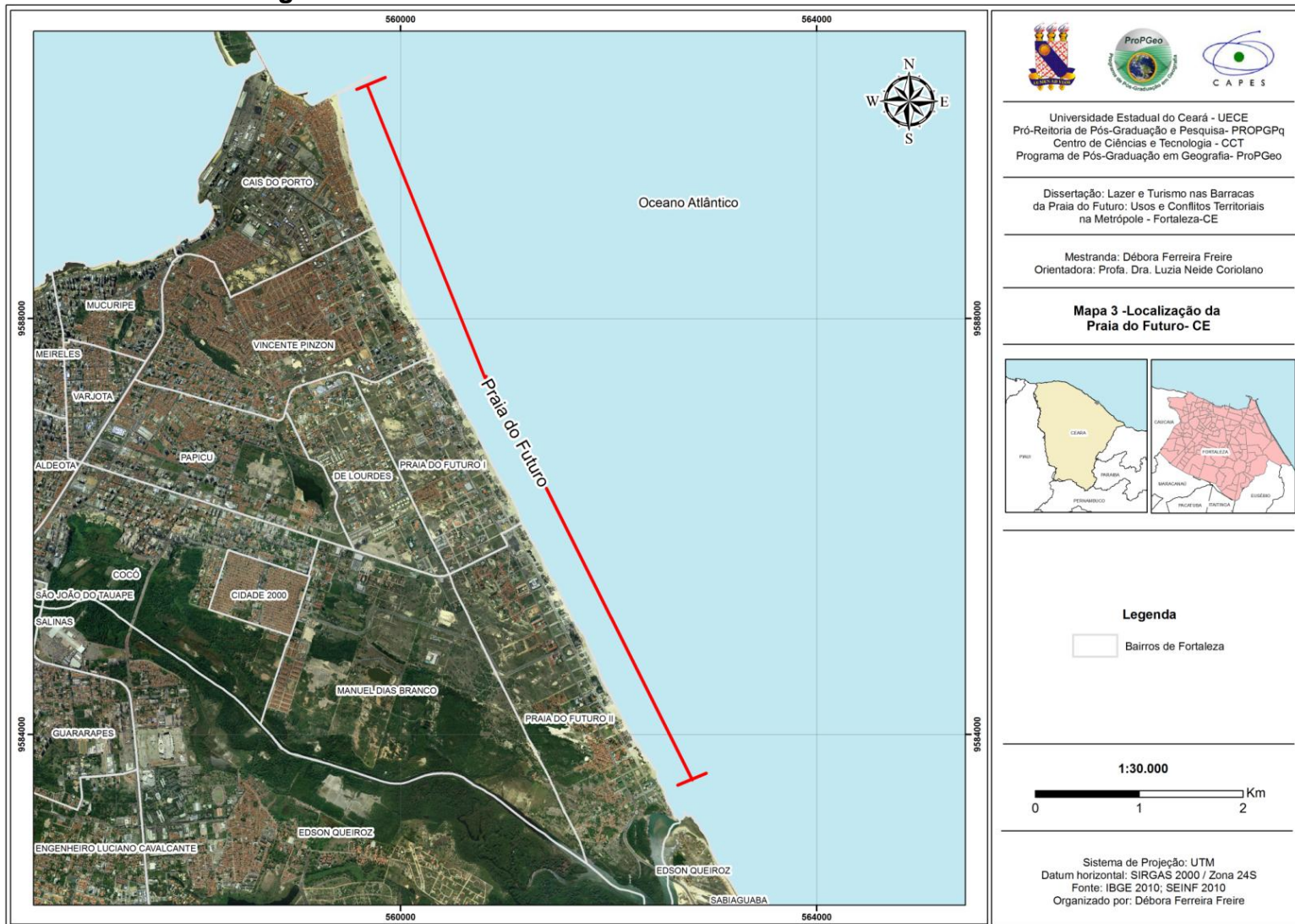
A Praia do Futuro é uma praia e também bairro nobre na área leste de Fortaleza, capital do estado do Ceará. E, sobretudo a Praia do Futuro, um importante local de turismo para a cidade de Fortaleza, onde parte dos turistas que chegam à capital cearense tem a praia no roteiro turístico. Observa-se também que a Praia do Futuro tem uma extensão favorável para a realização de atividades comerciais, dentre elas o turismo o lazer, e o consumo. A praia pode ser observada como um local de consumo uma vez que os banhistas consomem os mais variados tipos de produtos e serviços no momento em que estão na praia. Mas, antes de aprofundar-se nesse processo faz-se necessário analisar como se deu o processo de urbanização da praia e a consolidação dessa praia como um dos pontos turísticos de Fortaleza.

Paiva (2011) enfatiza que a partir da década de 1980, iniciou-se um processo de ocupação da praia do Futuro pela habitação de classe média de residências unifamiliares e edifícios multifamiliares, entretanto devido às condições naturais enfrente a zona costeira (fortes ventos e maresia) desestimulou o processo de ocupação da praia nos fins da década de 1980. Cabe ressaltar que:

A Praia do Futuro, com uma extensão aproximada de 8 km está limitada a sudeste pelo Rio Cocó e a noroeste pelo molhe do Titãzinho, tendo como limite interior à linha divisória das bacias do rio Cocó e as bacias hidrográficas da vertente litorânea (isto é, formada pelos cursos fluviais que deságuam na faixa L/O). Esta faixa de praia constitui um grande polo de atração e utilização para o turismo e o lazer do município. Neste setor encontram-se calçadões e barracas espaçadas, ocupando a faixa de praia (estirâncio). A praia do Futuro tem grande importância para a cidade de Fortaleza, em primeiro lugar como polo de lazer para a população, em segundo lugar tem grande importância para a economia local dada a grande atividade turística que se desenvolve nessa praia, que conjuga beleza natural com a presença de uma importante infraestrutura de hotéis, bares e barracas à beira mar, ocupando áreas de estirâncio e berma. Este segmento caracteriza-se pela presença de edifícios residenciais, de lazer e de turismo (clube e hotéis). Ocorrem inúmeras barracas na faixa de praia. Destacam-se o uso comercial e residencial, nesse último caso marcando um início de verticalização em alguns setores. A faixa de praia é linear, larga e com acesso direto (FECHINE, 2007, p. 79).

Na Figura 3 é apresentado a Praia do Futuro situada no litoral leste de Fortaleza.

Figura 3 - Praia do Futuro situada no Litoral Leste de Fortaleza



Fonte: FREIRE, Débora Ferreira (2016).

A Praia do Futuro está sobre responsabilidade da SER II – Secretaria Executiva Regional em Fortaleza II, a área faz parte de um grande adensamento comercial e de serviços, responsável por uma importante arrecadação estadual e municipal, ao mesmo tempo concentra área de famílias abastadas e conjuntos habitacionais de baixa renda.

É considerada uma das mais conhecidas praias do Nordeste e possui diversas “barracas” restaurantes com comida típica e frutos do mar. A praia tem muito movimento nos dias de quinta-feira a noite, dia da tradicional caranguejada, prato típico, paralelo com a formalidade da praia do futuro compete os vendedores ambulantes que na sua grande maioria são informais vendendo diversos produtos alguns desses produtos são iguais aos comercializados pelos comerciantes formais.

A praia do Futuro não é apenas o espaço de lazer, mas também de trabalho, para aqueles que disputam o território em busca da sobrevivência como os vendedores ambulantes que veem no turismo uma forma de obter renda para seu sustento sobre essa afirmação.

Na dissertação realiza-se estudos teóricos sobre o desenvolvimento urbano na Praia do Futuro e contribuiu para se saber que:

A praia do Futuro, localizada na zona Leste do litoral Fortalezaense, entre o porto do Mucuripe e a foz do Rio Cocó, teve seus terrenos valorizados em função da construção do porto a partir da década de 1940, e em 1950, toda a faixa junto à praia foi loteada por Antônio Diogo, proprietário então de toda a área [...] Entre os anos de 1960 e 1980, a urbanização nessa faixa da orla se deu vagarosamente e ainda hoje não se consolidou. Datam deste período os primeiros investimentos na implantação de infraestrutura viária com o melhoramento dos acessos, como foi o caso da ampliação da Avenida, Santos Dumont em 1976 até a Praça 32 de março, Na década de 1980, foi construído o calçadão da Praia do Futuro e feito o alargamento da Avenida Zezé Diogo, paralela à praia (PAIVA, 2011, p. 220).

A praia pode ser vista como local de consumo turístico uma vez que os turistas ao chegar ao local consomem produtos e serviços dos mais variados tipos, Camargo (2006, p.27) ressalta que “o turismo é uma forma de lazer que implica consumo, pois para que ocorra o turismo faz-se necessário viajar”. Muitos deslocamentos turísticos ocorrem em busca de “[...] paisagem de sol, céu e água, ritmos opostos à rigidez do tempo de trabalho urbano...”. Para Lefebvre (2008) o próprio espaço também é tido como objeto de consumo, e isso pode ser ilustrado pelo turismo, em que o meio ambiente é consumido através da recreação, ou pela realocação dos negócios devido as atratividades naturais. Assim o próprio *design* espacial pode ser convertido em mercadoria (GOTTDIENER, 1997, p. 129).

Nas barracas da Praia do Futuro localizada no litoral leste de Fortaleza-CE, em oito quilômetros de extensão, encontra-se infraestrutura de apoio àqueles que estão em busca de lazer e turismo. A Praia do Futuro configura-se como territórios de turismo e de trabalho uma vez que, o “[...] turismo é simultaneamente ócio, lazer e trabalho, produto do modo de viver contemporâneo, cujos serviços criam formas confortáveis e prazerosas de viver, mas, restritas a poucos.” (CORIOLANO, 2007, p. 44).

As praias da cidade de Fortaleza são divulgadas como grandes atrativos de lazer. O turismo é quase uma vocação natural destes espaços, e o interesse econômico neste local é facilmente notado. Toda esta propaganda é feita no intuito de atrair um público cada vez maior, seja local ou de fora da cidade, e, com isso, atrair divisas. E o trabalhador ambulante das praias de Fortaleza se insere neste comércio, indo até onde estão os possíveis consumidores de suas mercadorias e serviços.

Enfatiza-se que a Praia do Futuro se configura como um dos principais cartões-postais de Fortaleza e um importante espaço de lazer para a população local. Além de ter um fácil acesso, a praia apresenta-se como uma paisagem natural relevante, dispõe de uma grande faixa de praia e belezas cênicas esses fatores contribuem para que o local seja destino de turistas de diversos locais. Na Figura 4 apresenta-se a vista aérea da Praia do Futuro.

Figura 4 - Vista aérea da Praia do Futuro



Fonte: www.skyscrapercity.com.

É especificamente nesse espaço que se encontra o objeto de estudo, ou seja, o consumo turístico no trabalho informal de vendedores ambulantes da referida praia. Ressalta-se ainda que devido ao fluxo de pessoas nessa praia que a utilizam como forma de lazer e turismo, os vendedores ambulantes escolhem o local para poder comercializar seus produtos.

A atividade turística é a principal atividade econômica da Praia do Futuro: Observa o estudioso Grosten (2001) que:

De um lado, a cidade formal, que concentra os investimentos públicos e, de outro, o contraponto absoluto, a cidade informal relegada dos benefícios equivalentes e que cresce exponencialmente na ilegalidade urbana que a constitui, exacerbando as diferenças socioambientais. A precariedade e a ilegalidade são componentes genéticos e contribuem para a formação de espaços urbanos. (GROSTEN, 2001, p.14).

Parte dos vendedores costuma comercializar os produtos em torno das barracas. É importante lembrar que o surgimento das barracas na Praia do Futuro conforme documento da Câmara Municipal de Fortaleza (2011, p.9-10), afirma que “as primeiras instalações datam da década de 1960. Nessa época, as barracas eram em formato de palhoças de madeira e palha de carnaúba. Com a construção da Avenida Zezé Diogo, os estabelecimentos foram deslocados para mais próximo do mar, segundo a AEPF (Associação dos Empresários da Praia do Futuro), mediante

acordo formal entre Prefeitura, União e barraqueiros”. No entanto, é somente na década de 1990 que as barracas da Praia do Futuro se consolidaram como atrativo turístico na cidade, período em que Fortaleza emerge como destino turístico.

Maciel (2011) ressalta que a Praia do Futuro está dividida, do ponto de vista da administração municipal, em duas áreas chamadas de Praia do Futuro I, que tem início próximo aos bairros de Mucuripe e Cais do Porto, indo até a Rua Renato Braga, nas imediações do Clube dos Engenheiros; e a Praia do Futuro II, que segue desse trecho até o rio Cocó, na divisa com a Praia da Sabiaguaba, último trecho de orla ao leste da capital.

A Praia do Futuro apresenta contraste de áreas ricas e pobres ocupando a orla e essa realidade de segregação se estende também por toda a cidade. Nessa praia há lugares onde estão comerciantes formais e ao lado de comerciantes informais. Há lugares com pavimentação bem estruturada mais a frente falta de estrutura adequada para moradores. Na Figura 5 representa a Avenida Zezé Diogo principal avenida dá acesso a Praia do Futuro.

Figura 5 - Avenida Zezé Diogo



Fonte: Elaborada pelo autor.

Muitos são os contrastes sociais que a Praia do Futuro representa. Cabe assinalar que os trabalhadores que ali estão inseridos na orla marítima muitas vezes

moram bem perto do local e acabam construindo suas casas bem perto do mar e direcionando o saneamento das casas na beira do mar. Na Figura 6 pode-se conferir casas bem simples construídas a menos de 200 metros da beira do mar e em cima da faixa de areia ficando quase que cobertas pelas pequenas dunas, desafiando as forças do mar.

Figura 6 - Casas na Praia do Futuro



Fonte: Elaborada pelo autor.

Analisando a Praia do Futuro como espaço de lazer na cidade de Fortaleza, Silva (2006) afirma que as atividades de lazer foram aos poucos se ampliando até a Praia do Futuro, consolidando-a como nova área de lazer para a cidade. De esquecida faixa de praia passa a ser uma praia frequentada por turistas e moradores passando a ser alvo da especulação imobiliária, quando os fluxos de residentes e turistas se intensificam. Fato é que, a partir de então, a Praia do Futuro torna-se cada vez mais frequentada, ocasionando a especulação imobiliária e valorização do espaço enquanto área de lazer turismo e consumo.

Sabe-se que o consumo turístico ocorre em diversos lugares durante a viagem, na visita aos lugares o turista consome produtos em lojas com mercado formal, mas também consomem no comércio informal de vendedores ambulantes.

O trabalho informal de vendedores ambulantes da Praia do Futuro fornece produtos de pouca qualidade e atende na maioria aqueles de menor poder aquisitivo

que não podem consumir no comércio estabelecido dado os altos preços, bem como o da inserção dos que trabalham no comércio ambulante na sociedade de consumo. Sabe-se que a Praia do Futuro é um dos pontos turísticos procurados por turistas e também moradores. Os guardas Salva Vidas estão presentes na Praia, mas nem todos os dias, o fato é que durante a pesquisa de campo como se pode conferir na Figura 7 não se presenciou guardas Salva Vidas para a segurança dos banhistas na praia.

Figura 7 - Guarita para guarda salva vidas vazio na Praia do Futuro



Fonte: Elaborada pelo autor.

A praia do Futuro que também é um bairro de lazer da cidade de Fortaleza apesar de ser um dos pontos turísticos mais procurados na capital cearense precisa contar com profissionais qualificados para receber o turista e o residente. A praia apresenta estrutura para receber os turistas e moradores da cidade, mas necessita de melhorias de infraestrutura para aumentar significativamente os fluxos da capital cearense como destino turístico.

3.1 O CONSUMO COMO CATEGORIA DE ANÁLISE

O turismo é uma das atividades-chave da modernização contemporânea que privilegia relações sociais típicas da sociedade de consumo ao transformar o lazer em mercadoria a ser consumida em viagens realizadas por quaisquer motivos pressupondo outros consumos, afirma Coriolano (2012, p.11).

O consumo está presente no cotidiano de todas as pessoas em diversos momentos durante toda a vida. É impossível o ser humano viver sem consumir, seja alimento, roupa, serviço ou qualquer outro produto, todos precisaram consumir algo em determinado momento. Para Barbosa citando Campbell (2008) afirma que consumo:

É um processo social profundamente elusivo e ambíguo. Elusivo porque, embora seja um pré-requisito para a reprodução física e social de qualquer sociedade humana, só se toma conhecimento de sua existência quando é classificado, pelos padrões ocidentais, como supérfluo, ostentatório ou conspícuo, nas palavras de Thorstein Veblen (1927). Caso contrário, sua presença em nosso cotidiano passa inteiramente despercebida ou é apreendida apenas como falta ou carência. (p.21).

Assim para Barbosa e Campbell (2008, p. 21) “embora todo e qualquer membro de uma sociedade seja um consumidor ativo de bens e serviços, nem todos têm papel no processo produtivo.” Os autores observam que:

Desempregados, estudantes em tempo integral, crianças, adolescentes, aposentados e doentes, entre outros, não produzem qualquer tipo de riqueza do ponto de vista econômico, embora consumam de forma permanente os mais diversos tipos de bens e serviços. Nas sociedades contemporâneas, contudo, o valor do trabalho é moralmente superior ao atribuído ao consumo. O trabalho é considerado fonte de criatividade, autoexpressão e identidade. O consumo, por outro lado, é visto como alienação falta ou perda de autenticidade e um processo individualista e desagregador. Ninguém sente culpa pelo trabalho que realiza só pelo que deixou de fazer, mas o consumo, especialmente daquilo que se consideram bens supérfluos, é passível de culpa.

Com base nos autores pode-se dizer que o consumo é algo presente em todas as sociedades. Todos os seres humanos consomem algo em algum momento, e o consumo geralmente está relacionado às atividades econômicas. Para os autores Barbosa e Campbell (2008) o consumo pode ter diferentes sentidos:

[...] às vezes é entendido como uso e manipulação e/ ou como experiência; em outras, como compra, em outras ainda como exaustão, esgotamento e realização. Significados positivos e negativos entrelaçam-se em nossa forma cotidiana de falar sobre como nos apropriamos, utilizamos e usufruímos do universo a nossa volta (p.21).

Com base no pensamento dos autores pode-se dizer que o consumo as vezes é resultado de manipulações ou de experiências. Isso porque por meio do consumo dos objetos “novas formas de expressão e reconhecimento de identidades começam a se produzir, projetando subjetividades no modo de agir de pensar do indivíduo em um dado espaço social” (TASCHNER, 2009, p.18).

Segundo Barbosa e Campbell (2008) do ponto de vista empírico toda e qualquer sociedade faz uso do universo material a sua volta para se apresentar socialmente. Os autores observam que:

Os mesmos objetos, bens e serviços que matam nossa fome, nos abrigam do tempo, saciam nossa sede, entre outras “necessidades” físicas e biológicas, são consumidos no sentido de “esgotamento”, e utilizados também para mediar nossas relações sociais, nos conferir *status*, “construir” identidades e estabelecer fronteiras entre grupos e pessoas. Para além desses aspectos, esses mesmos bens e serviços que utilizamos para nos reproduzir física e socialmente nos auxiliam na “descoberta” ou na “constituição” de nossas subjetividades e identidade. Mediante a oportunidade que nos oferecem de expressarmos os nossos desejos e experimentarmos as suas mais diversas materialidades, nossas reações a elas são organizadas, classificadas e memorizadas e nosso autoconhecimento é ampliado (p.22).

As possibilidades oferecidas pelo universo material para a constituição do mundo, de grupos sociais e de subjetividade estão presentes em toda sociedade humana. Entretanto, elas nem sempre foram classificadas como consumo ou interpretadas como tal. Urry (2001) enfatiza que o consumo de massa pode ser entendido como a aquisição de mercadorias produzidas por meio de produção em massa.

Consumo pós-fordista: O consumo, mais do que a produção, predomina, na medida em que os gastos do consumidor aumentam em proporção com a renda nacional, [...] quase todos os aspectos da vida social se tornam mercadoria, até mesmo os atos de caridade, diferenciação muito maior de padrões de compra por parte de diferentes segmentos do mercado: Maior volatilidade das preferências do consumidor e a “*politização*” do consumo; [...] desenvolvimento de muito mais produtos, cada um dos quais tem uma vida mais curta; emergência de novas espécies de mercadorias, mais especializadas, baseadas em matérias prima que implicam formas de produção não massivas (produtos “naturais”, por exemplo) (p. 31).

O consumo “na pós-modernidade, adquire status hegemônico na medida em que determina não somente a produção de bens, mas quase tudo para a condição de mercadoria, inclusive o espaço” (PAIVA, 2011, p. 28).

Baudrillard (2008) ressalta que o “sistema de consumo” é dependente da produção industrial das diferenças. O consumidor busca consumir produtos fora dos padrões de produção em série. “A produção monopolista moderna de bens não se

limita a ser simples produção de bens; revela-se também sempre como produção (monopolista) de relações e diferenças” (BAUDRILLARD, 2008, p. 107).

A expressão cultura do consumo refere-se a tipologia de cultura, com frequência, utilizada como característica da sociedade contemporânea ou sociedade do consumo, diferenciando-se da expressão cultura de consumo atribuída ao ato de consumir propriamente dito, revelado como prática cultural (BARBOSA, 2008).

Ressalta-se que a utilização da expressão “cultura de consumo significa enfatizar que o mundo das mercadorias e seus princípios de estruturação são centrais para a compreensão da sociedade contemporânea” (FEATHERSTONE, 1995, p.121). Entende-se que o consumo tem função maior do que a “satisfação de necessidades materiais ou de reprodução social comum a todos os demais grupos sociais” (BARBOSA, 2008, p.14). Nessa perspectiva, a função social do consumo está associada ao prestígio e a distribuição hierárquica que os objetos emprestam ao sujeito. Nesse sentido, os objetos ocupam o lugar de “produção social das diferenças e dos valores estatutários” (LIPOVETSKY, 1989, p.171). Bauman (2008) observa que na sociedade de consumidores

Ninguém pode se tornar sujeito sem primeiro virar mercadoria, e ninguém pode manter segura sua subjetividade sem reanimar, ressuscitar e recarregar de maneira perpétua as capacidades esperadas e exigidas de uma mercadoria vendável. A “subjetividade” do “sujeito”, e a maior parte daquilo que essa subjetividade possibilita ao sujeito atingir, concentra-se num esforço sem fim para ela própria se tornar, e permanecer, uma mercadoria vendável. A característica mais proeminente da sociedade de consumidores - ainda que cuidadosamente disfarçada e encoberta - é a *transformação dos consumidores em mercadorias*; ou antes, sua dissolução no mar de mercadorias em que, [...] os diferentes significados das coisas, “e, portanto, as próprias coisas, são vivenciadas como imateriais”, aparecendo “num tom uniformemente monótono e cinzento” – enquanto tudo “flutua com igual gravidade específica na corrente constante do dinheiro” (p.20).

Essa visão sobre o consumo é ressaltada por Rocha (2008, p.122) ao afirmar que o olhar sobre o consumo “afasta-se de aproximações exclusivamente materialistas ou daquelas de natureza unicamente metafísica” e aproxima-se dos processos comunicacionais que o envolve e articula. Nesse sentido, a autora acredita que é no âmbito desses processos que os significados e sentidos são construídos, os conflitos surgem e são agenciados, os enfrentamentos e as rupturas são produzidos, as parcerias são estabelecidas e as proposições são formuladas.

Slater (2002) afirma que ao consumir não reproduzimos apenas nossa existência física; também reproduzimos modos de vida específicos, culturalmente

significativos. Ao consumirmos habitualmente, construímos identidades e relações sociais a partir de recursos sociais com os quais nos envolvemos como agentes sociais qualificados.

O caráter sociocultural do consumo é comentado por Rocha (2008, p.120) ao afirmar que o consumo como “dinâmica sensível formadora de ampla cultura comunicacional” e o ato de consumir como muito mais do que mero exercício de gostos, caprichos ou compras irrefletidas, mas todo um conjunto de processos e fenômenos socioculturais complexos, mutáveis, por meio dos quais se realizam a apropriação e os diferentes usos de produtos, serviços. Já Canclini (2008) vincula o consumo a cidadania mostrando que:

É preciso desconstruir as concepções que julgam os comportamentos dos consumidores como irracionais e as que somente veem os cidadãos em função da racionalidade dos princípios ideológicos. Costuma-se imaginar o consumo como o lugar do suntuoso e do supérfluo, no qual os impulsos primários dos indivíduos poderiam alinhar-se com estudos de mercado e táticas publicitárias, pois quando selecionamos os bens e nos apropriamos deles, definimos o que consideramos publicamente valioso, bem como os modos de nos integrarmos e nos distinguirmos na sociedade. (CANCLINI, 2008, p.35).

Consumir é, portanto, “um fenômeno sociocultural complexo, que têm processo de constituição nas mediações através das quais se operam a apropriação, a incorporação e diferentes usos de produtos e serviços” (BACCEGA, 2008, p.8). Sobre esse viés cultural do consumo é relevante salientar que a cultura do consumo mantém relação direta com valores, práticas e instituições socioculturais, definindo “um sistema em que o consumo é dominado pelo consumo de mercadorias, e onde a reprodução cultural é geralmente compreendida como algo a ser realizado por meio do exercício do livre-arbítrio pessoal na esfera privada da vida cotidiana” (SLATER, 2002, p.17).

Partilhando dessa ideia, Burke (2008, p.35) afirma que “cada vez mais aquilo que compramos hoje é a nossa identidade, nossa ideia de nós mesmos, o estilo de vida que escolhemos”. E Canclini (2008, p.62) reforça que “consumir é participar de um cenário de disputas por aquilo que a sociedade produz e pelos modos de usá-lo”.

Lipovetsky (2007, p.48) acredita que o consumo se apresenta como uma prática voltada para si mesmo e para aquele que o pratica, revelando-se como ação emocional, onde “o que importa não é mais ‘impressionar’ os outros, mas confirmar

seu valor aos seus próprios olhos, estar satisfeito consigo”. Mc Craken (2003, p.11) acrescenta que o consumo

É moldado, dirigido em todos os seus aspectos por considerações culturais. O sistema de design e produção que cria os bens de consumo é uma empreitada inteiramente cultural. Os bens de consumo nos quais o consumidor desperdiça tempo, atenção e renda são carregadas de significado cultural. Os consumidores utilizam esse significado com propósitos totalmente culturais. Usam o significado dos bens de consumo para expressar categorias e princípios culturais, cultivar ideias, criar e sustentar estilos de vida, construir noções de si e criar (e sobreviver a) mudanças sociais. O consumo possui um caráter completamente cultural.

Como afirma Moesch, (2000, p.108) que: “Nas sociedades contemporâneas, os produtos tangíveis e intangíveis são revestidos de simbolismos que lhes conferem valores superiores ao valor de troca. O indivíduo não consome meramente bens e serviços, mas, principalmente, imagens, signos e símbolos”.

O consumo ocorre de forma mais concreta no lugar, por meio do qual o mundo pode ser percebido e interpretado nas diversas dimensões. Isso equivale a dizer que o lugar é lócus da vida, à medida que a dinâmica de produção do espaço assim é simultaneamente o processo de reprodução da sociedade, da vida humana, conjuntura que faz do lugar o cenário de realização do cotidiano, através do qual o mundial se revela. Afirmam Silva e Froehlich (2010, p.9) que o consumo faz parte integral da vida humana; ocorre em todo e qualquer grupo social.

O consumo não é um simples ato de compra de um sujeito alienado que busca maximizar seus rendimentos em um mercado entende-se o consumo como uma espécie de mediação simbólica que se instaura entre o sujeito e o mundo possibilitando a construção de sentido a sua ação. Essa mediação, operada pela via simbólica, sobretudo, é expressiva na construção de sentidos e significados de turistas em suas viagens pelas mais diferentes localidades.

A sociedade brasileira é caracterizada como de uma sociedade de consumo, sendo o turismo uma oportunidade de consumo, o turismo é estruturado como um produto composto por bens e serviços, tangíveis e intangíveis. Assim, o produto turístico inclui recursos e atrativos naturais e culturais, equipamentos e infraestrutura, serviços, atividades recreativas imagens e valores simbólicos, constituindo-se num conjunto de determinados benefícios capazes de atrair certos grupos de consumidores em busca da satisfação das necessidades.

Diz Giacomini Filho (2008, p.) o consumo turístico pode ser definido como

[...] a aquisição de bens ou serviços, como o gasto total de consumo efetuado, com o objetivo de atender as necessidades do turista, que o motivou a viajar; o consumo do visitante ocorre durante a viagem e estada no lugar de destino. No decorrer da ação do consumo há diversos fatores

que influenciam o comportamento do turista, entre os quais a motivação está entre os mais importantes. São vários os fatores que influenciam a aquisição de um produto pelo consumidor, que ocorre num processo decisório que envolve cinco etapas: reconhecimento da necessidade, busca de informações, avaliação das alternativas, decisão de compra e avaliação da compra efetuada.

Para que o consumo turístico se concretize é necessário um consumidor ou um grupo de consumidores. Giacomini Filho (2008, p. 72) afirma ser o consumidor toda pessoa (ou coletividade) que

Adquire e utiliza os bens de forma racional nas relações de consumo; enquanto o consumista adquire bens sem racionalizar a relação custo-benefício, a adequação entre o estilo de vida e a renda, o impacto nos valores familiares e sociais.

A viagem também está ligada a sensação de experiência, que vai desde a curiosidade em experimentar o sabor do peixe vendido na região visitada, a castanha de caju, o camarão, o caranguejo dentre outros alimentos. O turista consome também produtos regionais como: bordado, rede, diversos outros produtos que só se encontram nas regiões nordestinas. Muitos desses produtos são consumidos na informalidade, ou seja, com vendedores ambulantes. Muitos bordados e a renda são comercializados pelo próprio fabricante que produz e vende nas redondezas da residência ou na praia. Em muitas feiras trabalhadores informais colocam a “banquinha de venda” com diversos objetos produzidos por ele mesmo, ou de terceiros, expondo-o para o consumo. Swarbrooke e Horner (2002) assinalam que o consumidor é a base de sustentação de qualquer atividade. As pessoas são produtoras, mas também consumidoras.

Um dos atrativos do turismo é o próprio consumo de produtos, pois alguns produtos só existem em um determinado local, fator que contribui para o destaque do local atraindo pessoas de diversos lugares. Estes produtos podem ser a gastronomia, artesanato, até mesmo um bordado bem feito que desperta atenção de pessoas que viajam para conferir e apreciar, comprar e até mesmo estudar como ocorre o processo de fabricação e comercialização desse produto.

Muitos desses produtos são oferecidos por comerciantes informais de várias idades, grau de escolaridade diversificado e classes sociais diversas. Pessoas que muitas vezes desconhecem que seu negócio poderia ser registrado ignoram por falta de informações ou não querer destinar parte dos ganhos ao Estado.

3.2 OS VENDEDORES AMBULANTES DA PRAIA DO FUTURO

A pesquisa de campo foi realizada com ambulantes na Praia do Futuro no intuito de investigar, de que maneira os trabalhadores informais trabalham, como ocorre a relação com o lugar, como estabelecem as redes de sociabilidade, de que forma resistem às situações sociais e econômicas a eles impostas, bem como identificar-se as variedades de vendedores ambulantes que atuam na Praia do Futuro. Deseja-se saber em média quanto gastam para ir e vir trabalhar, o grau de escolaridade dos vendedores ambulantes e se estão satisfeitos.

A Praia do Futuro configura-se como um espaço de trabalho tanto para aqueles que estão submetidos ao setor formal e informal da economia, como os barraqueiros e os vendedores ambulantes. A Praia do Futuro também se destaca como um dos bairros de Fortaleza com maior índice de informalidade. Por configurar-se como um território que recebe um considerável fluxo de pessoas, seja residente ou turista. A praia configura-se como um lugar do lazer, mas também um local propício ao comércio de diversos produtos. Nesse contexto destaca-se o comércio informal de vendedores ambulantes realizado por indivíduos que carregam sobre o próprio corpo muitas vezes mais peso do que deveriam suportar. Os produtos oferecidos por eles são diversificados desde chapéus, colares, pulseiras, sorvetes, redes, óculos e produtos para alimentação.

Vendedor ambulante é todo e qualquer trabalhador que comercializa seus produtos nas ruas praças e diversos locais públicos a fim de obter ganhos para a subsistência. Parte dos vendedores ambulantes trabalha por conta própria e na informalidade. Costumam trabalhar em locais públicos onde há fluxo de pessoas que são possíveis compradores uma vez que parte do consumo ocorre na informalidade. Os consumidores muitas vezes procuram vendedores ambulantes, porque preços são mais baixos que nas lojas, e isso não deixa de ser concorrência entre vendedor e lojista.

Parte dos produtos vendidos no comércio ambulante não é contabilizada dificultando assim a divulgação de informações sobre essa atividade. No comércio ambulante pode-se constatar o consumo de diversos produtos alimentícios tais como: pizzas, pasteis, camarão, batata frita, arroz, feijoada e outros incontáveis gêneros alimentício. Cabe destacar que há vendedores ambulantes que

comercializam diversos produtos de origem têxtil tais como: redes, roupas diversas além de brinquedos.

Constatou-se que alguns vendedores ambulantes comercializam animais domésticos como gatos, cachorros entre outros. Salieta-se que o comércio de animais que estão ameaçados em extinção é realizado em feiras livres e negociados na maioria das vezes por vendedores ambulantes, sem ocorrer fiscalização.

Pamplona (2004, p. 06) estudando o tema diz que: “a expressão “ambulante” designa trabalhador normalmente auto-empregado, que vende diretamente ao consumidor (varejo) produtos diversos (normalmente miudezas e mercadorias de mais baixo valor) ou que presta serviços (normalmente de alimentação) em vias e logradouros públicos (ruas, calçadas, praças, jardins) com ou sem permissão oficial.” Ressalta-se que

Os ambulantes possuem os mais diversos equipamentos para realizar trabalho (barracas removíveis ou não, trailers, veículos automotivos e à propulsão humana, tabuleiros ou simplesmente um plástico estendido no chão). Comercializam produtos de diversas origens (de atacadistas legalmente estabelecidos ou não, de fabricantes formais e informais, de fabricação própria, de fruto do roubo ou contrabando, de fruto da pirataria e de varejistas legalmente estabelecidos). A atividade pode ser feita com autorização ou não do poder público, como já vimos, e pode contar com o auxílio de ajudantes, empregados ou familiares, muito embora a situação mais comum seja a atividade por conta própria. A atividade também é exercida em ambiente de acirrada concorrência e de condições tecnológicas precárias. Os trabalhadores ambulantes são tipicamente auto-empregados, pois trabalham diretamente no seu negócio, fornecem a si próprios seus equipamentos, controlam seu processo de trabalho, sua renda não é previamente definida e seu objetivo principal é prover o seu próprio sustento e não valorizar (acumular) seu capital (PAMPLONA, 2004, p. 7).

Costa e Martins (2014) enfatizam que a participação do vendedor ambulante no Brasil, já era constatada desde o período da colonização lusitana, onde pessoas comercializavam: tecidos, alimentos, dentre várias outras mercadorias nas ruas. Com o avanço e o surgimento de novas cidades o número de vendedores aumentou também em virtude do crescimento demográfico e das contradições em relação ao social e ao econômico; e surgiram novas funções que ainda não existiam, entre elas a de vendedor ambulante. Daí Yázigi (2000) perguntar:

O que fazer com os ambulantes? O tema tornou-se uma das principais questões do espaço público. (...) Em lugares onde eram costumeiramente inexpressivos, os aparecimentos de algumas centenas deles, por questão de escala gera polêmicas. A globalização com sua divisão internacional do trabalho, suas tecnologias e outras formas de dominância entendem que não há trabalho para todos com essas premissas: poucos veem além de ações paliativas (YÁZIGI, 2000, p. 383).

Sobre efeitos negativos que se obtém no trabalho informal dos vendedores ambulantes na Praia do Futuro ressalta-se que na busca por sobrevivência os ambulantes, gradativamente colocamos produtos em frente as barracas, criando certa concorrência. Os barraqueiros afirmam que o comércio informal prejudica a venda dos produtos das barracas, e que muitos frequentadores da praia se sentem incomodados com a presença dos vendedores ambulantes. Eles argumentam que necessitam trabalhar para garantir a subsistência. É o salve-se quem puder.

Com base nesse raciocínio assinala-se que o trabalhador informal detecta os locais onde se costuma concentrar um maior número de turistas sendo aí que vai comercializar os produtos. O turista chega a seu destino e consome diversos produtos e serviços nesse momento parte do consumo pode ocorrer no trabalho informal de vendedores ambulantes, estes trabalhadores informais andam em torno das barracas, faixa de areia entre muitos outros locais na praia observando onde possa haver presença de turistas.

O vendedor ambulante detecta possíveis compradores apresenta os produtos, faz propagandas e promoções e de forma improvisada apresenta os produtos seja visto como um atrativo e assim a venda ou serviço é efetivada. Passou a ter notoriedade o trabalho informal de vendedores ambulantes na Praia do Futuro em torno das barracas e é possível encontrar ambulantes informais vendendo produtos dos mais variados tipos: redes, bijuterias, produtos alimentícios dede queijo, camarão castanhas, ovos de codorna além de produtos para pele como cremes, protetor solar, bronzeador entre outros. Os vendedores ambulantes além dos serviços e produtos que oferecem vão além na busca de fazer crescer o seu empreendimento. É o caso de muitos deles que oferecem o pagamento por meio de cartão de crédito deixando o cliente cada vez mais satisfeito com os serviços.

A informalidade dos vendedores ambulantes na Praia do Futuro inclui quem está fora do mercado de trabalho e sofre desconfortos diversos, pois trabalham sem a proteção da lei, recebem sol e poeira. A aglomeração de muitos vendedores ambulantes muitas vezes é motivo de desconforto dos frequentadores que ressaltam serem incomodados por vendedores ambulantes.

Constata-se que a maior parte desses vendedores ambulantes da Praia do Futuro é informal e trabalha por conta própria. Mas constata-se também que essa

parcela informal contribui de forma significativa para o desenvolvimento das famílias, que precisam sobreviver então o trabalho dos ambulantes gera ganhos que melhoram a vida dos trabalhadores ali inseridos e fora do mercado de trabalho formal.

Estão inseridos na informalidade da Praia do Futuro em Fortaleza Ceará diversos trabalhadores e que são empreendedores. Grande parte vende: castanha de caju, picolé, refrigerantes, ervas medicinais, produtos artesanais e regionais, como redes e peças de alumínio. Outros vendem produtos “piratas” e contrabandeados como roupas, sapatos, brinquedos e acessórios. Predomina os que vendem gêneros alimentícios, além daqueles que prestam serviços de aluguel de cadeira e guarda-sol.

Muitos produtos comercializados são produzidos nas casas dos ambulantes, algumas vezes os próprios familiares estão incluídos no processo de fabricação, o que faz com que a informalidade seja maior do que se manifesta.

Pode-se constatar que os vendedores ambulantes da Praia do Futuro comercializam produtos de três formas diferentes: os primeiros apresentam produtos de forma estacionada, ou seja, de certa forma ficam presos em um ponto da praia. Os instrumentos de trabalhos são carrinhos ou veículos automotivos, apresentando, com isso, melhor estrutura de trabalho. Na Figura 8 pode-se conferir a presença de uma vendedora ambulante informal que atua de forma fixa na Praia do Futuro e seus clientes consumindo os produtos sentados próximo a vendedora.

Figura 8 - Vendedora ambulante informal atuando de forma fixa na Praia do Futuro.



Fonte: Elaborada pelo autor.

Há também vendedores ambulantes tidos como itinerantes que têm como área de comercialização a extensão da faixa de areia. Não conseguem estabelecer pontos fixos e dispõem de uma estrutura muito simples de comercialização. A maioria dispõe de equipamentos desmontáveis, de fácil manuseio para ajudar a circulação, como carrinhos de mão, tabuleiros ou suportes de apoio que servem para expor as mercadorias. Os ambulantes móveis são aqueles que dependem somente do corpo para realizar as vendas. Na Figura 9 é possível conferir um vendedor ambulante itinerante da Praia do Futuro com os equipamentos e mercadorias para trabalho.

Figura 9 - Vendedor ambulante itinerante na Praia do Futuro



Fonte: Elaborada pelo autor.

Dantas (2014, p.17) referindo-se ao mercado ambulante em países em desenvolvimento, como o Brasil, e a importância para a economia, diz que há “tentativa de criação de uma demanda solvável e à estabilização social”. O autor menciona aspectos importantes na citação:

Cria uma demanda solvável, quando fornece produtos por menores preços e, por conseguinte tornando-os acessíveis a uma camada maior de consumidores – com maior intensidade – os consumidores das classes menos abastadas e que não teriam condições de consumir esses produtos no comércio estabelecido – e insere aqueles que desenvolvem a atividade do comércio ambulante na sociedade de consumo. Funciona como fator de estabilização social, quando a inserção na atividade do comércio ambulante é reforçada pela ideologia da ascensão social pelo consumo e pela ideologia de ascensão social pelo trabalho autônomo. (*op. cit*, p. 17 e 18).

As praias são locais preferidos por turistas para prática do lazer, assim como espaço de lazer dos moradores da cidade. Os locais que possuem aglomerações de pessoas são escolhidos pelos vendedores ambulantes para comercializar os produtos sendo mais fáceis as vendas. Ressalta-se que vendedores ambulantes também desejam faturar com as atividades turísticas. Barretto (2003, p.72) observa que “o turismo tem efeitos econômicos na economia de um país”. Assim buscam se beneficiar desses efeitos os trabalhadores informais.

Enfatiza-se que as atividades dos vendedores ambulantes sempre foram motivos de preocupação do poder público, que, ao longo de várias décadas, buscou estratégias para disciplinar e organizar essas atividades, no tocante ao uso do espaço público. Como afirma Castro (2003, p.73):

Tanto a administração pública quanto os próprios camelôs percebem a desorganização que se instaurou no centro urbano. Também a Prefeitura de Belo Horizonte reconhece que a fiscalização e os métodos de controle adotados acabaram abrindo precedentes que ferem princípios éticos. Segundo alguns relatos, é comum a extorsão dos camelôs, para não serem autuados, além de apreensão de mercadorias que não são devolvidas.

Com base no incomodo e preocupação das pessoas com a organização da Praia do Futuro salienta-se que muitos vendedores informais acabam utilizando os espaços públicos para instalar os equipamentos de trabalho, o que tem impedido a passagem dos pedestres em alguns locais prejudicando a mobilidade do local. Na Figura 10 pode-se conferir a presença de um vendedor ambulante com venda de chapéus na Praia do Futuro comercializando produtos na calçada.

Figura 10 - Vendedor ambulante da Praia do Futuro



Fonte: Elaborada pelo autor.

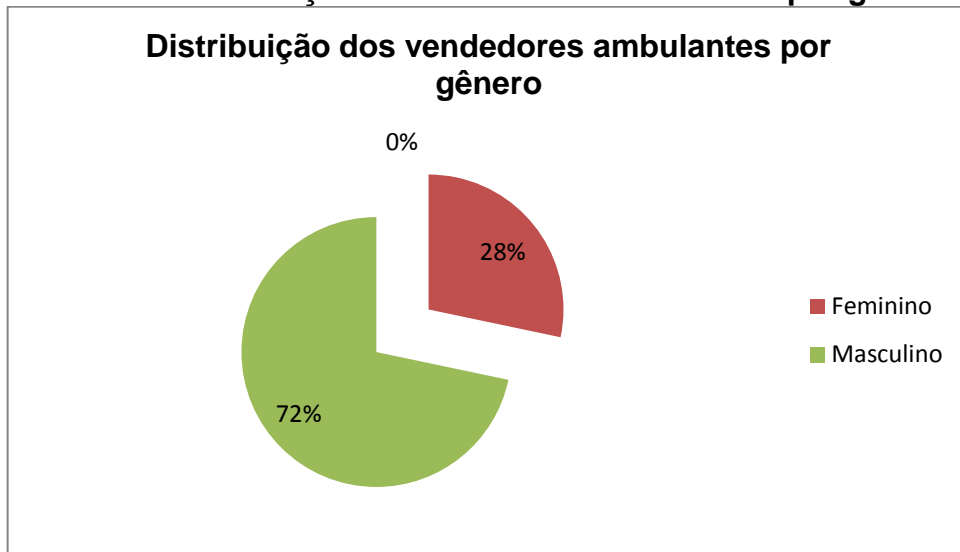
A praia nos dias de semana fica tranquila quanto ao fluxo de banhistas se comparado aos fins de semana, mesmo assim, a interação dos vendedores

ambulantes é durante a estadia dos banhistas na praia. A todo instante chega um e logo em seguida passa outro e nem sempre as abordagens têm êxito, pois o turista fica incomodado com tantos vendedores.

Alguns vendedores chegam com mochilas estudantis como se fossem estudantes, mas ali estão os produtos a serem vendidos. Alguns vendedores não sabem informar ao certo quanto ganham por dia. Destaca-se que mesmo alguns vendedores não sabendo o quanto vendem por dia, a maioria sabe informar quais os dias considerados bons para a venda. Afirmam que os dias melhores para negociar são os feriados e principalmente os sábados e domingos.

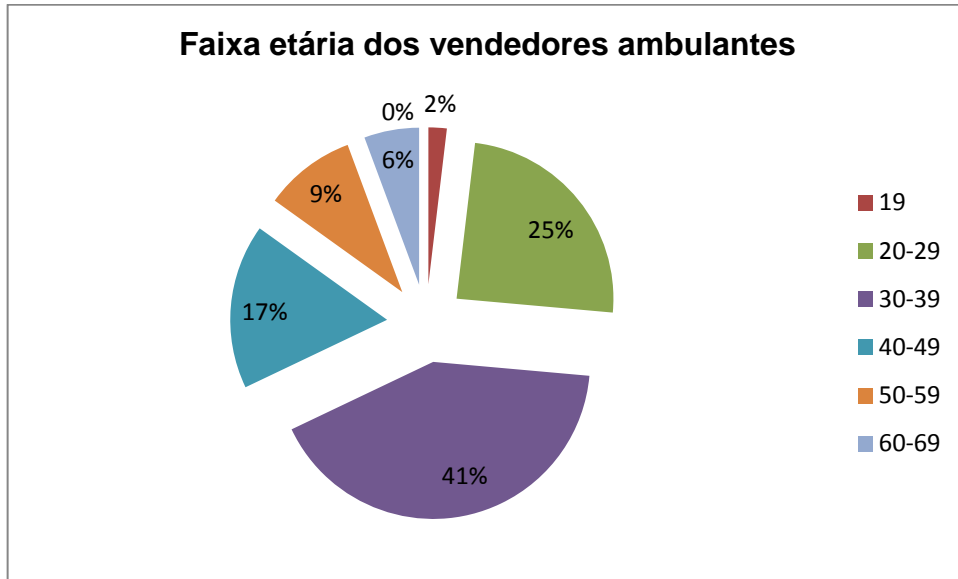
A pesquisa de campo foi realizada durante vários dias de maio/2016, para reconhecimento da área e depois aplicou-se os formulários aos vendedores ambulantes e turistas. O formulário aplicado aos vendedores ambulantes terminou no sábado e no domingo aplicou-se aos turistas pelo fato de ser o dia de maior presença de turistas. Os questionários continuaram a ser aplicados com turistas na praia, na segunda feira. E terça feira dia 10 de maio de 2016 conclui-se a tomada de fotos para o texto.

Ao analisar o Gráfico 1 constata-se que a maioria dos ambulantes que atuam na Praia do Futuro são homens, contudo há em percentuais significativos a presença de mulheres que também atuam no comércio ambulante da Praia do Futuro, constata-se ainda que esses trabalhadores são adolescentes, adultos e idosos que vem no comércio informal uma forma de trabalho no qual obtém renda. No Gráfico 1 é demonstrado que homens correspondem a um percentual de 72% enquanto de mulheres é de 28% que atuam no mercado ambulante da Praia do Futuro. O total de vendedores ambulantes entrevistados foi de 52 profissionais.

Gráfico 1-Distribuição de vendedores ambulantes por gênero

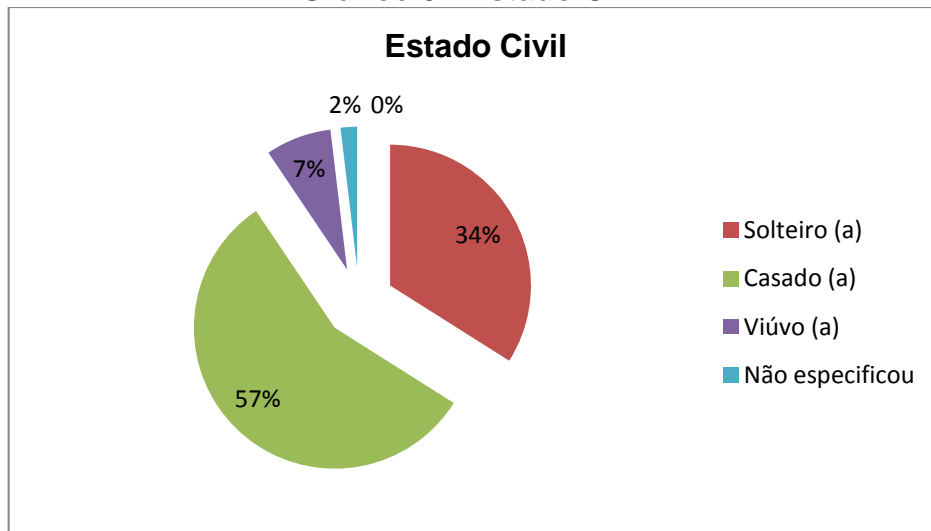
Fonte: Elaborado pelo autor.

A faixa etária dos vendedores ambulantes também é bastante diversificada. Ao analisar o Gráfico constata-se que os vendedores ambulantes que responderam a pesquisa têm idades de 19 a 69 anos, destaca-se ainda que o maior percentual da idade dos vendedores ambulantes se dá para os vendedores que têm de 30 a 39 anos, portanto essa faixa etária foi a que mais se fez presente durante a realização da pesquisa. No Gráfico 2 vê-se mais detalhadamente às idades e percentuais obtidos nos dias da pesquisa de campo na Praia do Futuro. Ainda no gráfico pode-se observar que os entrevistados tinham a partir de 19 anos de idade, ou seja, nenhum trabalhador com menos de 18 anos de idade foi visto trabalhando durante a pesquisa.

Gráfico 2 - Faixa etária dos vendedores ambulantes entrevistados

Fonte: Elaborado pelo autor.

No Gráfico 3 apresenta o então do estado civil dos vendedores ambulantes presentes na praia. O maior percentual obtido no dia da pesquisa se da para os vendedores ambulantes que são casados, em seguida os solteiros.

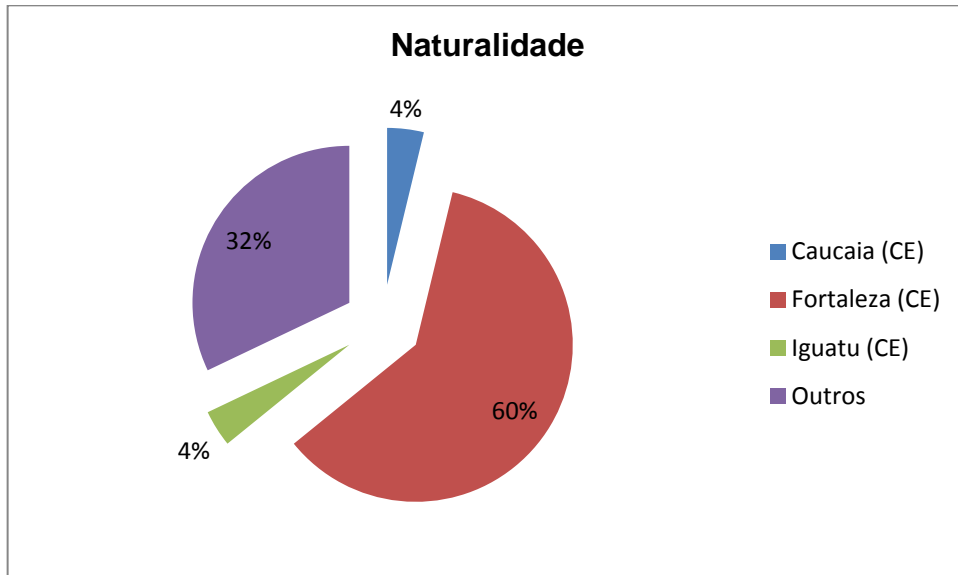
Gráfico 3 - Estado Civil

Fonte: Elaborado pelo autor.

Quanto à naturalidade dos vendedores ambulantes que trabalham na Praia do Futuro, o resultado obtido na pesquisa foi que a maior parte deles é natural de Fortaleza Ceará. O restante é oriundo de diversas cidades do interior do estado, mas moram na cidade de Fortaleza. No Gráfico 4 apresenta-se três cidades com percentuais mais relevantes em seguida as cidades de: Acarape, Aquiraz, Boa

viagem, Canindé, Chorozinho, Forquilha, Granja, Horizonte, Independência, Itaitinga, Itapipoca, Madalena, Maracanaú, Maranguape, Pacatuba, Pena Forte, e Tianguá somam juntas um percentual de 32%.

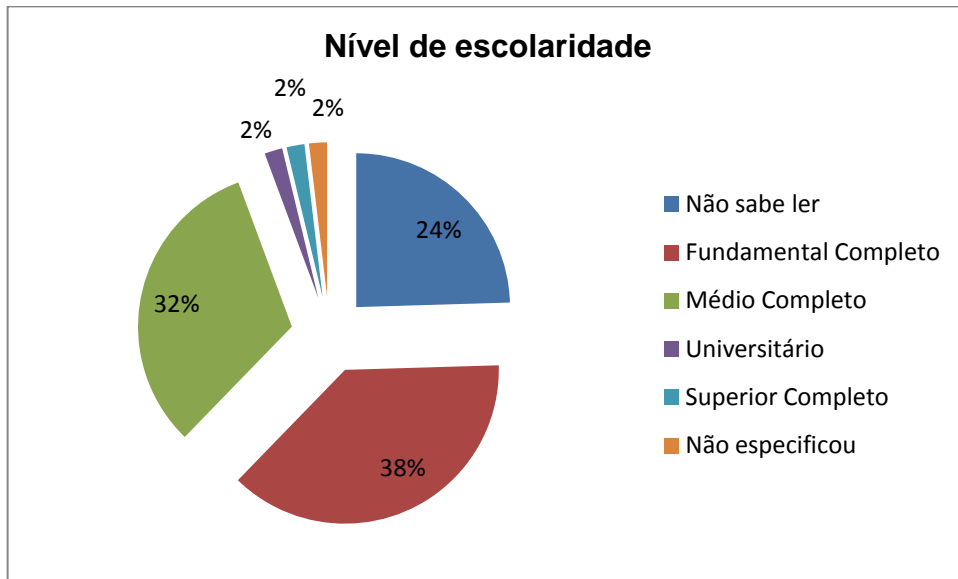
Gráfico 4- Naturalidade



Fonte: Elaborado pelo autor.

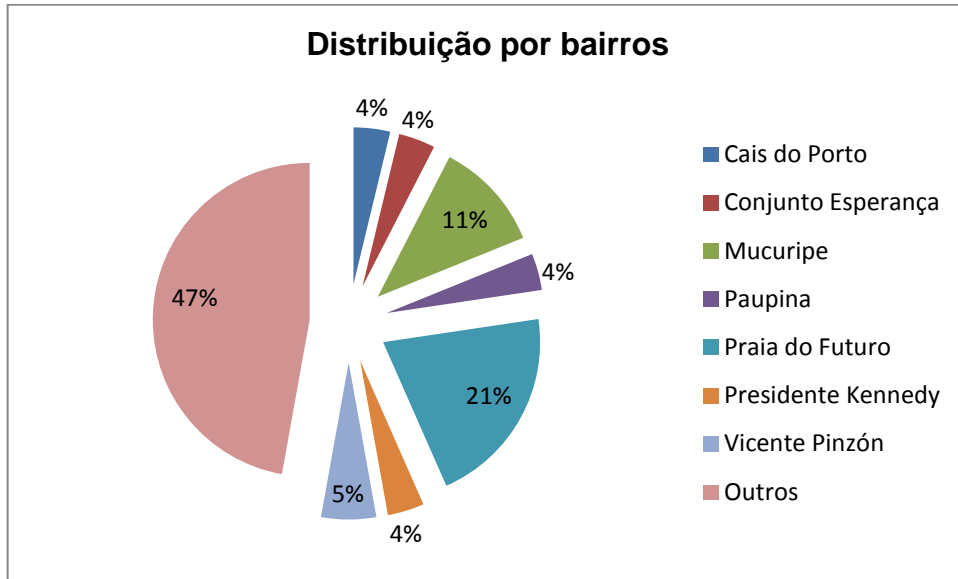
Sobre a escolaridade dos vendedores ambulantes da Praia do Futuro o Gráfico 5 mostra que a maior porcentagem de respostas se deu para os vendedores ambulantes que disseram ter completado somente o ensino fundamental, seguida dos que completaram o ensino médio. Também em números consideráveis apresenta-se no Gráfico 5 os que informaram não saber ler ou nunca terem estudado. Encontrou-se número bastante reduzido os que são universitários e com nível superior completo. Então com a constatação dessa realidade pode se enfatizar que muitos trabalhadores informais são pessoas com baixo nível escolar que veem na atividade informal uma forma de trabalhar sem a necessidade de certificados e diplomas de qualificação profissional.

Gráfico 5-Nível de escolaridade



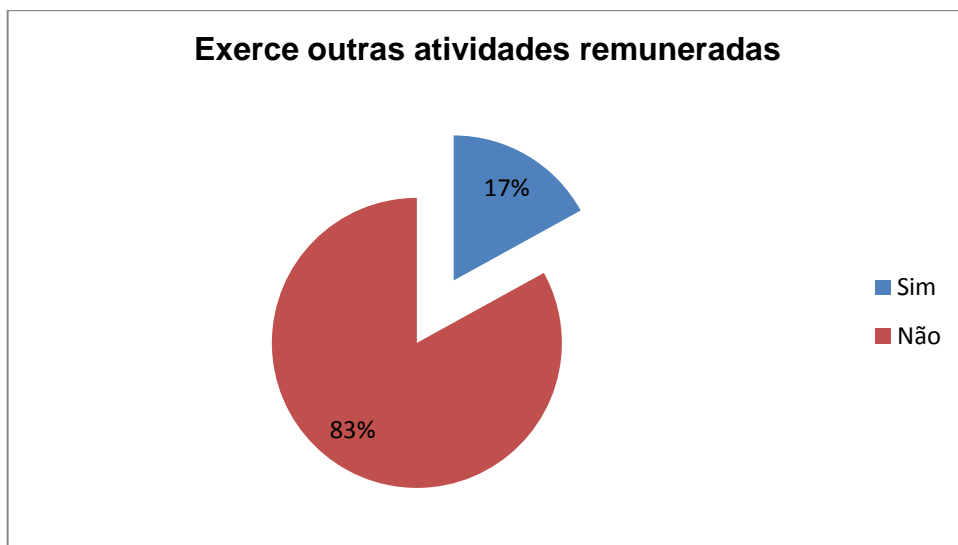
Fonte: Elaborado pelo autor.

Os vendedores são provenientes de diversos bairros, porém, constata-se na pesquisa que a maioria mora nas proximidades da praia, ou seja, em bairros próximos a Praia do Futuro. Esses profissionais ao morarem próximo ao seu local de trabalho diminuem o tempo de trajeto de casa até a praia, assim como os gastos. No Gráfico 6 apresenta-se os bairros com percentuais mais relevantes sobre o local de moradia dos vendedores ambulantes, enfatiza-se ainda que o percentual chamado outros é composto por diversos bairros sendo eles Álvaro Weyne, Antonio Bezerra, Autran Nunes, Bairro de Lourdes, Bela Vista, Cidade 2000, Cocó, Damas, Genibaú, Janguruçu, Jardim América, Jardim das Oliveiras, Jardim Guanabara, Jardim Iracema, João XXIII, Joaquim Távora, Monte Castelo, Padre Andrade, Parque Jerusalém, Parque Rio Branco, Passaré, Rodolfo Teófilo, São João do Tauape, Siqueira e Vila Pery, a soma do percentual desses bairros citados correspondem a 47% das respostas.

Gráfico 6-Distribuição por bairros

Fonte: Elaborado pelo autor.

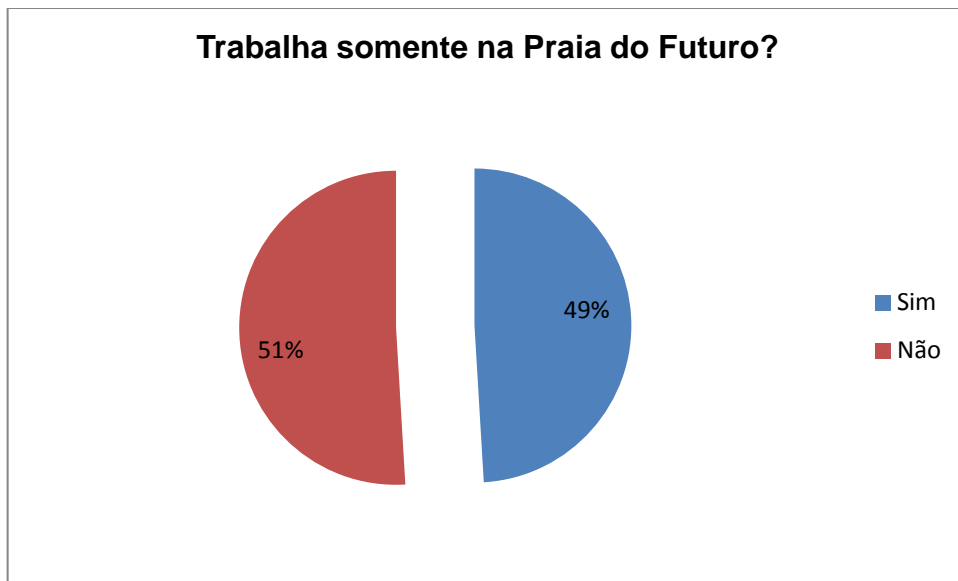
A princípio acreditava-se a maioria dos vendedores ambulantes da Praia do Futuro tivessem outras atividades secundárias como empregos em outros locais e até mesmo em turnos diferentes. Porém, o resultado obtido com as respostas dos ambulantes mediante formulário é que a maioria depende diretamente das atividades informais que exercem. No Gráfico 7 é demonstrado o percentual das respostas obtidas com os vendedores que dependem unicamente da atividade para o seu sustento e os que não dependem somente da atividade para a obtenção de renda.

Gráfico 7-Demais atividades remuneradas

Fonte: Elaborado pelo autor.

Perguntado aos vendedores se trabalham em outros lugares além da Praia do Futuro constata-se no Gráfico 8 que a maioria das respostas se deu para quem não trabalha em outros pontos da cidade tais como praças, feiras e praias. Em seguida em percentual significativo se deu para quem respondeu que sim que trabalha em outros lugares além da Praia do Futuro como vendedor ambulante em dias e horários diferentes.

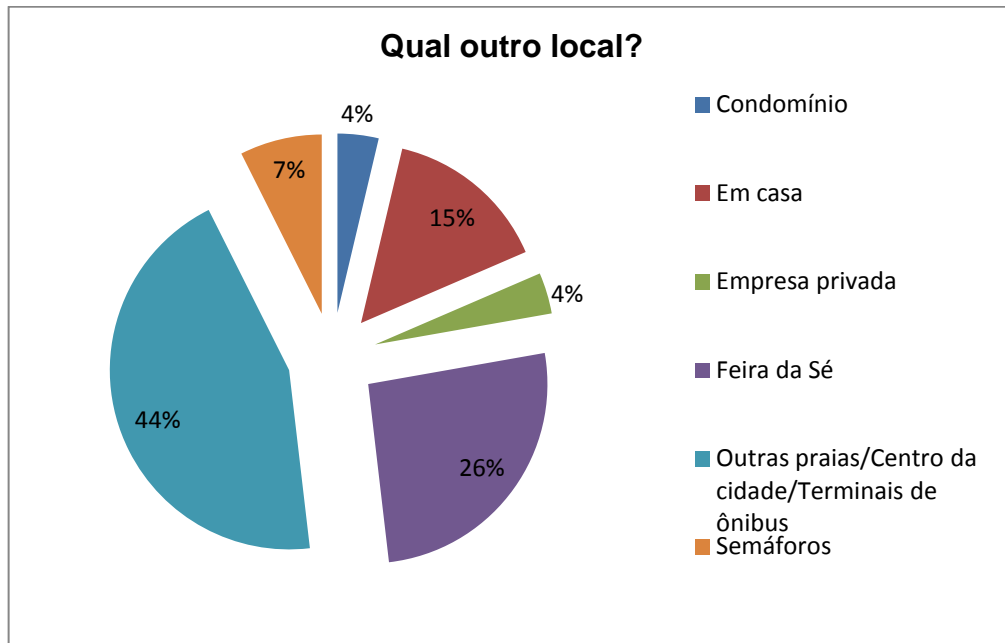
Gráfico 8 - Trabalha somente na Praia do Futuro?



Fonte: Elaborado pelo autor.

Perguntado para quem respondeu que trabalha em outros locais onde seria o outro lugar que esses vendedores também atuam, as respostas obtidas foram representadas no Gráfico 9. Analisa-se com base no Gráfico que o maior percentual se dá para os que trabalham em outras praias, no centro da cidade e terminais de ônibus. Também há os que responderam que também trabalham como ambulantes na Feira da Sé, semáforos, em casa, e em empresas privadas.

Gráfico 9- Qual o outro local?



Fonte: Elaborado pelo autor.

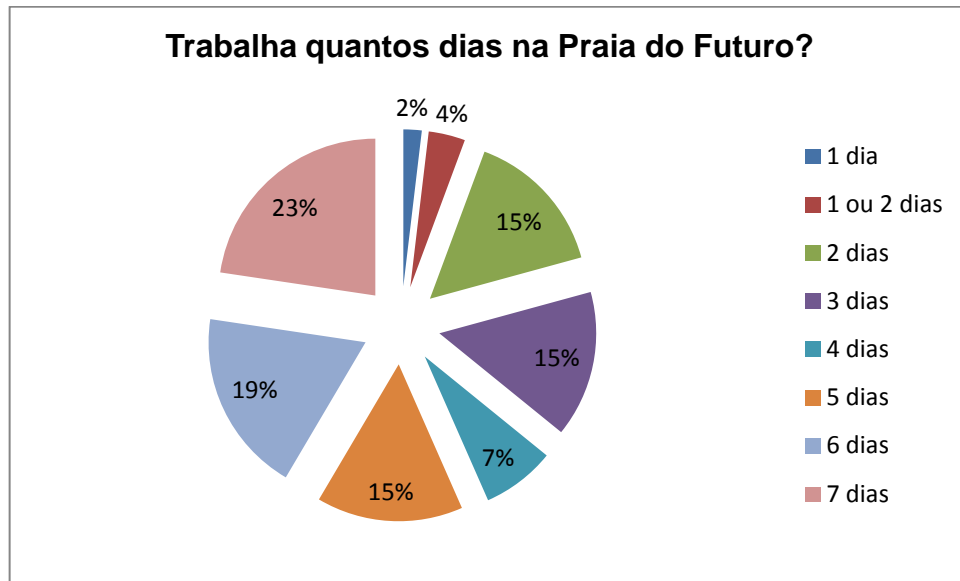
Os vendedores ambulantes entrevistados informaram que não trabalham todos os dias da semana na Praia do Futuro. Alguns alternam os dias optando trabalhar somente em fins de semanas e feriados e outros preferem trabalhar só durante a semana e folgam no sábado e domingo. Mas há também os que trabalham de domingo a domingo, ou seja, não se dão folga e se fazem presente na praia constantemente. No Gráfico 10 pode-se conferir as porcentagens mais precisas para os que trabalham todos os dias e os que não trabalham todos os dias na Praia do Futuro.

Gráfico 10 - Trabalha como ambulante todo dia?

Fonte: Elaborado pelo autor.

Ao analisar o Gráfico 10 constata-se que a maioria dos ambulantes embora tenha a atividade informal como único meio de obter renda, eles não trabalham todos os dias da semana, algumas vezes alternam os dias ou procuram vender somente em finais de semana, pois são os dias mais frequentados por turistas nessa praia.

Com base nessa constatação perguntou-se aos vendedores ambulantes da Praia do Futuro quantos dias da semana eles costumam trabalhar na praia. No Gráfico 11 demonstra de forma mais detalhada em média quantos dias por semana trabalham os vendedores ambulantes na Praia do Futuro.

Gráfico 11 - Trabalha quantos dias na Praia do Futuro?

Fonte: Elaborado pelo autor.

Alguns trabalham com óculos de sol, mangas longas e chapéu que cobre toda cabeça e a parte de trás do pescoço. Porém a maioria trabalha sem nenhum equipamento de proteção, alguns descalços, sem protetor solar e não usam mangas compridas, ou seja, completamente desprotegidos do sol durante quase o ano inteiro. Na Figura 11 se pode constatar as condições em que alguns dos vendedores ambulantes trabalham sem qualquer preocupação com equipamento de segurança se fazendo presente na praia descalços.

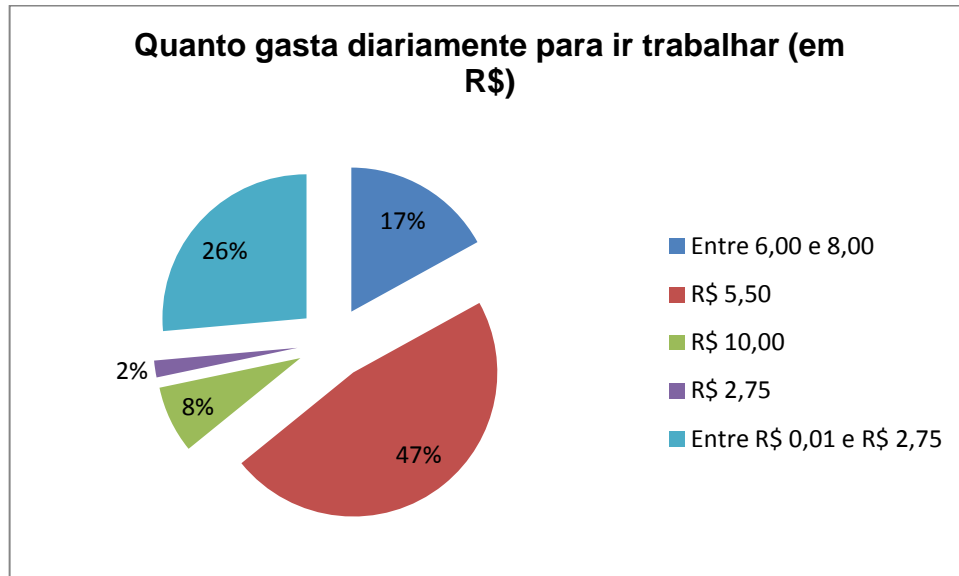
Figura 11 - Vendedor ambulante da Praia do Futuro trabalhando sem qualquer equipamento de proteção contra o sol



Fonte: Elaborada pelo autor.

Os vendedores ambulantes da Praia do Futuro também responderam quanto gastam em média para ir e vir trabalhar. No Gráfico 12 representa os percentuais das respostas obtidas onde o destaque se dá para os que gastam em média R\$ 5,50 por dia, ou seja, o preço da passagem de ida e volta nos ônibus coletivos da cidade de Fortaleza no ano da referida pesquisa.

Gráfico 12 - Quanto gasta diariamente para trabalhar (passagem e/ou combustível)



Fonte: Elaborado pelo autor.

Ao analisar o Gráfico 12 também há respostas dos que gastam somente R\$ 2,75 por dia, ou seja, somente meia tarifa de ônibus que é cobrada em Fortaleza na data da pesquisa. Há valores ainda nesse Gráfico que correspondem entre R\$ 6,00 e R\$ 10,00, esses valores são respostas dos vendedores ambulantes que usam carro ou moto para chegar a seu destino de trabalho.

Consta-se trabalhando na Praia do Futuro vários tipos de vendedores ambulantes, entre esses tipos há vendedores de bonecas de plástico industrializada, ou seja, aquelas de plástico rígido e também as de tecido feitas muitas vezes pelo próprio vendedor ambulante ou algum integrante da família. Os dois tipos de boneca não apresentam nenhum selo de segurança quanto à utilização para entretenimento de crianças até 7 anos.

Há também os vendedores ambulantes que trabalham comercializando alimentos. Foi constatado os vendedores que vendem queijo, esses trabalhadores levam todo o equipamento (pequeno fogareiro) para que o consumidor tenha a opção de ter o produto preparado na hora da efetivação da negociação e ainda os mantêm acondicionados em caixa térmica para que não ocorra a deterioração do produto. O processo de preparação dos alimentos em muitas vezes acontece na própria praia, ou seja, o vendedor prepara e vende os alimentos ali mesmo na Praia do Futuro. Na Figura 12 foi registrado o exato momento em que o vendedor de queijo estava acendendo o fogareiro para começar o trabalho na Praia do Futuro.

Figura 12 - Vendedor ambulante preparando seu equipamento de trabalho para assar o queijo



Fonte: Elaborada pelo autor.

Constata-se no trabalho informal da praia a presença de vendedores de camarão, alguns acondicionam o produto em embalagens tampadas para evitar a proliferação de bactérias. Também há a presença de vendedores de camarão que carrega o alimento em grandes cestas e que eles não lavam as mãos depois da contagem do dinheiro.

Encontrou-se na praia vendedores ambulantes de vestuários tais como vendem blusas, biquínis das mais variadas cores e tamanhos, cangas dentre outros produtos. O depoimento feito por uma vendedora de vestuários na praia foi este:

Tem gente que compra porque gosta de ajudar, mas também tem gente que compra o produto e não olha nem na minha cara, me ignora por completo. Mas vender aqui também me proporciona amizades, vários vendedores daqui já me conhece e onde me vê fala comigo, acaba gerando uma forma de companheirismo pois quando ele não tem o produto da cliente ele me indica e acabo descolando uma venda.

Constatou na praia a presença de vendedores de coco, lagosta, e de pessoas que cobram para fazer tatuagens do tipo permanente e não permanente. Também se constatou vendedores de linhas em formatos de rolos de mais variadas cores.

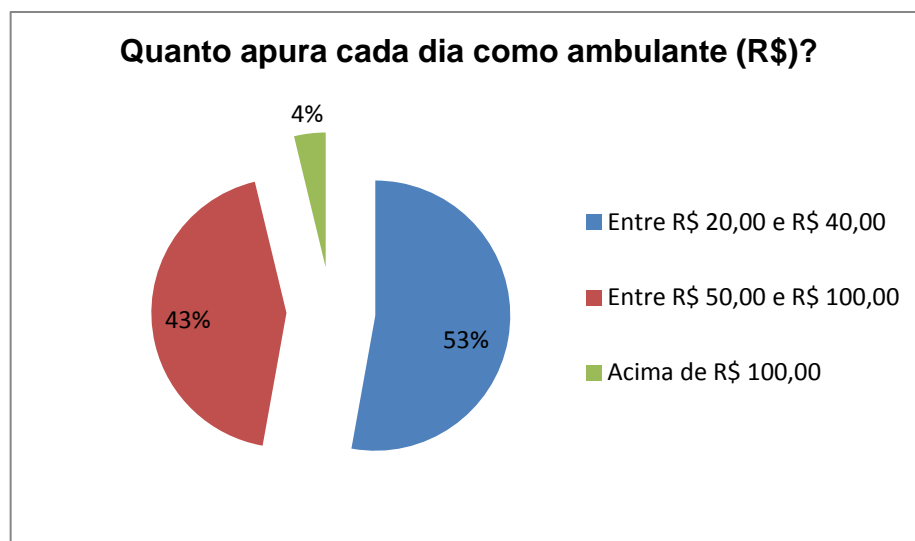
Verificou-se a chegada de um vendedor ambulante que veio de motocicleta portando uma bolsa grande com diversas imagens religiosas em gesso. Os artigos religiosos comercializados por esse profissional são confeccionados pelo próprio comerciante em sua residência. Depois de terminado de fabricar suas peças o vendedor escolhe um dia para vender seus produtos para turistas e moradores da cidade que frequentam a Praia do Futuro. No depoimento deste vendedor de imagens religiosas verifica-se que o mesmo está satisfeito com a profissão. Diz ele:

Venho de casa na minha moto, me sinto satisfeito com meu trabalho, trato bem meus clientes porque sei que neles está o potencial para o desenvolvimento do meu negócio, não me vejo trabalhando de empregado para os outros, eu faço o que julgo melhor para o desenvolvimento do meu trabalho.

Observou-se ainda que mesmo com a grande quantidade de ambulantes foi necessário um período de mais de 50 minutos para que pudesse ser detectado a efetivação de uma negociação entre vendedor ambulante e turista. Essa constatação reforça a ideia que mesmo com a interação constante entre vendedor ambulante e turista as negociações nem sempre são efetivadas com êxito.

Perguntado aos vendedores ambulantes quanto apuram em média por dia de trabalho as respostas foram variadas, contudo no Gráfico 13 as respostas foram apresentadas e o destaque dos resultados é que a maioria fatura entre R\$ 20,00 a R\$ 40,00 por dia de trabalho em seguida os que faturam um pouco mais, variando entre R\$ 50,00 a R\$ 100,00 por dia. Os vendedores que faturam mais de R\$ 100,00 por dia são minoria entre os entrevistados.

Gráfico 13 - Quanto apura cada dia como ambulante (R\$)?

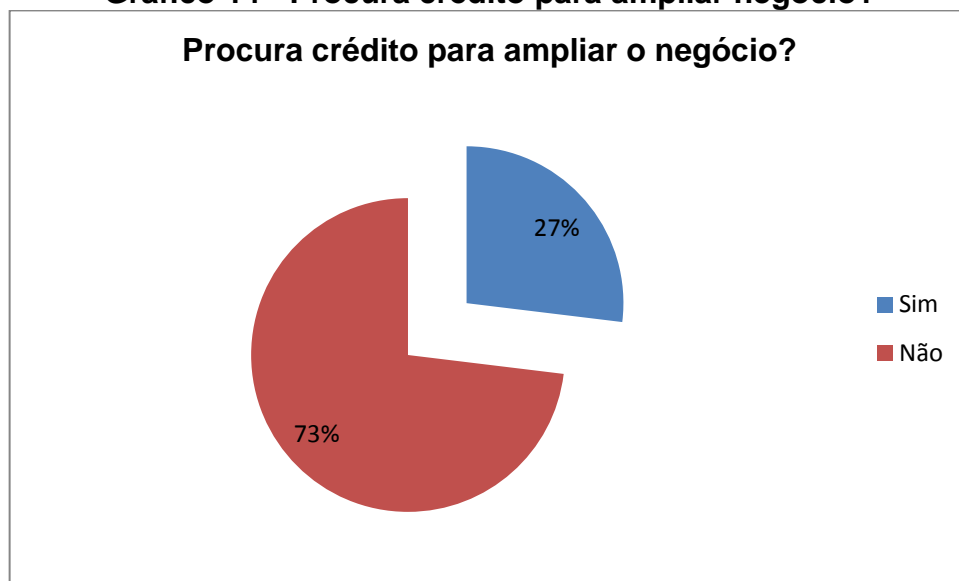


Fonte: Elaborado pelo autor.

Ressalta-se ainda que durante a pesquisa de campo um vendedor ambulante abordou o pesquisador achando que o mesmo se tratava de algum agente do Crediamigo, Programa de Crédito realizado pelo Banco do Nordeste para pequenos empreendedores. O vendedor após ser informado do equívoco informou que havia interesse nesse tipo de crédito.

Quanto à procura por crédito para ampliar os meios de trabalho a maior parte das respostas foi que não procuram crédito, mas sabem que existe. No Gráfico 14 é apresentado os percentuais das respostas obtidas.

Gráfico 14 - Procura crédito para ampliar negócio?



Fonte: Elaborado pelo autor.

Na praia encontrou-se diversos vendedores de boia inflável para crianças destacando se entre eles alguns muito extrovertidos e a todo tempo demonstrando sentimentos de alegria passando a ideia que são felizes com a profissão e de certa forma acostumados com as atividades exercidas na praia. No depoimento realizado por um desses vendedores ele afirma:

Vender é como sorte, tem dias que você vende muito, e tem dias que parece que ninguém se interessa pelos seus produtos, e ainda tem a parte que a gente sai de casa para trabalhar e não se tem certeza se volta devido a violência que enfrenta nessa cidade. E não há certeza alguma sobre como será meu dia de negociações. Mas me sinto muito bem com a profissão, pois quase todos os dias que saio para vender acabo vendendo bem, são raros os dias em que não consigo vender nada, já vi muita história de gente que não dá para o ramo e não consegue obter nem o dinheiro do sal, e acabam voltando para suas cidades de origem ou aderindo a criminalidade.

Outros vendedores ambulantes de destaque são os que vendem cosméticos que vendem uma variedade de produtos tais como protetores solar, bronzeadores, cremes de cabelo dentre outros.

Constatou-se a presença de vendedores de castanha de caju in natura que acondicionam a fruta em bandejas e saem apresentando o produto em vários locais da praia. No depoimento realizado por esse vendedor de caju in natura é ressaltado que:

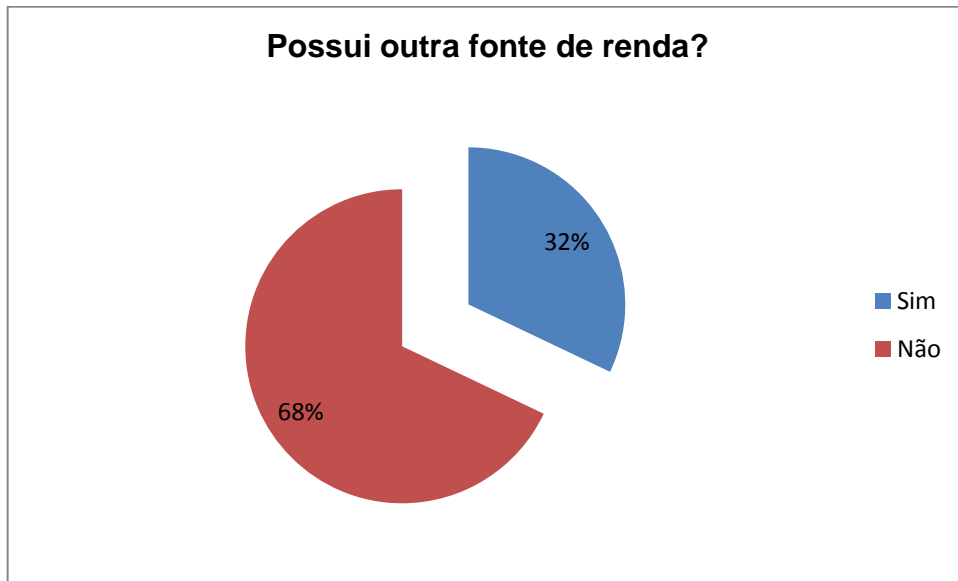
O maior problema que enfrento é a locomoção dentro dos coletivos, trazer a mercadoria até o local de vender é como uma novela, você tem que torcer para o ônibus estar vazio e caber você e suas coisas, tenho que aguentar os olhares de desprezo da sociedade e ainda torcer para o ônibus não ser assaltado quando estiver voltando para casa e levarem todo meu dinheiro que apurei durante o dia.

Outro vendedor de castanhas de caju faz um depoimento similar ao dizer:

Já fui assaltado cinco vezes desde o início do meu trabalho como ambulante, a sensação de pânico toma conta depois que essas coisas acontecem, não consigo passar em ruas poucos movimentados pois o medo me domina. E você ainda tem que torcer para não encontrar um cliente que se acha certinho, pois quando eles se acham no direito fazem de tudo para ficar por cima e mostrar que só porque estão pagando você tem que aceitar tudo.

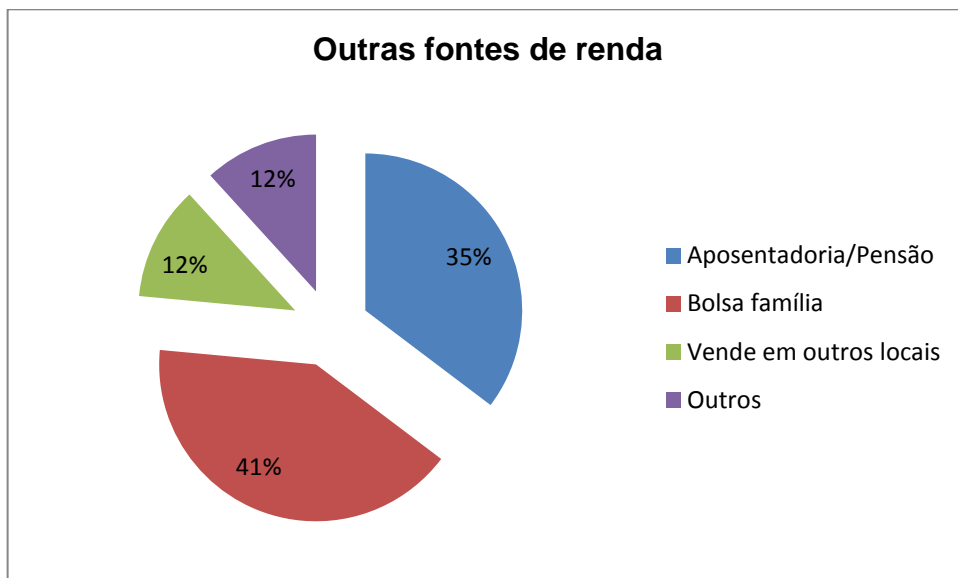
Encontrou-se os vendedores de toalhas de mesa e redes bordadas ou pintadas à mão. No momento em que o pesquisador estava obtendo as respostas o vendedor ambulante de redes se irritou com outro vendedor ambulante ao saber que o outro havia vendido uma rede na cor verde no qual ele estava reservando para um cliente. Com base nisso pode se constatar que na hora da comercialização do produto quando ocorre algum imprevisto de falta de informações os laços de companheirismo são enfraquecidos.

Sobre outras fontes de renda no Gráfico 15 é apresentado as respectivas respostas. Ao analisar o Gráfico pode-se constatar que a maioria dos profissionais entrevistados não tem outra fonte de renda além da obtida com o comércio informal. Mas há os que têm rendas complementares além da adquirida como ambulante.

Gráfico 15 - Possui outra fonte de renda?

Fonte: Elaborado pelo autor.

A partir das respostas obtidas foi perguntado aos 16 vendedores ambulantes que responderam sim para outras fontes de renda e quais as fontes secundárias de renda que utilizam. O Gráfico 16 apresenta os percentuais das respectivas respostas obtidas.

Gráfico 16 - Outras fontes de renda

Fonte: Elaborado pelo autor.

Ao analisar o Gráfico 16 constata-se que as rendas complementares que os vendedores ambulantes obtêm são oriundas de aposentadorias/pensão, bolsa família e serviços de faxina sem carteira assinada.

Também se encontrou vendedores ambulantes de sorvetes, picolés e os que vendem ambos os produtos, esses vendedores comercializam seus produtos em carrinhos apropriados para a atividade ou em caixas de isopor.

Há também a presença de vendedores ambulantes que comercializam toalhas de mesa em renda esses vendedores carregam os produtos geralmente com a ajuda de outro vendedor, ou seja, carregam segurando um de cada lado da toalha com finalidade de apresentar toda a estampa e tamanho da toalha.

Constata-se na praia também os vendedores de DVDS “piratas”. Sobre as comercializações de produtos clandestinos percebeu-se ao solicitar a permissão a um dos vendedores ambulantes para que o mesmo pudesse ser fotografado, este vendedor de óculos não permitiu, pois, os óculos comercializados na praia são produtos piratas e para ele a ação não devia ser fotografada.

Também houve resistência por parte de uma ambulante que trabalha fazendo massagem nos clientes, ela anda em busca de clientes e no momento que efetiva a negociação ela leva o cliente para um local coberto e com uma maca para realizar o trabalho. A mesma afirma que aluga o espaço para fazer a massagem, mas não quis dar detalhes da origem de quem cobra por aquele espaço tendo em vista que está sendo alugado um espaço na areia da praia que é pública. Na Figura13 pode se conferir a forma que é feita as massagens e o local locado para este fim.

Figura 13 - Massagista na Praia do Futuro

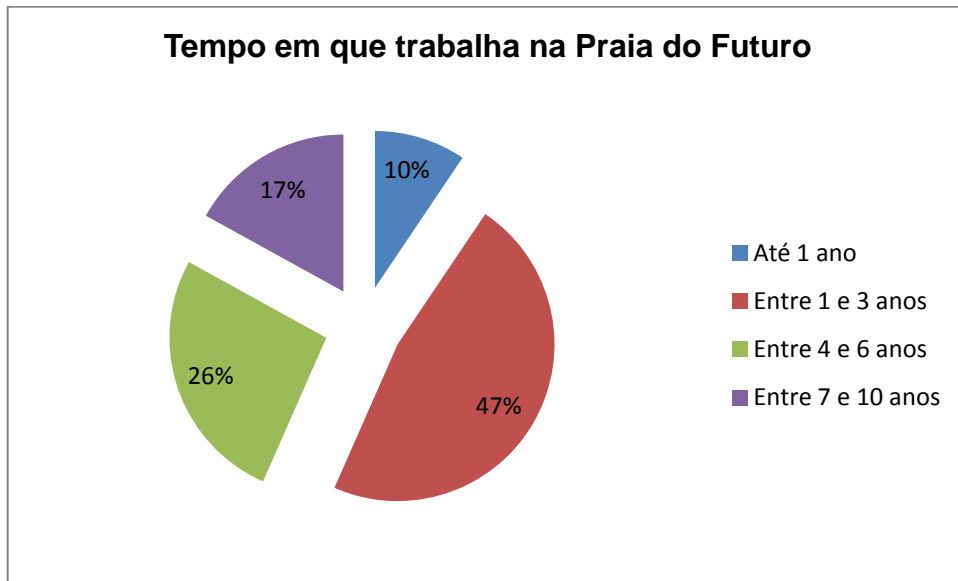


Fonte: Elaborada pelo autor.

Alguns vendedores ambulantes comercializam terços e rosários religiosos e há compradores. Do mesmo modo que há a presença de ambulantes extrovertidos e aparentemente felizes com sua profissão verificou-se a desmotivação de alguns que chegam a passar muito tempo sentados sem oferecer nem demonstrar qualquer reação para comercializar os produtos.

Perguntado há quanto tempo os vendedores ambulantes praticam as atividades na Praia do Futuro, o destaque das respostas se deu para os que responderam que tem em média um a três anos. No Gráfico 17 é representado o percentual das respostas e respectivo tempo de trabalho na praia.

Gráfico 17-Tempo em que trabalha na Praia do Futuro



Fonte: Elaborado pelo autor.

Verificou-se que quando a abordagem era feita no momento das negociações realizadas com os clientes, isso faz com que eles mudem a expressão facial, transmitindo um sentimento de medo, alguns perguntaram se o pesquisador não fazia parte de algum órgão fiscalizador do governo. Respondido que não só a partir daí começam a dar as respostas necessárias ao pesquisador.

Durante as conversas informais realizadas com os vendedores ambulantes alguns destacam que o valor apurado nas vendas dos produtos daquele dia só era suficiente para um dia de sustento da família, portanto o que ganham gastam com a compra dos suprimentos da casa e destinam outra parte para a compra de mais produtos para outras vendas. Dessa forma não sobra para outros consumos nem para a compra de bens duráveis.

Afirmam que tudo que ganham acaba não sobrando quase nada para o dia seguinte. Caso aconteça algum imprevisto o vendedor ambulante fica praticamente desamparado, e sobrevivem com a ajuda de parentes.

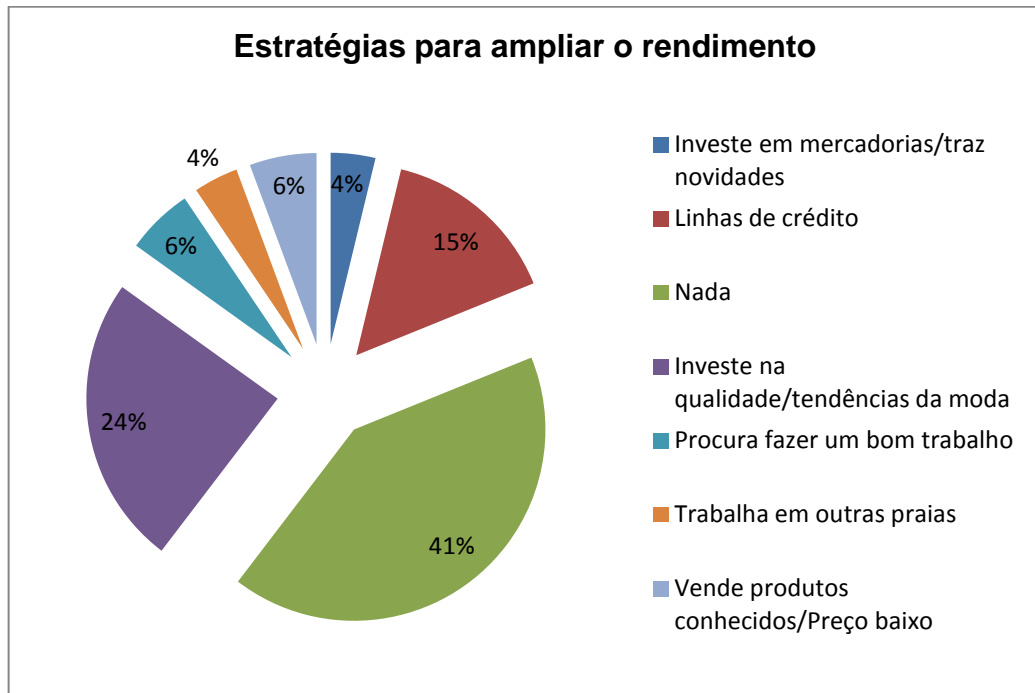
No Gráfico 18 é demonstrado os percentuais das respostas feitas aos vendedores ambulantes sobre o que acham a respeito dos rendimentos obtidos nas atividades informais da Praia do Futuro. O destaque das respostas é que a maioria acredita que o rendimento é regular, em seguida os que acham bons os resultados. Já em menor percentual então os que acham o rendimento completamente insuficiente.

Gráfico 18 - Rendimento nas vendas

Fonte: Elaborado pelo autor.

Perguntado aos vendedores o que fazem para ampliar os rendimentos, a maioria diz que não faz nada. Vive da comercialização dos produtos sem planejamento algum. Em seguida tem os que dizem que oferecem bons produtos e serviços de qualidade, o que faz com que isso amplie os rendimentos, há os que buscam linha de crédito para ampliar os negócios. No Gráfico 19 é demonstrado os percentuais de cada resposta.

Gráfico 19 - Estratégias para ampliar o rendimento



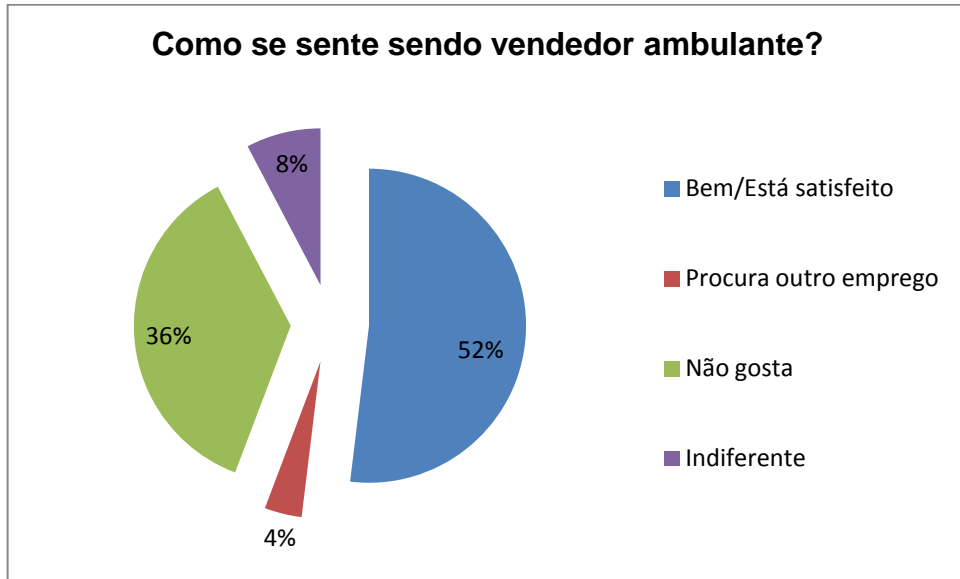
Fonte: Elaborado pelo autor.

Mesmo assim a maioria se diz satisfeita com a atividade. No depoimento realizado pelo vendedor de água mineral é afirmado que:

Trabalhar por conta própria é a única saída quando a gente não consegue em trabalho formal. Vender tem que ter disciplina principalmente se você é casado, pois não devemos satisfação a patrão algum mas temos esposas e filhos para sustentar e sem disciplina não vendemos o suficiente nem para pagar um sorvete para o filho.

No Gráfico 20 é representado de forma detalhada o percentual de vendedores ambulantes que diz estar satisfeito com as atividades exercidas.

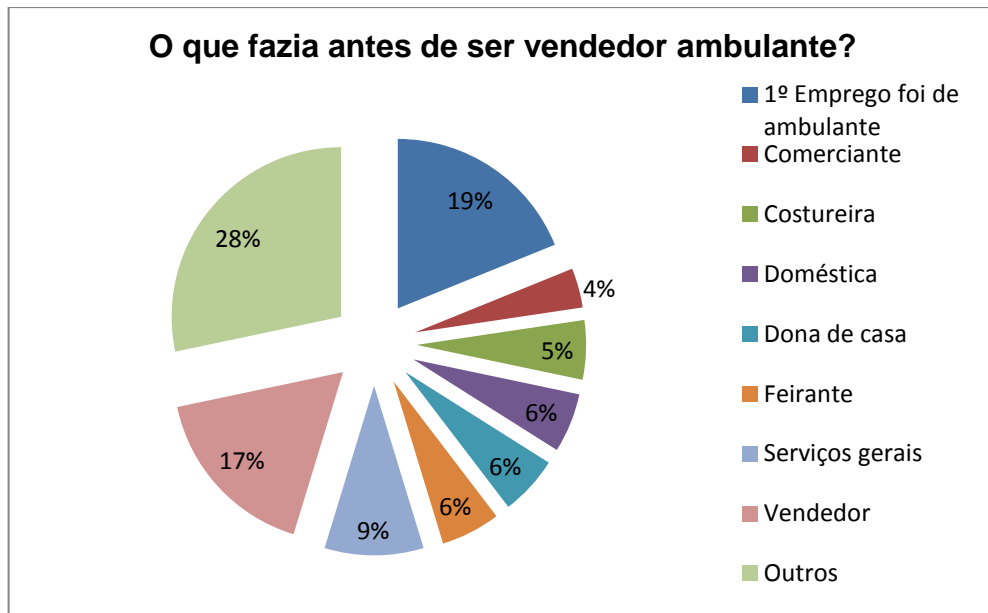
Gráfico 20 - Como se sente sendo vendedor ambulante?



Fonte: Elaborado pelo autor.

Também foi perguntada qual a atividade que os vendedores ambulantes faziam antes de se inserirem no trabalho informal da Praia do Futuro. No Gráfico 21 foi demonstrado os percentuais e respectivas respostas obtidas com a pergunta.

Gráfico 21 - O que fazia antes de ser vendedor ambulante?



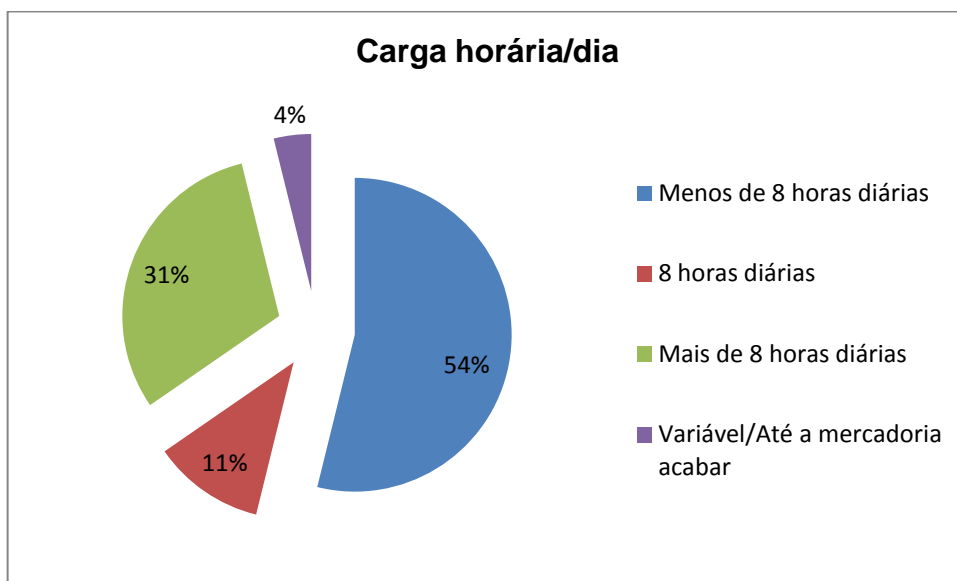
Fonte: Elaborado pelo autor.

A atividade dos vendedores por ser informal permite que alguns tenham flexibilidade de horários e dias de trabalho. O depoimento do vendedor de tatuagens isso é narrado.

Estou bem com meu trabalho pago minhas dividas, não devo nada a patrão e só vou trabalhar quando eu quero, posso me dar ao luxo de adoecer sem ser despedido e ainda não tenho patrão para me sobrecarregar com nada. O único problema de trabalhar por conta própria assim como outras profissões é que podemos ser vítimas de pessoas maliciosas, lembro-me muito bem de quando um homem que se fazia interessado em meus produtos quis me obrigar entrar na casa dele, senti maldade nas conversas dele e felizmente eu agi rapidamente e deixei o local nada me aconteceu.

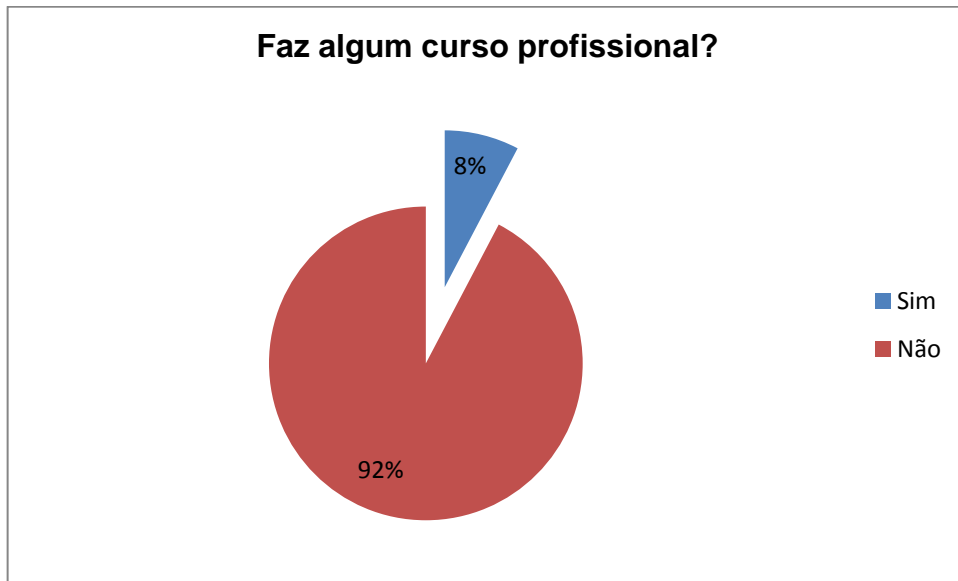
Necessário se fez saber em média quanto tempo passam os vendedores ambulantes comercializando os produtos na praia. No Gráfico 22 é informado os percentuais da jornada de trabalho.

Gráfico 22-Carga horária/dia



Fonte: Elaborado pelo autor.

Perguntado aos vendedores ambulantes se fazem algum curso profissional, a resposta obtida com a maioria é que não estão fazendo nenhum curso profissional. No Gráfico 23 é demonstrado os percentuais das respostas, o destaque se dá para a maioria que não está fazendo cursos profissionais para se aperfeiçoarem.

Gráfico 23 - Faz algum curso profissional?

Fonte: Elaborado pelo autor.

Nota-se que um pequeno percentual está investindo na qualificação profissional visto que apenas 8% dos entrevistados fazem algum curso profissional.

A satisfação demonstrada por um destes vendedores ambulantes é detectada no momento em que o vendedor de azulejos comenta:

Comecei com 12 anos de idade com a finalidade de ajudar meus pais terem uma vida melhor, comecei vendendo desinfetante de porta em porta, a cada produto vendido aumentava ainda mais minha esperança por uma vida melhor, depois comecei a vender perfumes e gel aliviador de dores musculares, depois disso as coisas melhoraram um pouco e prossegui vendendo produtos mais caros como redes e colchas de cama. Até que me encontrei, gosto de vender a arte, a alegria do cliente com a beleza dos produtos me deixa satisfeito.

Com base nas respostas dos vendedores ambulantes confirma-se que parte dos ambulantes vieram do interior do estado para tentar a vida na cidade, quase todos chegaram no máximo ao ensino médio. Somente um vendedor ambulante entrevistado é universitário. O depoimento de um vendedor ambulante, idoso diz que: “Sou missionário, o bom do meu trabalho é que, além disso, ser meu ganha pão eu posso levar a palavra de Deus aos meus clientes”.

Na realização da pesquisa de campo foi detectado policiamento na área durante o tempo da pesquisa. E que na busca pela sobrevivência muitos vendedores ambulantes se unem uns aos outros para apresentar os produtos e efetivar as vendas com os clientes. Formam duplas e tentam manter relação de companheirismo no trabalho. Na Figura 14 observa-se dois vendedores ambulantes

da Praia do Futuro em parceria com intuito de apresentar o produto a ser vendido. De certa forma isso mostra uma relação de companheirismo no trabalho, na busca pela sobrevivência.

Figura 14 - Vendedores ambulantes em conjunto na busca de vendas

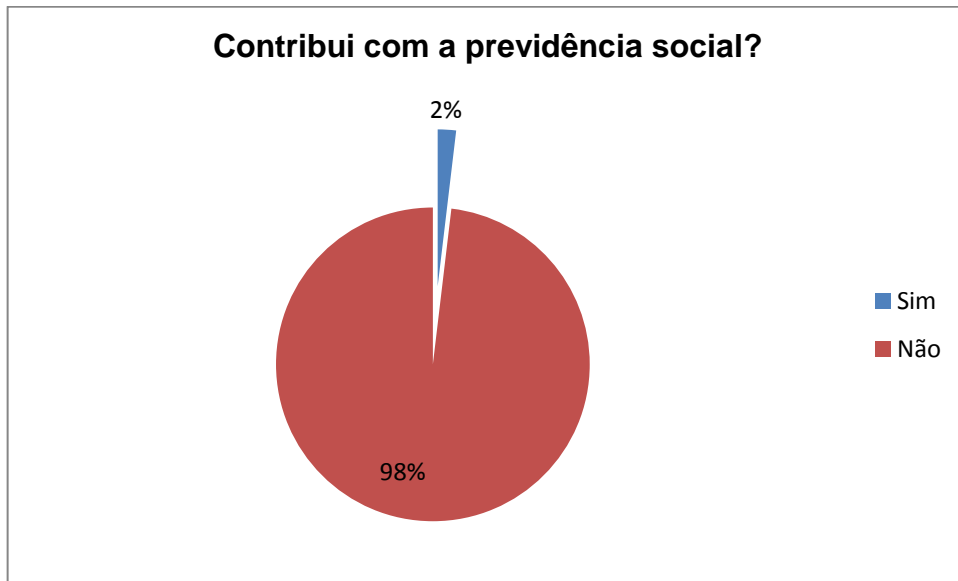


Fonte: Elaborado pelo autor.

Com base em algumas respostas oriundas dos vendedores ambulantes que enfatizam estar realizando estas atividades informais pelo fator de não ter outro emprego formal atribui-se esse fluxo de vendedores ambulantes em decorrência ao agravamento da crise econômica que o país enfrenta no decorrer da realização dessa pesquisa. Salienta-se que em alguns momentos e em alguns pontos da Praia do Futuro a quantidade de vendedores ambulantes chega a ser em número maior que a dos banhistas.

Praticamente todos os vendedores ambulantes entrevistados informaram que não pagam INSS, ou seja, não contribuem com a previdência social somente uma minoria respondeu que sim. O Gráfico 24 é apresenta de forma as respostas obtidas sobre esse assunto.

Gráfico 24 - Paga INSS?



Fonte: Elaborado pelo autor.

Constata-se que a presença de vendedores ambulantes de alimentos é menor do que os vendedores de produtos não perecíveis, e que a maioria dos turistas acham a presença dos vendedores ambulantes exagerada quanto ao número de profissionais inseridos nestas atividades. Embora não seja foco da pesquisa não se pode deixar de observar a presença constante de animais em torno das barracas e na faixa de areia bem como esgotos a céu aberto na Praia do Futuro que é um dos roteiros turísticos da capital cearense.

3.3 OS PRODUTOS E SERVIÇOS DO COMÉRCIO INFORMAL NA PRAIA DO FUTURO

Para o entendimento das dinâmicas do trabalho informal na praia do Futuro fez-se necessário analisar alguns conceitos sobre o que é comércio e o seu papel para a economia das cidades bem como o modelo que a informalidade segue de oferecer produtos e serviços como se fosse um comércio formal. Em muitos casos observa-se que os comerciantes informais oferecem os mesmos produtos e serviços e a única diferença do comércio formal seria o não pagamento de impostos que a informalidade se coloca as margens dessa obrigação legal. Ressalta-se ainda que as dinâmicas da apresentação dos produtos, na maioria das vezes, utilizadas por comerciantes informais são diferentes do comércio formal, pois este comerciante é quem aborda e propaga os produtos aos possíveis compradores.

Em termos econômicos a atividade comercial é tida como uma das mais relevantes na circulação econômica do capital, pois é por meio da venda que o capital- mercadoria se converte no capital- dinheiro, indispensável ao andamento do novo ciclo produtivo. (SALGUEIRO, 1989). A autora explica que: “a concentração das populações nas cidades assistiu-se ao aparecimento de unidades de comércio de dimensões cada vez maiores e à modificação dos circuitos da distribuição de bens e das técnicas de venda” (p.158).

Na visão de Freire (2011) para compreendermos o papel ou a função da cidade no processo de formação dos mercados, dos processos das trocas, e ainda a relação entre estes e a cidade, é importante que se tenha em mente que, em primeiro lugar, a cidade é um fenômeno que antecede ou já existia antes do aparecimento dos mercados, e, em segundo, que a relação daquela com estes se transforma à medida que os mercados passam por um processo de institucionalização. Ou seja, conforme foram desfeitas, aos poucos, velhas relações consolidadas no passado das sociedades, principalmente aquelas relacionadas às trocas e ao comércio, vê-se surgir mudanças nessa relação.

Para que se possa explicar a questão a partir de quando o mercado passou a ter papel preponderante na vida econômica das cidades, chegando mesmo a se confundir com elas. Daí ser preciso entender as mudanças pelas quais passaram os mercados isolados, tradicionais, baseados nos costumes e nas leis, locais de satisfação de necessidades domésticas diárias, transformando-se, tempos depois, em locais inseridos numa economia de mercado (capitalista) ressalta-se ainda que as trocas, o comércio e os mercados existem na vida econômica das sociedades mais diversas, pelo menos, desde os tempos primitivos e destaca-se ainda que o comércio teve participação fundamental no desenvolvimento das cidades e assim que explica Freire (2011) falando da cidade e dos mercados.

Na rede de serviços turísticos das barracas da Praia do Futuro está a dinâmica do setor informal da economia, com destaque para vendedores ambulantes oferecendo variadas mercadorias alternativas para aqueles que ali se divertem. Muitos dos que trabalham nas barracas estão incluídos na formalidade chegando a ter carteira assinada, diferente dos vendedores ambulantes totalmente inclusos no comércio informal.

O trabalho informal tem grande significado para a população pobre em um país que há grande concentração de renda. Parte dos trabalhadores excluídos do mercado de trabalho formal e de consumo busca o comércio informal como forma de se incluir na sociedade do consumo.

Os vendedores ambulantes veem no turismo uma forma de escoar os produtos oferecendo uma diversidade de coisas como artesanato, alimentos entre muitos outros itens. O turismo pode ser considerado uma atividade de grande importância econômica, capaz de impulsionar a economia de estados ou região e promover intercâmbio social e cultural entre as comunidades. Daí porque os trabalhadores informais vêm no turismo como uma atividade em que podem atuar para comercializar produtos, uma vez que a demanda turística por produtos consumidos na informalidade existe e é notória em visitar praias, praças igrejas teatros entre outros atrativos da cidade que ficam cheias de vendedores ambulantes, esses vendedores disputam clientes e vagas para expor produtos, divulgam os produtos muitas vezes gritando para chamar atenção de quem passa por perto como forma de captar clientes diversos inclusive turistas.

Ao analisar a atividade turística pode-se dizer que ele faz parte do setor terciário da economia, movimenta uma gama de serviços nos lugares turísticos, como os meios de transporte, hospedagem, alimentação, entretenimento e vários outros que formam a cadeia produtiva do turismo.

Devido ao grande volume de recursos que movimenta e ao impacto não só na economia, mas também na cultura, no meio ambiente e na sociedade a atividade precisa ser pensada e planejada para que produza os resultados esperados. E exatamente por essa importância na economia e pela possibilidade de desenvolvimento socioeconômico que o turismo oportuniza, e tem recebido atenção das autoridades públicas e privadas, contudo os trabalhadores formais e informais aproveitam essas oportunidades.

O turismo é uma atividade que movimenta um grande volume de recursos que gera impacto na economia. Porém partindo da ideias da informalidade os números ficam difíceis de serem contabilizados tendo em vista que o vendedor informal muitas vezes nem sabe ou percebe que o cliente é um turista ou residente de Fortaleza. Daí Santos (2008) afirma que tanto espaço como a sociedade são divididos

A existência de uma massa de pessoas com salários muito baixos ou vivendo de atividades ocasionais, ao lado de uma minoria com rendas muito elevadas, cria na sociedade urbana uma divisão entre aqueles que podem ter acesso de maneira permanente aos bens e serviços oferecidos e aqueles que, tendo as mesmas necessidades, não têm condições de satisfazê-las. Isso cria ao mesmo tempo diferenças quantitativas e qualitativas no consumo. Essas diferenças são a causa e o efeito da existência, ou seja, da criação ou da manutenção, nessas cidades, de dois circuitos de produção, distribuição e consumo dos bens e serviços (SANTOS, 2008, p. 37).

Ressalta-se que lugares turísticos muitas vezes excluem residentes e valorizam economicamente o trabalhador que não é da comunidade. Coriolano e Barbosa (2012, p.70). Afirmam que “residentes de lugares turísticos, muitas vezes, não participam de ganhos advindos da atividade que se expande no território”. E que:

Em alguns casos, a população local torna-se apenas mão de obra de equipamentos turísticos (pouco qualificada e mal remunerada), quando não é expulsa de local onde mora para dar espaço a megaempreendimentos. Muitas das vezes acaba voltando na forma de trabalho informal já que tendo em vista a formalidade não as incluiu.

O trabalho informal na Praia Futuro de Fortaleza é notório nesse lugar. Observa-se que esses profissionais são trabalhadores que não estão inseridos no mercado de trabalho formal. Mesmo havendo programas do governo para redução da informalidade até a data da pesquisa, no ano de 2016 a informalidade de vendedores ambulantes na Praia do Futuro é um fenômeno constatado no local. Diversos motivos ampliam essa parcela que ingressa na informalidade. Dentre eles está a falta de empregos, o agravamento da crise econômica que persiste no país, a falta de informação por parte dos vendedores informais, pois alguns desconhecem os planos que o governo dispõe para a formalização gratuita do vendedor informal.

Um programa do Governo para reduzir a informalidade é o do Microempreendedor individual que permite que cada pessoa que está na informalidade formalizar seu empreendimento pagando uma simbólica parcela por mês incluído o seu INSS que dá direitos e deveres ao trabalhador que era informal.

Os trabalhadores informais da praia do Futuro acreditam que a praia oferece oportunidades necessárias para desenvolverem o trabalho de vendas aos residentes e turistas. Na Figura 15 constata-se um vendedor apresentando os produtos na Praia do Futuro.

Figura 15 - Vendedor ambulante apresentando os produtos aos banhistas



Fonte: Elaborada pelo autor.

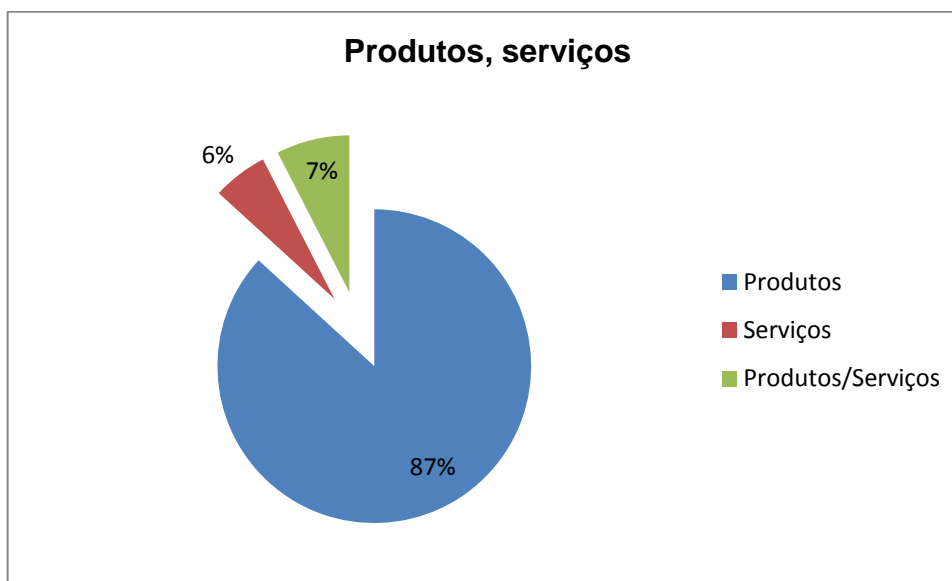
Constata-se na pesquisa de campo na Praia do Futuro que o consumo de produtos adquiridos no trabalho informal dos vendedores ambulantes ocorre constantemente e em diversos locais da praia. A interação entre vendedor ambulante e cliente se dá a todo momento uma vez que mesmo que o cliente não efetive a compra responde se quer comprar ou não o produto. Na Figura 16 registrou-se o momento em que um trabalhador informal comercializa lagostas apresentando o produto para uma cliente.

Figura 16 - Vendedor ambulante apresentando lagosta a cliente.



Fonte: Elaborada pelo autor.

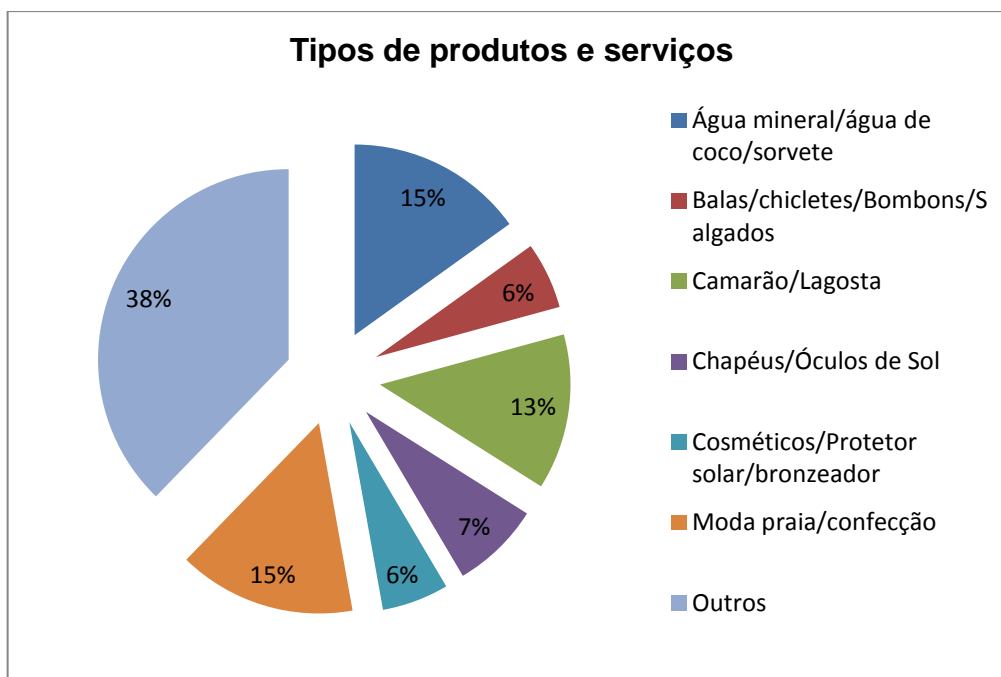
Sobre a venda de produtos e a oferta de serviços do comércio informal na Praia do Futuro obteve-se na pesquisa de campo maior conhecimento da realidade estudada. Os vendedores ambulantes comercializam também produtos não perecíveis tais como cosméticos, brinquedos, roupas. Verificou-se entre os entrevistados os que comercializam apenas serviços como massagens, vendedores de bebidas e alimentos se fazem presente em menor quantidade na Praia do Futuro durante a pesquisa de campo. No Gráfico 25 vê-se as porcentagens mais precisas para esta divisão.

Gráfico 25 - O que comercializa?

Fonte: Elaborado pelo autor.

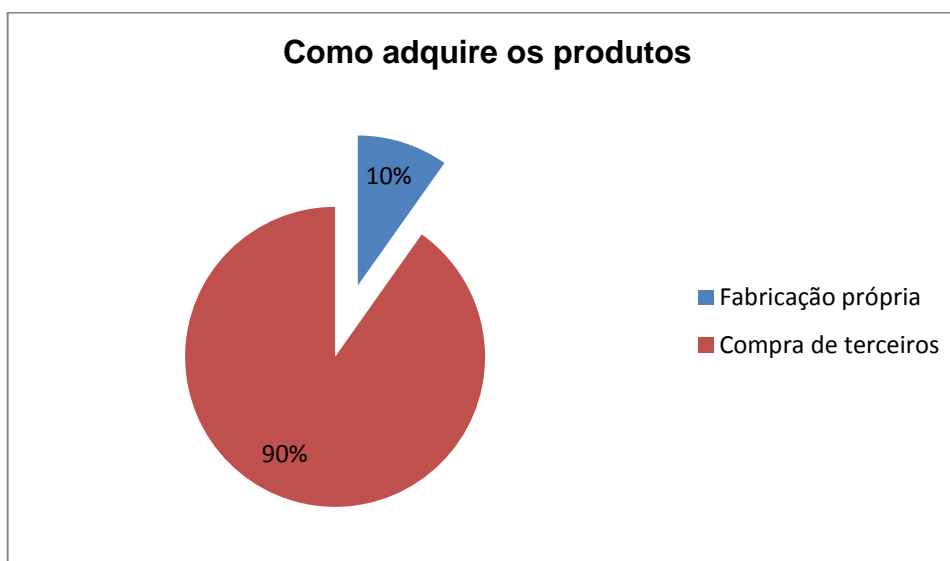
Ao analisar o Gráfico 25 ressalta-se que a maior parte das respostas se dá para os vendedores que comercializam produtos, em seguida em proporções quase iguais foi detectado os comerciantes informais que ofertam somente serviços e os que ofertam serviços e também produtos.

Perguntado aos vendedores ambulantes sobre os produtos /serviços comercializados na Praia do Futuro as respostas obtidas são diversas, na pesquisa então se identificou quais os produtos e serviços comercializados pelos vendedores ambulantes e os percentuais mais relevantes foram detalhados no Gráfico 26. Ainda no Gráfico 26 o percentual outros é formado por vendedores ambulantes que comercializam artesanato, bijuterias, boias infláveis, brinquedos, DVD, espetinho de queijo, massagem, mel, pipocas, redes/ toalhas de mesa/ panos de prato, rolos de linha de costura, sorvete/ picolé e tatuagens.

Gráfico 26 - Produtos/serviços comercializados na Praia do Futuro

Fonte: Elaborado pelo autor.

Perguntado como eles adquirem os produtos para comercializar na praia, a resposta obtida é que na maioria são comprados de fornecedores diversos, nas lojas no centro da cidade. Também há quem respondeu que fabricam seus próprios produtos, por exemplo, os vendedores que vendem roupas confeccionadas por eles e os que preparam os alimentos em casa. No Gráfico 27 é apresentada as respostas obtidas com os vendedores ambulantes.

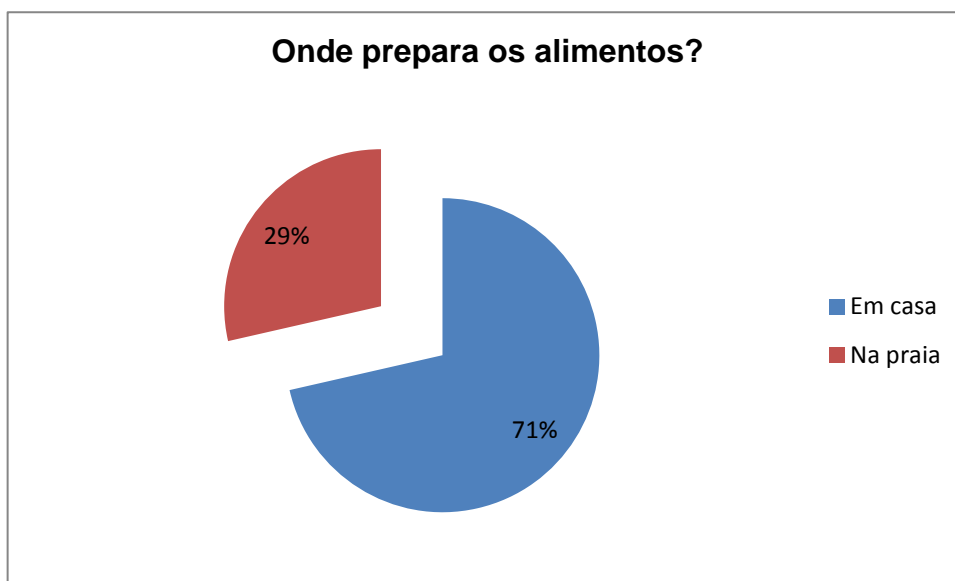
Gráfico 27 - Como adquire os produtos da venda

Fonte: Elaborado pelo autor.

Dois dos entrevistados oferecem serviços de massagem, portanto não responderam a essa pergunta, totalizando 51 questionários.

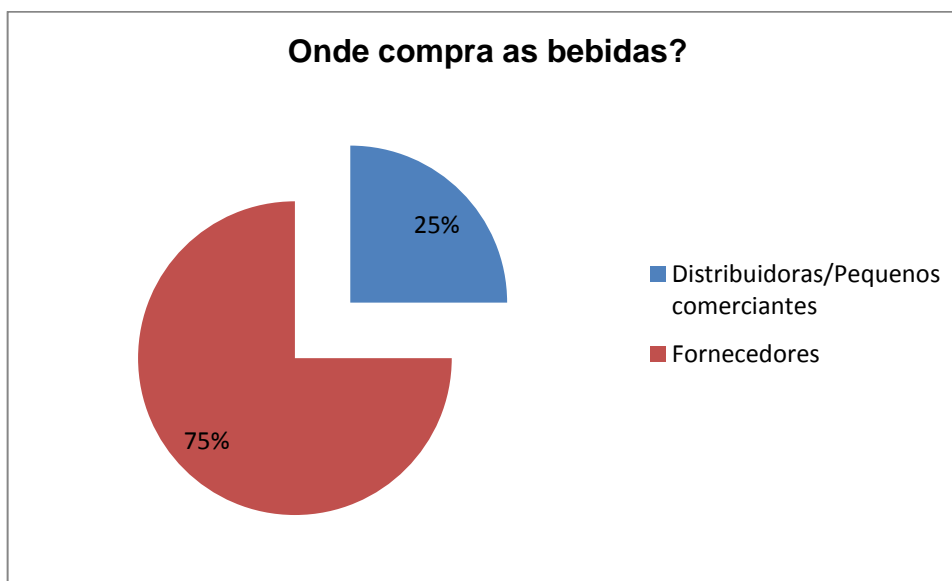
Sobre os alimentos comercializados na Praia do Futuro foi perguntado aos vendedores responsáveis onde eles preparam os alimentos. O percentual das respostas está no Gráfico 28. O destaque das respostas obtidas é que preparam os alimentos em casa, mas também há em número significativo os que preparam os alimentos mesmo na própria praia.

Gráfico 28 - Onde prepara os alimentos que vende?



Fonte: Elaborado pelo autor.

Perguntado sobre as bebidas ofertadas na Praia do Futuro, ou seja, qual a procedência dos produtos, onde são obtidas para serem comercializados. No Gráfico 29 mostra o percentual das respostas sobre a procedência das bebidas ofertadas na Praia do Futuro.

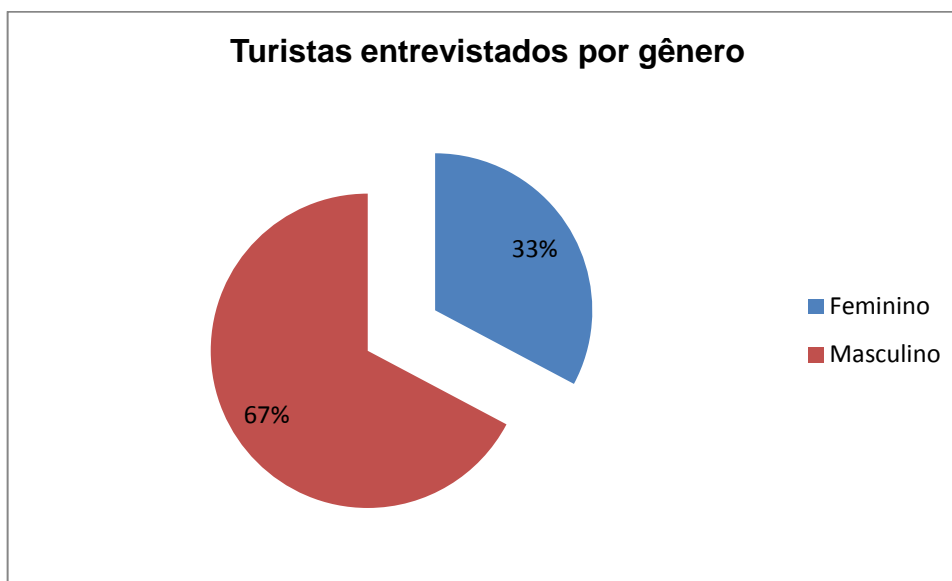
Gráfico 29 - Onde compra as bebidas?

Fonte: Elaborado pelo autor.

Pode-se dizer que as dinâmicas do trabalho informal dos vendedores ambulantes apresentam variados perfis, pois há variedade de produtos e serviços ofertados. Buscou-se também a visão do turista sobre os vendedores ambulantes, bem como a opinião sobre os produtos e serviços comercializados na Praia do Futuro.

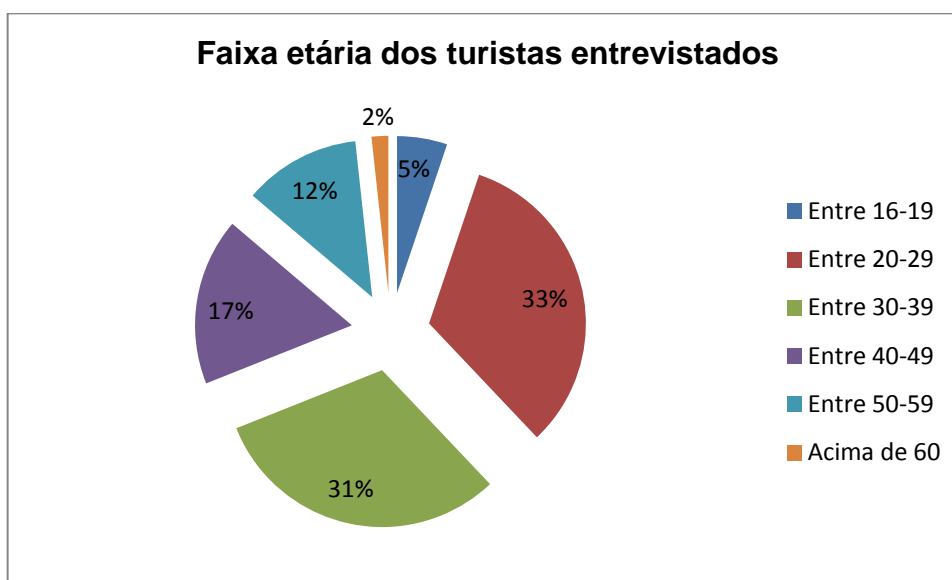
3.4 O CONSUMO DOS TURISTAS NO COMÉRCIO INFORMAL DA PRAIA DO FUTURO

Os turistas que vem a Fortaleza na grande maioria são do segmento de sol e praia e vão a Praia do Futuro, o fluxo mais intenso de turistas nesta praias e da em finais de semana e na alta estação que ocorre em julho e final de ano. Os turistas entrevistados na Praia do Futuro na maioria eram masculinos e uma menor quantidade de mulheres. No Gráfico 30 se pode conferir este resultado quanto ao sexo dos turistas entrevistados.

Gráfico 30 - Gênero dos turistas entrevistados

Fonte: Elaborado pelo autor.

A faixa etária dos turistas da Praia do Futuro é composta das mais variadas idades, mas as faixas de 20 a 29 anos atingiram maiores índices de entrevistados seguidos das faixas etárias de 30 a 39 anos. No Gráfico 31 é possível verificar esta distribuição de idades dos turistas que se fizeram presentes na Praia do Futuro no dia da pesquisa.

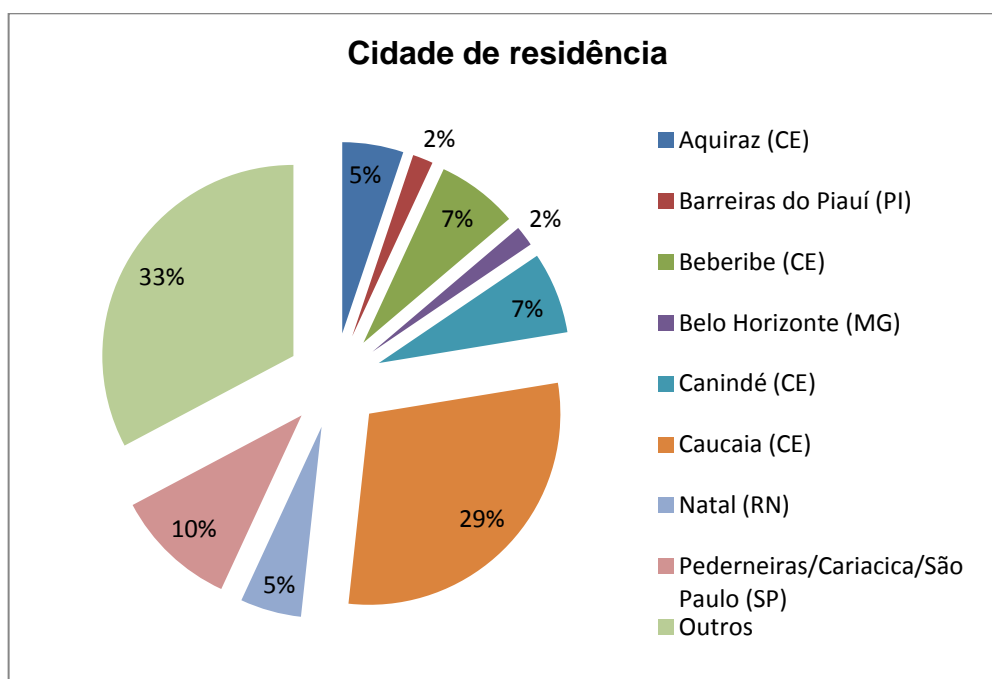
Gráfico 31 - Faixa etária dos turistas entrevistados

Fonte: Elaborado pelo autor.

Os turistas entrevistados na Praia do Futuro são oriundos dos mais variados locais do Estado e até mesmo de cidades mais distantes. No Gráfico 32 é

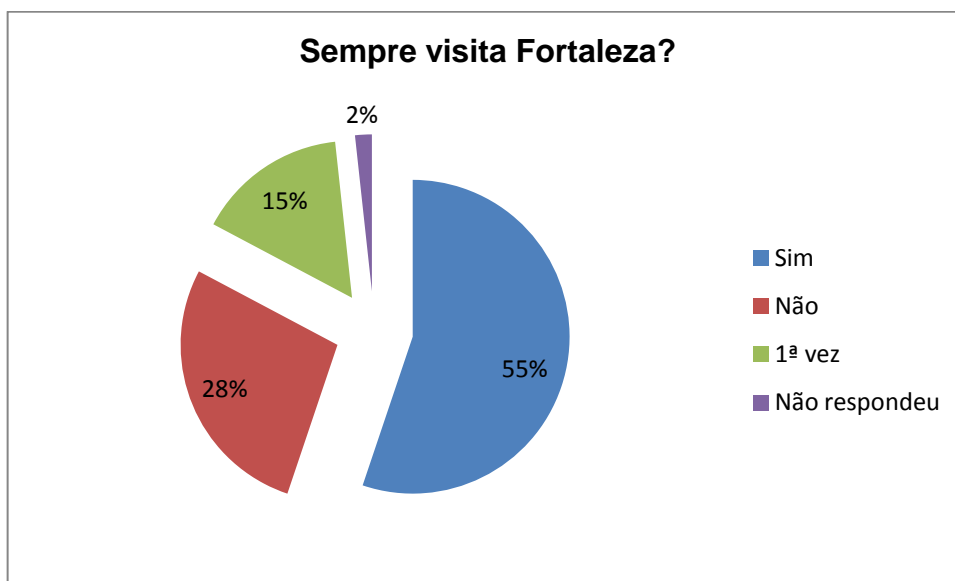
possível conferir as diversas cidades de origem dos turistas que se fizeram presente na praia durante a realização da pesquisa. O destaque foi para os turistas oriundos de Caucaia região metropolitana de Fortaleza. Ainda no Gráfico 32 é apresentado os percentuais mais relevantes com respeito a cidade de onde esses turistas residem. O percentual outros que é apresentado nesse gráfico é formado por diversas cidades sendo elas: Acarape (CE), Ararendá (CE), Boa viagem (CE), Cariacica (SP), Croatá (CE) Eusébio (CE), Groaíras (CE), Horizonte (CE) Itaitinga (CE), Itapipoca (CE), Maracanaú (CE), Pacajus (CE), Pacatuba (CE), Russas (CE), Santana do Cariri (CE), São Paulo (SP) E Trairi (CE).

Gráfico 32 - Cidade de residência



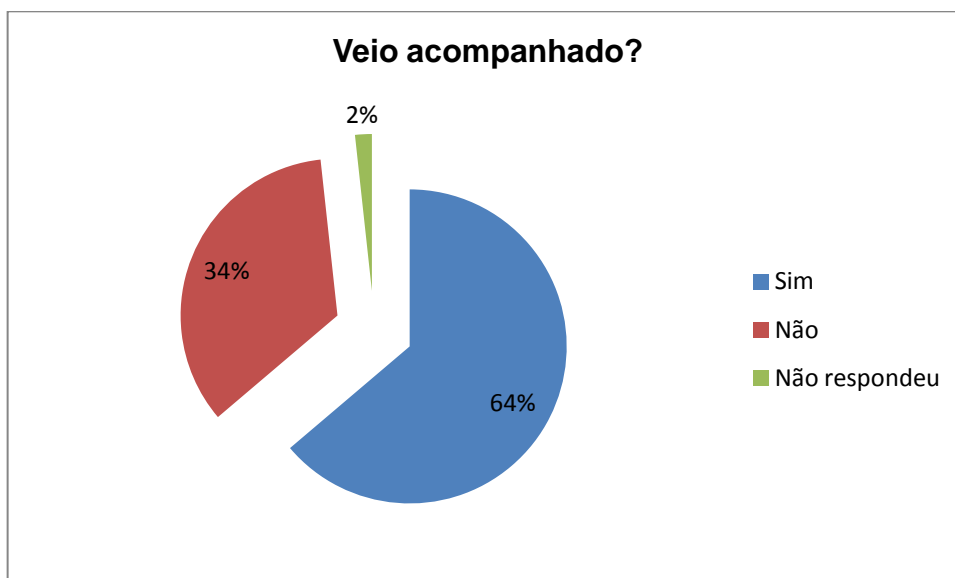
Fonte: Elaborado pelo autor.

Muitos turistas afirmam visitar sempre a capital cearense, e que um dos fatores que motiva a visita é a proximidade da capital cearense com diversas cidades de menor porte situadas bem próximas a Fortaleza. No Gráfico 33 pode-se conferir as respostas dos turistas quanto a esta interrogação.

Gráfico 33 - Sempre visita Fortaleza?

Fonte: Elaborado pelo autor.

A maior parte dos turistas entrevistados informou que estavam acompanhados. Nas conversas informais verificou-se que as companhias dos turistas eram esposas, amigos e parentes. No Gráfico 34 podemos conferir as porcentagens das respostas.

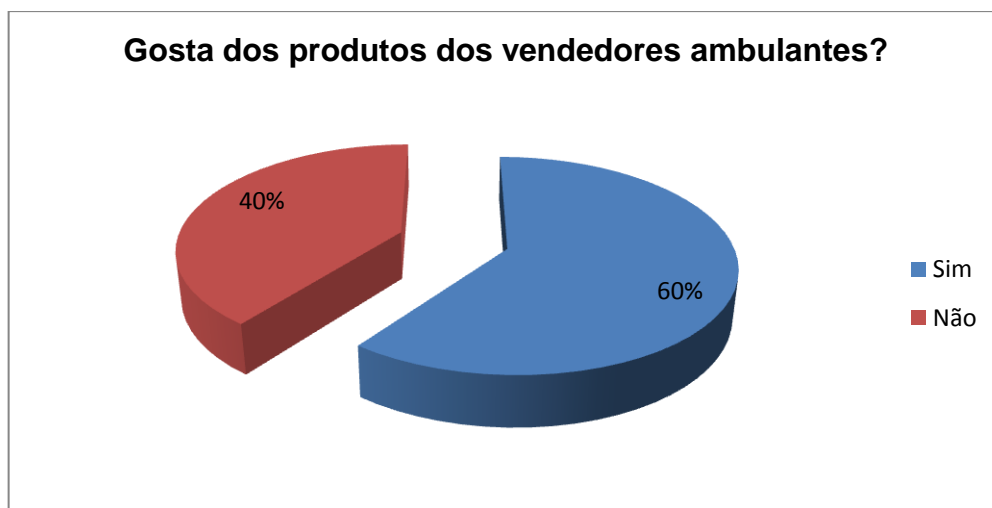
Gráfico 34 - Veio acompanhado?

Fonte: Elaborado pelo autor.

Quanto à opinião dos turistas entrevistados sobre os produtos ofertados pelos vendedores ambulantes da Praia do Futuro o destaque da maioria dos turistas foi que gostam dos produtos ofertados pelos trabalhadores ambulantes embora haja

os que não gostam. O Gráfico 35 mostra a porcentagem de turistas que opinaram a respeito das preferências.

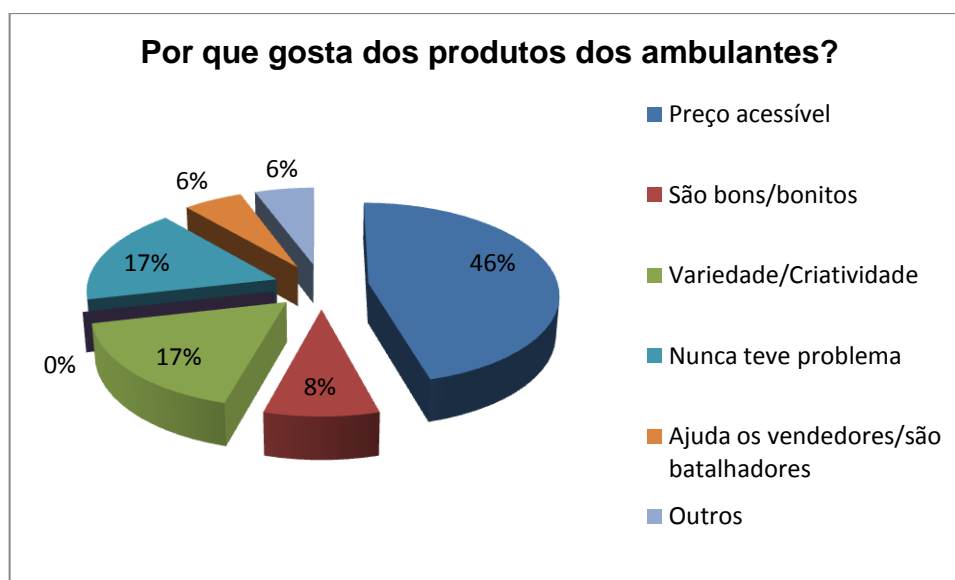
Gráfico 35 - Gosta dos produtos dos vendedores ambulantes?



Fonte: Elaborado pelo autor.

Os que gostam dos produtos afirmam que são atraentes, sendo o maior destaque o preço acessível. No Gráfico 36 pode-se conferir os motivos dos que gostam dos produtos dos vendedores ambulantes.

Gráfico 36 - Por que gosta dos produtos dos ambulantes?

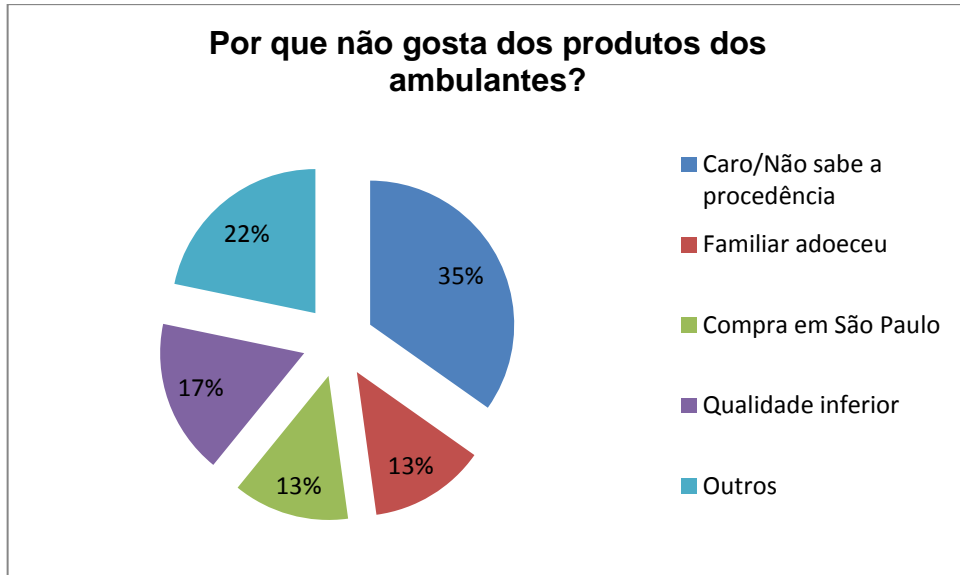


Fonte: Elaborado pelo autor.

Os que não gostam dos produtos dos ambulantes opinaram sobre os motivos que leva a rejeição. No Gráfico 37 estão os motivos e porcentagens sobre cada motivo que levou a esses turistas a não gostar dos produtos ofertados pelos

vendedores ambulantes da Praia do Futuro. O destaque é o produto sem procedência e já ter tido experiência negativa com esta alimentação.

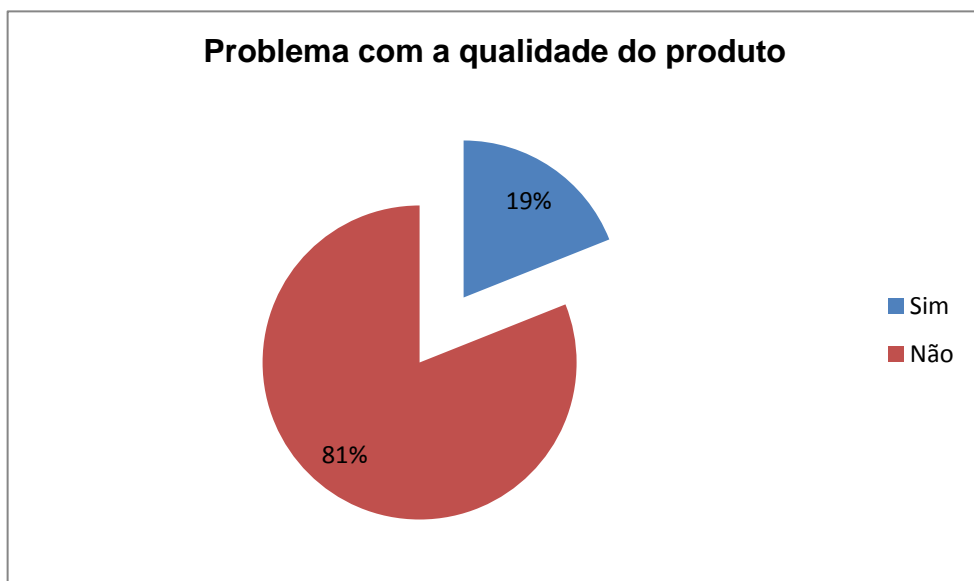
Gráfico 37 - Por que não gosta dos produtos dos ambulantes?



Fonte: Elaborado pelo autor.

Sobre a qualidade dos produtos ofertados pelos vendedores ambulantes da Praia do Futuro o Gráfico 38 mostra as respostas obtidas com esses turistas que destacam em sua maioria que nunca tiveram problema com a qualidade dos produtos adquiridos.

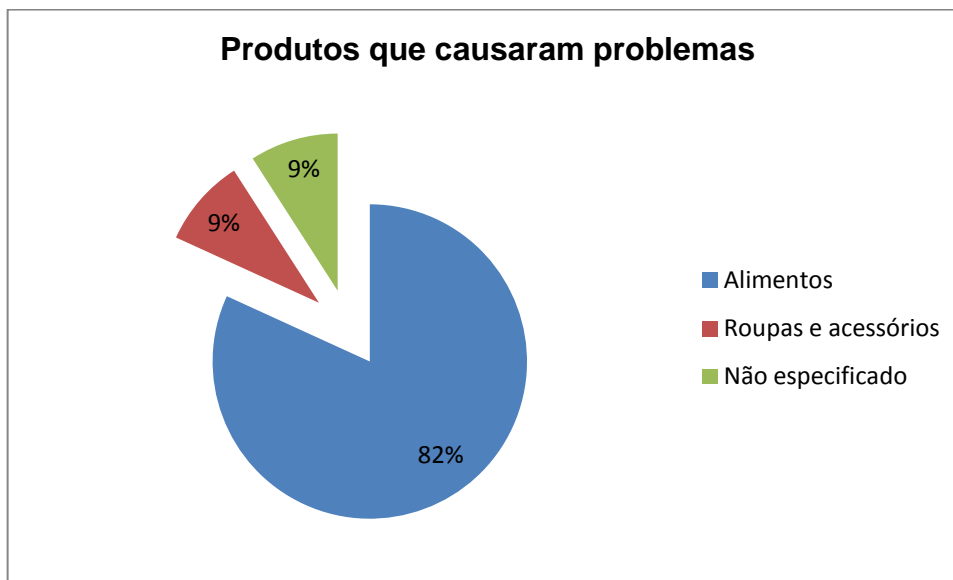
Gráfico 38 - Já teve problema com a qualidade do produto ofertado pelos ambulantes?



Fonte: Elaborado pelo autor.

Os que informam já ter tido problemas relacionados com a qualidade dos produtos está representado no Gráfico 39 sendo motivo dessa insatisfação a aquisição de alimentos mal conservados ou estragados, roupas e acessórios que segundo os turistas não atendeu as expectativas após a compra.

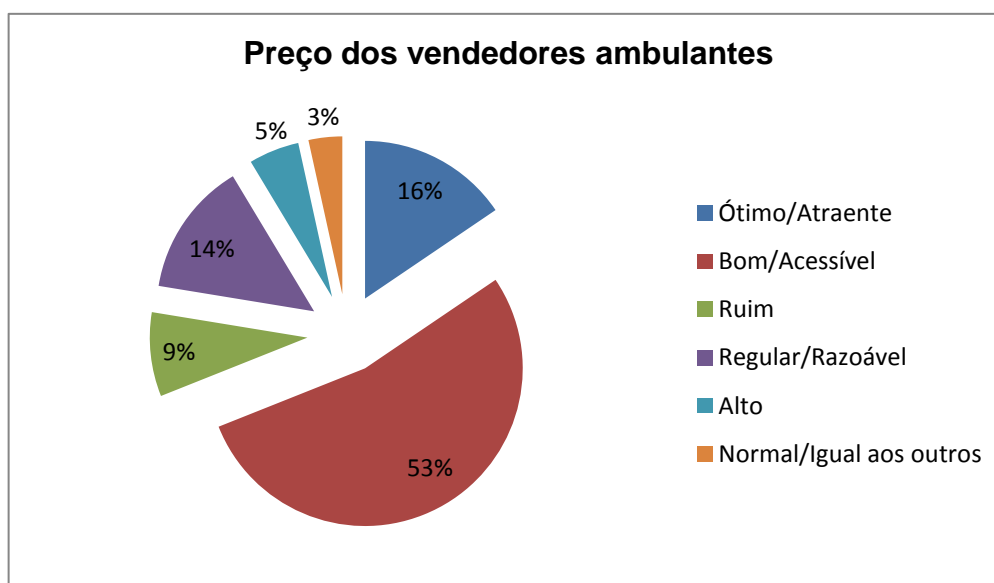
Gráfico 39 - Produtos comprados de ambulantes que causaram problemas



Fonte: Elaborado pelo autor.

Sobre os preços ofertados pelos vendedores ambulantes da Praia do Futuro os turistas opinaram com variadas respostas. No Gráfico 40 se pode conferir sobre as porcentagens e respectivas respostas a respeito da indagação.

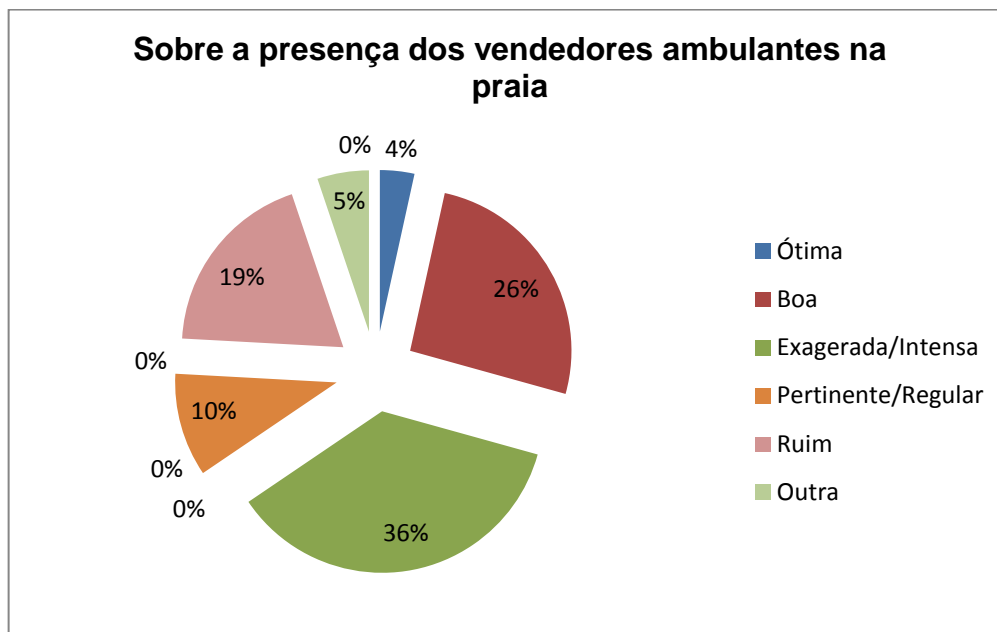
Gráfico 40 - Preços dos vendedores ambulantes



Fonte: Elaborado pelo autor.

No Gráfico 41 pode se analisar o entendimento de como o turista vê o vendedor ambulante na Praia do Futuro. A maioria acha que a presença dos vendedores ambulantes é exagerada seguida também de uma porcentagem significativa que não vê problema com isso.

Gráfico 41 - Opinião sobre a presença dos vendedores ambulantes na praia



Fonte: Elaborado pelo autor.

Constata-se ainda que os turistas consomem produtos no trabalho informal de vendedores ambulantes da Praia do Futuro e aprovam a qualidade de alguns produtos, mas se sentem incomodados com a presença em grande intensidade dos vendedores. Relata uma turista que “Alguns deles chega a ficar com raiva se pedimos para ver os produtos e no final não comprar nada. Prefiro me manter afastada e nem olhar para eles”.

Os turistas também se sentem incomodados com a presença dos vendedores ambulantes que vendem alimentos. Relata um pai com dois filhos presente na Praia do Futuro:

Ao chegar à praia meus filhos ficaram encantados com o lugar, quando percebo já tinham comprado dois espetinhos de queijo fresco. Felizmente eles comeram e nada aconteceu, mas fiquei pensando de onde vieram esses queijos, nem comentei a respeito do meu pensamento com eles mais cedo para não gerar pânico entre eles.

Na Figura 17 pode-se conferir o momento de abordagens dos vendedores ambulantes aos turistas e moradores locais.

Figura 17 - Momento em que os vendedores ambulantes da Praia do Futuro abordam o cliente



Fonte: Elaborada pelo autor.

Acrescenta a turista abordada pelos vendedores ambulantes no depoimento:

Hoje aqui na Praia do futuro estou impressionada com tantos vendedores ambulantes, chego a pensar quais os motivos que levam a isso, logo penso que pode ser o agravamento da crise econômica que enfrentamos. Parece ter mais vendedores ambulantes que qualquer outro tipo de funcionário, até mais do que os banhistas em dias de semana que não tem grande fluxo de banhistas. A crise econômica só piora esse quadro. Às vezes a gente nota que eles se desesperam para efetivar uma venda, chegam a fazer promoções de improviso, fico com pena deles, mas não tem possibilidade de comprar tudo o que todos eles oferecem. Me sinto incomodada com essa realidade de não poder ajudar pois eles se submetem a esse sol escaldante sem certeza alguma do retorno alguns chegam a quase se humilhar por uma venda.

A presença dos vendedores ambulantes seria mais agradável se fosse em número reduzido. Uma turista de Caucaia região metropolitana de Fortaleza diz que

De certa forma precisamos deles, pois, seus produtos são criativos e a maioria das barracas não tem os mesmos produtos, as vezes nosso protetor solar acaba e a gente encontra rapidamente o produto sendo comercializado no trabalho dos vendedores ambulantes, de certa forma eles ajudam muito.

Contudo enfatiza-se que a interação entre vendedor ambulante e turista ao longo da Praia do Futuro é constante, a todo instante chega um vendedor e em seguida outros. O turista aprova a atividade, mas também há os que não gostam. O fato é que o governo se mantém afastado desses negócios informais, pois não houve presença alguma de fiscalização durante a realização da pesquisa.

4 CONCLUSÃO

Pode-se concluir com este estudo e com base nas pesquisas que o trabalho informal é uma realidade presente na economia cearense. Ao analisar os gráficos é possível concluir que o trabalho informal da Praia do Futuro é composto por pessoas das mais variadas idades, etnias e grau de escolaridade que ali exercem suas atividades. Concluí se também que do total de 52 vendedores ambulantes pesquisados nenhum deles está formalizado enfatizando então que na Praia do Futuro da cidade de Fortaleza os vendedores ambulantes trabalham em sua maioria na informalidade. Ainda com base nos gráficos e depoimentos é possível concluir que esta atividade é decorrente de diversos fatores, sendo o principal a necessidade de manutenção da subsistência familiar.

A informalidade é uma atividade que ajuda na inclusão social. Quando as pessoas não conseguem trabalho no setor formal geram o próprio trabalho. Daí ser uma atividade que inclui pessoas no mercado de trabalho. Mas ao tempo em que inclui também exclui, pois na informalidade as pessoas não contribuem com impostos, nem com a previdência social, ficando excluídas da aposentadoria por tempo de serviço.

Como medidas de reduzir a informalidade e garantir direitos trabalhistas aos profissionais que atuam na informalidade o Governo Federal lança o MEI sigla que significa microempreendedor individual. Brasil e Ceará contam com quase 6 milhões de trabalhadores que antes estavam totalmente inseridos na informalidade sem ter os direitos garantidos. Mesmo com esse percentual de trabalhadores que eram informais e se formalizaram na pesquisa de campo não foi detectado nenhum vendedor ambulante com CNPJ ativo, ou seja, formalizado. Acredita-se mesmo assim que a cada ano mais e mais trabalhadores informais possam se formalizar tendo os direitos garantidos e possam contribuir para o crescimento do país amparados por seus direitos e deveres.

O consumo turístico na informalidade de vendedores ambulantes da praia do Futuro em Fortaleza Ceará ocorre o ano todo, quando a cidade recebe turistas, mas o maior frequentador da praia é o residente que também utiliza o consumo informal. A sensação de prazer na experiência do consumo informal é explicada, pois é no momento do consumo que o cliente realiza o desejo de comprar um

produto que geralmente só se encontra naquela região, seja um bordado, uma rede ou alimentos diversos. O consumo ligado à informalidade ocorre mesmo com o turista sabendo que o vendedor é informal.

Conclui-se com base nas respostas dos turistas que o consumo informal oferece vantagens por apresentar preços mais baixos devido à ausência de impostos, e a facilidade em encontrar o produto desejado na hora certa.

Conclui-se ainda que o consumo realizado na informalidade apresenta pontos negativos que vai desde a não garantia do produto, a incerteza sobre o preparo dos alimentos com parâmetros de segurança e qualidade alimentar.

Os serviços informais são prestados não só aos turistas, mas a todos que frequentam a praia do Futuro. Esses trabalhadores são parte da população fortalezense que estão inseridas no desenvolvimento econômico da cidade e apropriam das oportunidades que o turismo oferece no combate a pobreza. De alguma forma se inserem nas atividades turísticas e obtêm ganhos.

A praia do Futuro de Fortaleza é um espaço de lazer, mas também lugar de trabalho formal e informal para profissionais. É onde os vendedores informais disputam território em busca de comercializar produtos e oferecer serviços. Muito se discute ainda sobre o trabalho informal e o consumo turístico na cidade de Fortaleza, a capital cearense que cresce economicamente com ajuda do turismo, sendo o mercado informal a realidade inserida na Praia do Futuro e beneficiando muitos trabalhadores.

REFERÊNCIAS

- ADERALDO, M. S. **História Abreviada de Fortaleza e crônicas sobre a cidade amada**. Fortaleza: Programa Editorial da Casa José de Alencar/UFC, 1998.
- ALBERTO, M. A. A noção de empregabilidade nas políticas de qualificação e educação profissional no Brasil nos anos 1990. **Revista Trabalho, Educação e Saúde**, v. 3, n. 2, p. 295-300, set. 2005.
- ALVES, Gi. **O Novo e Precário Mundo do Trabalho**. São Paulo: Boitempo, 1997.
- AMORA, Z. B. (org.). **Cenários geográficos: reflexões e enfoques**. Fortaleza: EdUece, 2009.
- ANDRADE, M. V. **Setor serviços no Brasil: a dualidade revisitada**. 1994. 177 f. Dissertação (Mestrado em Economia) - Centro de Desenvolvimento e Planejamento Regional, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1994.
- ANTUNES, R.. **Adeus ao trabalho?** Ensaio sobre as Metamorfoses e a centralidade do Mundo do Trabalho. São Paulo: Cortez; Campinas, 1995.
- _____. **Os sentidos do trabalho**. Ensaio sobre a afirmação e a negação do mundo do trabalho. São Paulo: Boitempo, 1999.
- BACCEGA, M. A. **Comunicação e culturas do consumo**. São Paulo: Atlas, 2008.
- BARBOSA, L. **Cultura, Consumo e identidade**. Rio de Janeiro: FGV, 2006.
- _____. **Sociedade de consumo**. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.
- BARRETTO, M. **Manual de iniciação ao estudo do turismo**. Campinas: Papirus, 2003.
- BASTOS, A. V. B. Significado do Trabalho: um estudo entre trabalhadores inseridos em organizações formais. **Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, vol. 35, n.6, p. 20-29, nov./dez. 1995.
- BASTOS, M. C. Trabalho formal e informal. **Rev. Trib. Reg. Trab.** 3ª Reg., Belo Horizonte, v.40, n.70, p.171-183, jul./dez.2004. Disponível em: <http://www.trt3.jus.br/escola/download/revista/rev_70_II/Mauricio_Bastos.pdf>; Acesso em: 20 jul. 2016.
- BAUDRILLARD, Jean. **A sociedade do consumo**. Lisboa: Edições 70, 2008.
- BAUMAN, Z. **Vida para consumo: a transformação das pessoas em mercadoria**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.
- _____. **Vida líquida**. Tradução Carlos Alberto Medeiros. 2ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.

BELOQUE, L. D. **A cor do “trabalho informal”**: uma perspectiva de análise das atividades “informais”. 2007. 173f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências Sociais – PEPG em Ciências Sociais Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2007.

BOURDIEU, P. **O poder simbólico**. 10 ed. Rio de Janeiro. Bertrand Brasil. 2007.

BRIEF, A. P.; NORD, W. R. (Ed.). **Meanings of occupational work: A collection of essays**. Free Press, 1990.

BURKE, P. Modernidade, cultura e estilos de vida. In: BUENO, M. L.; CAMARGO, L. O. L. (Org.). **Cultura e consumo**: estilos de vida na contemporaneidade. São Paulo: Senac, 2008.

CACCIAMALI, M. C. (Pré-) Conceito sobre o setor informal, reflexões parciais embora instigantes. **Revista Econômica**, Rio de Janeiro, v.9, n.1, p.145-169, jun. 2007.

CÂMARA MUNICIPAL DE FORTALEZA. **Imagem das Barracas da Praia do Futuro em Fortaleza**. Fortaleza, 2011.

CAMARGO, L. O. L. **O que é lazer**. São Paulo: Brasiliense, 2006.

CANCLINI, N. G. **Consumidores e cidadãos**: conflitos multiculturais da globalização. 7. ed. Rio de Janeiro: UFRJ, 2008.

CARLOS, A. F. A. **O lugar no/do mundo**. São Paulo: Hucitec, 1996.

CASTRO, C. M.; CASTRO, M. H. M.; LEITE, E. M. Educação no Brasil: atrasos, conquistas e desafios. In: TAFNER, P. (Ed.). **Brasil**: o estado de uma nação. Rio de Janeiro: Ipea, 2006. p.121-228.

CASTRO, J. L. de. **Fatores de Localização e Expansão da Cidade de Fortaleza**. Fortaleza: Imprensa Universitária UFC, 1977.

CASTRO, M. A. **O Camelô na Cidade de Belo Horizonte: Informalidade e Identidade**. 2003. 94f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Pontifícia Universidade Católica, Belo Horizonte, 2003.

CAVALCANTE, S. M. *et al.* Dinâmica socioeconômica e a formação de territórios no centro de Fortaleza-Ce: o Beco da Poeira e a Feira da Sé. **Revista Geográfica de América Central**, Costa Rica, v. 2, n. 47E, p,1-13, jul./dez. 2011.

CERTEAU, M. **A invenção do cotidiano**: artes de fazer. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

CÊA, Geórgia Sobreira dos Santos. **O estado da arte da formação do trabalhador no Brasil**: pressupostos e ações governamentais a partir dos anos 1990. Cascavel: EDUNIOESTE, 2007.

TRABALHO informal cresce quatro vezes mais rápido que o mercado formal. **CMI Brasil**, Rio de Janeiro, 14 set. 2004. Disponível em: <<http://www.midiaindependente.org/pt/red/2004/09/290143.shtml>>. Acesso em: 14 abr. 2016.

CORIOLOANO, L. N. M. T. **O Turismo e a Relação Sociedade-Natureza: realidades, conflitos e resistências**. Fortaleza: EdUECE, 2007.

CORIOLOANO, L. N. M. T.; FREIRE, D.F. As barracas da Praia do Futuro e a dinâmica dos trabalhadores informais. In: XVI Encontro Nacional dos Geógrafos crise práxis e autonomia: espaços de resistência e esperanças, 16, 2010, **Anais Eletrônicos...** Porto Alegre: AGB, 2010. p. 1-19. Disponível em: <<http://www.agb.org.br/evento/download.php?idTrabalho=1997>>. Acesso em: 25 set. 2016.

CORIOLOANO, L. N. M. T. **Turismo, Territórios e Conflitos Imobiliários**. Fortaleza: EDUECE, 2012.

CORIOLOANO, L. N. M. T.; VASCONCELOS, Fábio Perdigão. Lazer e turismo: novas centralidades da sociedade contemporânea. **Revista Brasileira de Estudos do Lazer**, v. 1, n. 2, p. 3-22, maio/ago. 2014.

CORIOLOANO, L. N. M. T.; VASCONCELOS, Fábio Perdigão. **O turismo e a relação sociedade- natureza**. 2. ed. Fortaleza: EdUece, 2014.

COSTA, J. N.; MARTINS, J. V. O OLHAR DO AMBULANTE: enquanto sujeito histórico do São João da Parnaíba. 2014. In: II Encontro Internacional História, Memória, Oralidade e Culturas, 2., 2014, **Anais Eletrônicos...** Fortaleza: UECE, 2014. p.1-15. Disponível em: <<http://www.uece.br/eventos/2encontrointernacional/anais/resumos/8185.html>>. Acesso em: 14 jul. 2016.

DANTAS, E. W. C. **A cidade e o comércio ambulante: estado e disciplinamento da ocupação do espaço público em Fortaleza (1975 – 1995)**. Fortaleza: Imprensa Universitária, 2014.

DANTAS, E. W. C. Apropriação do espaço público pelo comércio ambulante: Fortaleza-Ceará-Brasil em evidência (1975-1995). *Geocritica - Scripta Nova Revista Eletronica de Geografia y Ciencias Sociales*, Barcelona, v.9, n.202.2005. Disponível em: <<http://www.ub.es/geocrit/sn/sn-202.htm>>. Acesso em: 23 nov. 2015.

DARIKREIN, J.; WEISHAUPTPRONI, M. **Economia informal: aspectos conceituais e teóricos**. Escritório da OIT no Brasil. - Brasília: OIT, 2010.

FEATHERSTONE, M. **Cultura de consumo e pós-modernismo**. São Paulo: Studio Nobel, 1995.

FECHINE, J. A. L. **Alterações no perfil natural da zona costeira da cidade de Fortaleza Ceará, ao longo do Século XX.** 2007. 116 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Centro de Ciências, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2007.

FISHER, A. G. B. A Note on Tertiary Production. **The Economic Journal**, v.62, n. 248, 1952.

FILION, L. J. O empreendedorismo como tema de estudos superiores: palestra proferida no Seminário “A universidade formando empreendedores”, CNI-IEL Nacional, 1999, Brasília. **Anais eletrônicos** ... Brasília: CNI-IEL, 05/1999. Disponível em: <<http://www.iel.com.br>>. Acesso em 24 jun. 2016.

FREIRE, A. L. O. O desenvolvimento do comércio e a produção do espaço urbano. **GeoTextos**, v. 6, n. 2, 2011.

FUSTER, L. F.. **Teoria y técnica Del turismo.** Madrid: Nacional, 1979.

GIACOMINI FILHO, Gino. **Consumidor versus propaganda.** 5ed. São Paulo: Summus, 2008.

GOELDNER, C.R.; RITCHIE, J.B.; MCLINTOSH, R.W. **Turismo: princípios, práticas e filosofias.** Porto Alegre: Bookman, 2002.

GONÇALVES, Janayde. Fortaleza é uma das piores capitais em saúde e educação. **Jornal Diário do Nordeste.** Cidade. Edição 14 set. 2009. Disponível em: <<http://diariodonordeste.verdesmares.com.br/cadernos/cidade/fortaleza-e-uma-das-piores-capitais-em-saude-e-educacao-1.429309>>. Acesso em: 06 jul. 2015.

GOTTDIENER, M. **A produção Social no Espaço Urbano.** São Paulo: Edusp. 1997.

GROSTEIN, M. D. Metrópole e Expansão Urbana: a persistência de processos “insustentáveis”. **São Paulo em Perspectiva.** São Paulo, 15, n. 1, jan./mar., 2001. Disponível em : < <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-88392001000100003>>. Acesso em: 22 ago. 2016.

GORZ, A. Saindo da sociedade do trabalho assalariado. **São Paulo em Perspectiva**, São Paulo, vol. 9, nº 3, p. 135-144, jul./set. 1995.

HARVEY, D. **Condição pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural.** 13ª ed. São Paulo: Loyola, 2004.

IPECE. **Perfil Básico Municipal 2015.** Fortaleza, 2015. Disponível em: <http://www.ipece.ce.gov.br/publicacoes/perfil_basico/pbm-2015/Fortaleza.pdf>. Acesso em 30 mar. 2016.

JAKOBSEN, K. *et al.* **Mapa do trabalho informal: Perfil socioeconômico dos trabalhadores informais na cidade de São Paulo.** São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2001.

KUHN, S. L. **A informalidade nas relações de trabalho na construção civil, no município de Cascavel - PR.** 2007. 184f. Dissertação (Mestrado de Desenvolvimento Regional e Agronegócio) - Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional e Agronegócio, UNIOESTE, Paraná, 2007.

LEFEBVRE, H. **Espaço e política.** Belo Horizonte: UFMG, 2008.

LIPOVETSKY, G. **O império do efêmero: a moda e seu destino nas sociedades modernas.** São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

_____. **A felicidade paradoxal: Ensaio sobre a sociedade de hiperconsumo.** São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

MAMBERTI, M. M. S.; BRAGA, R. **Arranjos produtivos turísticos e desenvolvimento local.** In: I Seminário Internacional O desenvolvimento local na Integração: Estratégias, Instituições e Políticas, 2004, Rio Claro. Anais do I Seminário Internacional O desenvolvimento local na Integração: Estratégias, Instituições e Políticas. Rio Claro: IGCE-UNESP, 2004. v. 1. p. 1-11. Disponível em: www.rc.unesp.br/igce/planejamento/publicacoes/TextosPDF/mamberti01.pdf. Acesso em: 12 maio 2016.

MACIEL, W. R. N. **Tempos e espaços da Praia do Futuro: usos e classificações de uma zona liminar.** 2011. 241 f. Tese (Doutorado em Sociologia) - Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal do Ceará, UFC, Fortaleza, 2011.

MATOS, F.O. A cidade de papel: cartografia e fotografia na formação do espaço litorâneo de Fortaleza-Ceará. **Mercator** - Revista de Geografia da UFC, v. 8, n. 16, p. 269, 2009.

_____. A cidade e o mar: considerações sobre a memória das relações entre Fortaleza e o ambiente litorâneo. **Geografia Ensino & Pesquisa**, v. 15, n. 1, p. 71-84, 2011.

MAUTNER, Y. A periferia como fronteira de expansão do capital. In: DEÁK, C.; SCHIFFER, S. (orgs). **O Processo de Urbanização no Brasil.** São Paulo: EdUSP, 2010.

MCCRACKEN, G. **Cultura e consumo: novas abordagens ao caráter simbólico dos bens e das atividades de consumo.** Rio de Janeiro, MAUAD, 2003.

MEISTER, J. A. F. Lazer e prazer é só fazer. In: DORNELES, B.; COSTA, Gilberto Correia. **Lazer, realização do ser humano.** Porto Alegre: Dora Luzzatto, 2005.

MENDES, R.; CAMPOS, A. C. C. Saúde e segurança no trabalho informal: desafios e oportunidades para a indústria brasileira. **Revista Brasileira de Medicina do Trabalho**, v. 2, n. 3, p. 209-223, 2004.

MENICUCCI, T. Políticas Públicas de lazer: questões analíticas e desafios políticos. In: ISAYAMA, H. F.; LINHALES, M. A (org.). **Sobre lazer e política: maneiras de ver, maneiras de fazer.** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.

MOESCH, M. **A Produção do Saber Turístico**. São Paulo: Contexto 2002.

MORIN, E. M. Os sentidos do trabalho. **Revista de Administração de Empresas**, v. 41, n. 3, p. 08-19, 2001.

OLIVEIRA, D. A. Do nacional-desenvolvimentismo ao globalismo: educação para quê. **Educação básica: gestão do trabalho e da pobreza**. Petrópolis: Vozes, 2000.

OLIVEIRA, J. D. **Trabalhadores por conta própria**: O trabalho dos vendedores ambulantes da passarela do Natal Shopping e do Via Direta Dissertação de Mestrado 2009.

OLIVEIRA, J. D. **Trabalhadores por conta própria: o trabalho dos vendedores ambulantes da passarela do Natal Shopping e do Via Direta**. 2009. 175 f. Dissertação (Mestrado em Serviço Social) – Programa de Pós-Graduação em Serviço Social, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2009.

PADILHA, V. **Shopping center, a catedral das mercadorias**. São Paulo, Boitempo, 2006.

PADILHA, V. A indústria cultural e a indústria do lazer. In: MULLER, A.; COSTA, L. **Lazer e desenvolvimento regional**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2002. Cap.5, p. 101-115.

PAIVA, R. A. **A Metrópole Híbrida**: O papel do turismo no processo de urbanização da Região Metropolitana de Fortaleza. 2011. 321 f. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) - Programa de Pós-Graduação de Arquitetura e Urbanismo , Universidade de São Paulo, 2011.

PAMPLONA, J. A atividade informal do comércio de rua e a região central de São Paulo. **Caminhos para o centro**: estratégias de desenvolvimento para a região central de São Paulo. In:____. São Paulo: EMURB/CEBRAP, 2004. cap5, p. 307-337, 2004.

PASTORE, J. Como conduzir a informalidade? **Revista do Ministério do Trabalho**, 18 out 2000. Disponível em: < http://www.josepastore.com.br/artigos/ti/ti_004.htm. Acesso em: 07 ago. 2016.

PASTORE, J.; SILVA, N. V.; CARDOSO, F. H. **Mobilidade social no Brasil**. São Paulo: Makron Books, 2000.

PONTE, S. R. **A Belle Époque em Fortaleza**: remodelação e controle. In: SOUZA, Simone (org). **Uma nova História do Ceará**. 3. ed. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2004.

POTRICH, A. C. G.; RUPPENTHAL, Janis Elisa. Empreendedorismo na informalidade: um estudo de caso no Shopping Independência de Santa Maria-RS. **Gepros: Gestão da Produção, Operações e Sistemas**, v. 8, n. 3, p. 145, 2013.

PREFEITURA MUNICIPAL DE FORTALEZA. **Revista Fortaleza 2040**, v.2, n.1, (2015). Fortaleza: IPLANFOR, 2015. Disponível em: <http://fortaleza2040.fortaleza.ce.gov.br/site/assets/files/publications/fortaleza2040_iniciando_o_dialogo_17-08-2015.pdf>. Acesso em: 14 maio 2016.

RAMOS, L.; BRITTO, M. **O funcionamento do mercado de trabalho metropolitano brasileiro no período 1991-2002**: tendências, fatos estilizados e mudanças estruturais. São Paulo: IPEA, 2004.

Ribeiro, R. N. **Causas, efeitos e comportamento da economia informal no Brasil**. 2000. 59 f. Dissertação (Mestrado em Economia) – Mestrado em Economia do Setor Público, Universidade de Brasília, 2000.

RIFKIN, J. **O Fim dos Empregos**: O declínio inevitável dos níveis dos empregos e a redução da força global de trabalho. 3. ed. São Paulo: Makron Books, 1998.

ROCHA, E.; BARROS, C. Entre mundos distintos: notas sobre comunicação e consumo em um grupo social. In: BACCEGA, Maria Aparecida (org). **Comunicação e culturas do consumo**. São Paulo: Atlas, 2008. Cap. 3, p.25-34.

ROLNIK, R. O Lazer humaniza o espaço urbano. In SESC/WLRA. **Lazer numa sociedade globalizada**. São Paulo: SESC/WLRA, 2000.

RUSCHMANN, D. V. M.; SOLHA, K. T. (orgs). **Planejamento Turístico**. Barueri: Manole, 2006.

SALES, M. I. S. **A inserção no mercado de trabalho via Informalidade: uma avaliação do programa de geração de trabalho e renda em Fortaleza**. 2006. fDissertação (Mestrado em Políticas Públicas) – Mestrado Profissional em Políticas Públicas, Universidade Federal do Cearpa, 2006.

SALGUEIRO, T. B. Novas formas de comércio. **Finisterra**, v. 24, n. 48, 1989.

SANTOS, F. C.; AMARAL, Sílvia Cristina Franco. Sobre lazer e políticas sociais: questões teórico-conceituais. **Pensar práct. (Impr.)**, v. 13, n. 3, 2010.

SANTOS, G. E. O. ; KADOTA, D. K. **Economia do turismo**. São Paulo: Aleph, 2012.

SANTOS, Milton. Lazer popular e geração de emprego. In SESC/WLRA. **Lazer numa sociedade globalizada**. São Paulo: SESC/WLRA, 2000.

_____. **O espaço dividido**: os dois circuitos da economia urbana dos países subdesenvolvidos. 2. ed., 1. reimp. – São Paulo: Edusp, 2008.

SANTOS, M. C., SILVA, E. S.; SILVA, J. B. **Dinâmica socioeconômica e a formação de territórios no centro de Fortaleza-CE: O Beco da Poeira e a feira da Sé**. Revista Geográfica de América Central, Número Especial EGAL, Ano 2011 ISSN-2115-2563. Disponível em:

<<http://www.revistas.una.ac.cr/index.php/geografica/article/view/3174>>. Acesso em: 23/11/2015.

SANTOS, G. P. G. Desemprego, informalidade e precariedade: a situação do mercado de trabalho no Brasil pós-1990. **Pro-Posições**. 2008, vol.19, n.2, pp.151-161. Disponível em:< <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-73072008000200011>>. Acesso em: 22 abr. 2016.

SEBRAE - Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas. **Cartilha do Microempreendedor Individual**. Sebrae/RJ – Serviço de Apoio às Micro e Pequenas Empresas no Estado do Rio de Janeiro. 9ª versão - janeiro 2014. Disponível em: <<http://www.sebrae.com.br/Sebrae/Portal%20Sebrae/UFs/RJ/Menu%20Institucional/Cartilha%20MEI%20jan2014.pdf>>. Acesso em: 20 jun. 2016.

_____. **5 anos: microempreendedor individual – MEI: um fenômeno de inclusão produtiva.** / SEBRAE. – Brasília: SEBRAE, 2015. Disponível em: <[http://www.bibliotecas.sebrae.com.br/chronus/ARQUIVOS_CHRONUS/bds/bds.nsf/f50b81419a26467c89174b15d48bd8af/\\$File/5359.pdf](http://www.bibliotecas.sebrae.com.br/chronus/ARQUIVOS_CHRONUS/bds/bds.nsf/f50b81419a26467c89174b15d48bd8af/$File/5359.pdf)>. Acesso em: 20 fev. 2016.

SILVA, A. P.; FROELICH, J. M. Uma reflexão sobre o consumo turístico em territórios rurais. In: VI Seminário de Pesquisa em Turismo do MERCOSUL - SeminTUR Saberes e fazeres no turismo: interfaces, 6., 2010, Caxias do Sul. **Anais Eletrônicos...**Caxias do Sul, RS: Universidade Caxias do Sul, 2010. Disponível em: <http://www.ucs.br/ucs/tpIVSeminTur%20eventos/seminarios_semintur/semin_tur_6/gt12/arquivos/12/Uma%20reflexao%20sobre%20o%20consumo%20turistico%20em%20territorios.pdf>. Acesso em: 30 nov. 2015..

SILVA, E. S.; SANTOS, M. C; SILVA, J. B. Comércio Informal no centro de Fortaleza: Beco da Poeira e Feira da Sé. In: Encontro Nacional dos Geógrafos, 16., 2010, Porto Alegre. **Anais...** Porto Alegre: AGB, 2010.

SILVA, M. A. F. **Humor, Vergonha e Decoro na Cidade de Fortaleza (1850-1890)**. Fortaleza: Museu do Ceará, SECULT, 2009.

SILVA, J. B. **Os incomodados não se retiram**. Uma análise dos Movimentos sociais em Fortaleza. Fortaleza: Fundação Demócrito Rocha, 1992.

SILVA, Â. M. F.. **A cidade e o mar: as práticas modernas e a construção do espaço da Praia do Futuro**. 2006. 130 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Centro de Ciências, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2006.

_____. Fortaleza, mar e sertão. In: CHAVES, Gilmar (org.). **Ceará de corpo e alma: um olhar contemporâneo de 53 autores sobre a terra da luz**. Rio de Janeiro: Relume Dumará / Fortaleza: Instituto do Ceará, 2002. p.123-129.

SINGER, P.; POCHMANN, M. **Mapa do trabalho informal**. Perfil socioeconômico dos trabalhadores informais na cidade de São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2000.

SLATER, D.n. **Cultura do consumo e modernidade**. Tradução Dinah de Abreu Azevedo. São Paulo: Nobel, 2002.

SÓRIO, R. E. R. Educação profissional em saúde no Brasil: a proposta das escolas técnicas de saúde do Sistema Único de Saúde. **Formação**, v. 2, n. 5, p. 2002, 45-58.

SWARBROOKE, J.; HORNER, S. **O Comportamento do consumidor no Turismo**. São Paulo: Aleph, 2002.

SOUZA, P. I. A. **Setor de turismo, desenvolvimento econômico e desigualdade de renda**: um estudo para a Região Nordeste do Brasil, a partir da matriz insumo-produto inter-regional. 2014. 98 f. Tese (Doutorado em Economia) – Centro de Ciências Sociais Aplicadas, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2014.

TASCHNER, G. B. et al. Lazer, cultura e consumo. **Revista de Administração de Empresas**, v. 40, n. 4, p. 38-47, out-nov. 2000.

TASCHNER, Gi. **Cultura, consumo e cidadania**. Bauru: EDUSC, 2009.

THEODORO, M. As bases da política de apoio ao setor informal no Brasil. **Texto para discussão** – IPEA, n 762. Brasília: IPEA, Set. 2000.

THOMAZ JÚNIOR, A.; FRANÇA JÚNIOR, L. B. (Orgs). **Geografia e Trabalho no Século XXI**. Presidente Prudente: Centelha, 2009. 4v.

YÁZIGI, E. **Sobre a territorialidade do trabalho de rua**. In: _____. O mundo das calçadas. São Paulo: HUMANITAS/FFCH/USP, 2000. p. 383-413.

URRY, J. **O olhar do turista**: Lazer e viagem nas sociedades contemporâneas. São Paulo: Studio Nobel, SESC, 2001.

ZUKIN, S. Paisagens urbanas pós-modernas: mapeando cultura e poder. In: ARANTES, Antonio A. (org.). **O espaço da diferença**. Campinas: Papirus, 2000. p. 80-103.

APÊNDICES

APÊNDICE A– FORMULÁRIOS APLICADOS AOS VENDEDORES AMBULANTES



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CEARÁ
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
CENTRO DE ESTUDOS SOCIAIS APLICADOS
MESTRADO PROFISSIONAL EM GESTÃO DE NEGÓCIOS TURÍSTICOS
Formulário aplicado aos vendedores ambulantes da Praia do Futuro

Questionário nº _____

1. DADOS PESSOAIS

Sexo _____

Idade _____

Estado civil _____

Lugar de Nascimento?(Cidade) _____ UF _____

Onde Mora (bairro)? _____

Quanto à Escolaridade

Não sabe ler Superior Completo

Fundamental Completo

Médio Completo

Universitário

Quanto gasta para ir e vir trabalhar?

2. TRABALHO DE VENDEDOR AMBULANTE

2.1. Você comercializa produtos ou oferta serviços?

2.2. Você tem outro trabalho além deste? SIM () NÃO () Se SIM qual?

2.3. Trabalha como ambulante todo dia?

2.4. Vem quantas vezes por semana vender na Praia do Futuro?

2.5 Trabalha apenas na Praia do Futuro? SIM () NÃO () Se NÃO qual o outro local?

2.6 Quanto apura cada dia como ambulante?

2.7 Quais os produtos que comercializa na praia do Futuro?

2.8 Quais os produtos mais vendidos?

2.9 Como adquire os produtos da venda?

2.10. Você paga INSS?

2.11. Você possui outras fontes de renda? _____

Se sim Quais? _____

2.12 Há quanto tempo trabalha na Praia do Futuro? _____

2.13 Considera seu rendimento na vendas () Bom () regular () insuficiente

2.14 O que faz para ampliar seus ganhos?

2.15 O que faz/fazia antes de ser vendedor ambulante?

2.16. Quanto tempo passa na praia vendendo?

2.17. Faz algum curso profissional? SIM () NÃO () Se SIM qual?

2.18 Procura crédito para ampliar seu negócio? _____ Se SIM onde?

2.19 Como se sente sendo vendedor ambulante?

PERGUNTAS DIRECIONADAS PARA VENDEDORES AMBULANTES QUE PRESTAM SERVIÇOS

Onde prepara os alimentos que vende?

Onde compra as bebidas?

APÊNDICE B – FORMULÁRIOS APLICADOS COM OS TURISTAS NA PRAIA DO FUTURO



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CEARÁ
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
CENTRO DE ESTUDOS SOCIAIS APLICADOS

MESTRADO PROFISSIONAL EM GESTÃO DE NEGÓCIOS TURÍSTICOS

Formulário aplicado ao turista consumidor de produtos e serviços na Praia do Futuro

Questionário nº _____

1. DADOS PESSOAIS

1.1 - Sexo _____

1.2 - Idade _____

1.3 - Você mora em Fortaleza? SIM () NÃO ()

1.4- Qual sua cidade?

1.6 – Sempre visita Fortaleza? SIM () NÃO () 1º Vez ()

1.7 – Veio acompanhado? SIM () NÃO () Quantas pessoas ()

2 – Gosta dos produtos dos vendedores ambulantes? SIM () NÃO () Porquê?

2.1 – Já teve algum problema relacionado com a qualidade do produto ofertado pelos vendedores ambulantes? SIM () NÃO ()
 Se SIM especifique

2.2 – Que acha dos preços ofertados pelos vendedores ambulantes?

2.3 – Como você vê a presença dos vendedores ambulantes na praia?
